



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Artur Hugo da Rosa

Relações singulares entre rua e praia: o espaço vivido da Praia da Tapera

Florianópolis
2022

Artur Hugo da Rosa

Relações singulares entre rua e praia: o espaço vivido da Praia da Tapera

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Alicia Norma González de Castells, Dra.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rosa, Artur Hugo da
Relações singulares entre rua e praia : o espaço vivido
da Praia da Tapera / Artur Hugo da Rosa ; orientador,
Alicia Norma González de Castells, 2023.
145 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Arquitetura e Urbanismo.
3. Praia da Tapera. 4. Espaço Público. 5. Apropriação
Socioespacial. I. Castells, Alicia Norma González de .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Artur Hugo da Rosa

Relações singulares entre rua e praia: o espaço vivido da Praia da Tapera

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 16 de dezembro de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Soraya Nórr, Dra.
UFSC – PósARQ.

Prof. Rafael Devos, Dr.
UFSC - PPGAS

Prof. Vladimir Stello, Dr.
IPHAN/ UNISUL

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

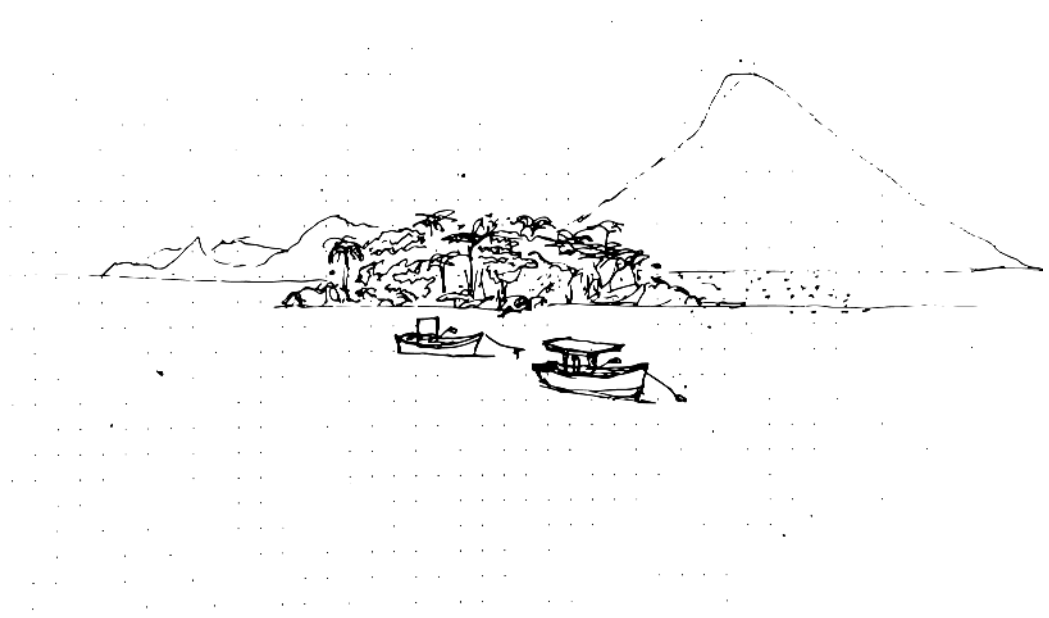
Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof^a. Alicia Norma González de Castells, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2023.



Aos frequentadores da Praia da Tapera.

AGRADECIMENTOS

No momento em que me tornava um mestrando, também me tornava um pai. Entre leituras, artigos e aulas, aprendi também a cuidar do Téo. Em muitas caminhadas pela praia, coletando informações e fotografando, Téo estava comigo, com meses de vida, dormindo no *sling*. Devo ao meu filho, chamado de “camaradinha” pelos pescadores, uma nova maneira de lidar com a vida, de perceber a cidade, e claro, a parceria deste trabalho.

Separei aqui, um bom espaço para agradecer minha cúmplice de vida e mãe do Téo. Carol, tua paciência e generosidade em me ouvir falando sobre a pesquisa, nestes últimos dois anos, é admirável. Muito do que a pesquisa é, foi construída em cima de nossas conversas. Obrigado pela companhia inseparável nas andanças pelo bairro, pelas conversas sobre fotografia e por ter emprestado sua câmera para esse trabalho. Parafraseando-te, “a vida com vocês é um presente”.

Aos meus pais Nádía e André, às minhas irmãs Sabrina e Andréa, por sempre me apoiarem nos momentos de desafio.

À querida Prof^a Dra Alicia Castells, minha orientadora, que com muita atenção, textos e conversas, mostrou-me caminhos possíveis para esta pesquisa. Em nome dela, agradeço aos amigos do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI), ao Cadernos NAUI e ao grupo de orientandos, pelas colaborações e indicações de textos.

Agradeço à Prof^a. Dra. Soraya Nór, ao Prof. Dr. Paolo Colosso, Prof. Dr. Rafael Devos e Prof. Dr. Vladimir Stello, por aceitarem compor a banca, tanto de qualificação quanto a defesa, pela leitura atenta, pelas sugestões e a compreensão deste trabalho que, além de científico, envolve muita emoção, beleza e carinho. Lembro aqui, de forma especial, do Prof. Dr. Luiz Eduardo Fontoura Teixeira, o Peixe. Peixe foi meu orientador de TCC, apresentou-me Michel de Certeau e foi o responsável por me colocar no mundo acadêmico. Foi membro externo na qualificação desta pesquisa, mas, infelizmente, partiu antes de nos encontrarmos na defesa, porém segue conosco.

Aos moradores da Tapera, pela ajuda com a pesquisa, caminhando comigo, mostrando-me a praia, abrindo o rancho, conversando e lembrando de suas memórias carinhosas sobre o lugar: Mingo, Geovane, Dona Val, Reinaldo, Agnaldo, Andreia, Anderson, Campos, Césinha, Espíndola e demais pescadores,

frequentadores da praia, dos bares e da rua. E quanto à revisão de texto e formatação deste trabalho, agradeço à Profª Dra. Patrícia Martins, que além de tudo é moradora do bairro.

Finalmente, agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), instituição que guardo grande carinho. Com seu ensino público e de qualidade, proporcionou minha formação. Orgulho de ser “cria” da UFSC. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade (e privilégio) de ter sido bolsista, durante quase um ano, num país onde os recursos para a pesquisa andam tão escassos e fora da prioridade do projeto de país deste atual Governo.



Cada lugar é, à sua maneira, o mundo.

(SANTOS, 2006, p. 213).

“A Tapera, pra mim, é o melhor lugar do mundo” – Seu Domingos.

(RODRIGUES, 2022).

RESUMO

Este trabalho faz uma análise das formas de apropriação socioespacial do espaço público da Praia da Tapera, balneário de um bairro periférico de Florianópolis-SC, chamado Tapera da Base. A praia apresenta uma diversidade de usos, lugares e práticas identitárias, mostrando-se um espaço ativo e significativo para os moradores do bairro. O território da Praia da Tapera se estende, simbolicamente, pelo seu principal acesso terrestre, a Rua da Praia. A Rua da Praia mostra o caminho para a Praia e é conformada, espacialmente, pela orla marítima. A partir dessa relação, estabeleceram-se as categorias de análise deste trabalho: a Rua e a Praia. O objetivo foi compreender as relações singulares entre estas duas categorias, identificando como operam as atividades e a atribuição de valores nestes espaços públicos ao reconhecer características particulares e reveladoras dos modos de apropriação e, em particular, quando passam por processos de revitalização. A pesquisa, de cunho qualitativa, foi realizada em duas etapas: exploratória e definitiva. No primeiro momento, os dados foram coletados por meio de uma imersão em campo, com observação participante, realizando caminhadas fotográficas e, posteriormente, a escrita de diários de campo a partir das fotografias. Já no segundo momento, a coleta de dados foi feita por meio de entrevistas e consultas a materiais bibliográficos. Verificou-se uma relação indissociável entre as categorias de análise, em que ora a rua vira praia, ora a praia vira rua. Entrando, no território da praia, os usos e atividades realizadas neste espaço público, bem como os valores atribuídos ao local, criam noções de natureza privativa sobre o espaço público, como a relação rancho-praia e o uso da faixa de areia como um “quintal” pelos pescadores e moradores da localidade. Um ponto a destacar é a apropriação dos elementos naturais do lugar, que proporcionam um estreitamento entre cultura e natureza, criando vitalidade, memórias e respeito ao lugar. A pesquisa identificou práticas cotidianas e referências culturais na Praia, que permaneceram durante a revitalização, e que, após esse processo, estabeleceram novas formas de apropriação deste espaço público, e também democrático, da Praia da Tapera.

Palavras-chave: Praia da Tapera; espaço público; apropriação socioespacial; revitalização.

ABSTRACT

This work analyzes the forms of socio-spatial appropriation of the public space at Praia da Tapera, a resort in a peripheral neighborhood of Florianópolis-SC, called Tapera da Base. The beach, ends in a diversity of uses, places and identity practices, proving to be a not active and significant place for the ends of the neighborhood. The territory of Praia da Tapera extends, symbolically, through its main land access, Rua da Praia which shows the way to Beach and is shaped, spatially, by the seafront. From this relationship, the analysis categories of this work were established: the Street and the Beach. The aim was to understand the unique relationships between these two categories, identifying how the activities operate and the attribution of values in these public ends by recognizing particular and revealing characteristics of the modes of appropriation and, in particular, ends undergo revitalization processes. The qualitative research was carried out in two stages: exploratory and definitive. At first, data were collected through field's immersion with participant observation, taking photographic walks, and later, writing field diaries based on the photographs. In the second moment, data collection was done through interviews and consultation of bibliographic materials. There was an inseparable relationship between the categories of analysis where sometimes the street becomes a beach, sometimes the beach becomes a street. Entering the beach territory, the uses and activities carried out in this public space, as well as the values attributed to the place, create notions of a private nature about the public space, such as the ranch-beach relationship and the use of the strip of sand as a "backyard" by fishermen ends of the locality. A point to highlight is the appropriation of the natural elements of the place, which provide a closer relationship between culture and nature, creating vitality, memories and respect for the place. The research identified identity practices and cultural references in beach, which remained during the revitalization, and after this process, established new forms of appropriation of this public space, and also democratic, of Praia da Tapera.

Keywords: Praia da Tapera; public place; social-spatial appropriation; revitalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Você está na Praia da Tapera.....	17
Figura 2 – O bote Gaivota e as brincadeiras do mar.....	17
Figura 3 – O remendar das redes de pesca.....	18
Figura 4 – A relação visual entre rancho e praia.....	18
Figura 5 – A coleta de água na Bica.....	18
Figura 6 – As embarcações que servem como apoio e sombra para os banhistas.....	19
Figura 7 – A Ilha das Laranjeiras.....	19
Figura 8 – Os “crias” na Pedra da Caveira.....	19
Figura 9 – Contextualização do bairro.....	20
Figura 10 – Esquema de localização do bairro.....	22
Figura 11 – Imagens aéreas da Tapera em 1933.....	22
Figura 12 – Os acessos ao bairro.....	24
Figura 13 – As centralidades da Tapera.....	25
Figura 14 – Pertencimento ao distrito do Ribeirão da Ilha.....	27
Figura 15 – Recorte físico da pesquisa.....	30
Figura 16 – Representações da Praia da Tapera pelo bairro.....	31
Figura 17 – As categorias.....	40
Figura 18 – A Rua da Praia.....	41
Figura 19 – A orla em um domingo de verão.....	45
Figura 20 – Recortes visuais da Rua da Praia.....	47
Figura 21 – A rua como local de trabalho.....	48
Figura 22 – Mini Mercado da Praia.....	49
Figura 23 – A antiga casa de Peralta, casa da família Mendes.....	50
Figura 24 – Bar da Praia.....	51
Figura 25 – A relação do Bar da Praia com o mar.....	51
Figura 26 – A apropriação das calçadas pelo Bar da Praia.....	52
Figura 27 – Vista do Bar da Praia pela praia.....	52
Figura 28 – Marolas Bar.....	53
Figura 29 – Apropriação das imediações do bar.....	54
Figura 30 – A permeabilidade visual e integração do bar com a praia.....	54
Figura 31 – Pé na areia.....	54
Figura 32 – Pescadores veem o mar dentro do Marolas Bar.....	55

Figura 33 – O parquinho do final da rua, colocado após a revitalização.	55
Figura 34 – A apropriação das calçadas através das cadeiras de praia.	56
Figura 35 – A conversa de muro.	56
Figura 36 – Dona Val e a conversa pelas janelas.	57
Figura 37 – A vigilância das ruas.	58
Figura 38 – Encontros, conversas e limpeza da rua.	58
Figura 39 – A rua como passagem.	61
Figura 40 – A bandeira do divino pela Rua da Praia.	62
Figura 41 – O caldo de cana.	63
Figura 42 – A apropriação das calçadas pelo caldo de cana.	63
Figura 43 – Permanências.	64
Figura 44 – Churrasco na praia.	65
Figura 45 – Detalhe da churrasqueira improvisada de tijolo cerâmico.	65
Figura 46 – O encontro da “rapaziada” no final da Rua da Praia.	66
Figura 47 – O encontro das famílias no final da Rua da Praia.	67
Figura 48 – <i>Réveillon</i> na praia.	69
Figura 49 – A apropriação da orla na virada.	69
Figura 50 – O futebol na rua.	69
Figura 51 – O uso das calçadas como permanência.	70
Figura 52 – Tarrafas penduradas nas varandas.	71
Figura 53 – A garagem de canoa.	71
Figura 54 – Rede de pesca no quintal.	71
Figura 55 – Barcos e pranchas no quintal.	72
Figura 56 – A nova rampa de acesso usada como permanência.	73
Figura 57 – A rampa como ponto de encontro.	73
Figura 58 – Placa da Rua da Praia colocada na praia, junto aos Ranchos da Bica.	75
Figura 59 – A Praia da Tapera.	76
Figura 60 – Localidades analisadas na Praia da Tapera.	81
Figura 61 – Vista para a orla marítima.	82
Figura 62 – Escavações na Praia da Tapera, 1962.	83
Figura 63 – A Praia da Tapera, pelas lentes de Pe. Rohr.	84
Figura 64 – Notícia sobre as descobertas arqueológicas.	85
Figura 65 – Escavações do Pe. Rohr.	85
Figura 66 – Ranchos de pesca próximos ao Rio da Êra.	87

Figura 67 – Crianças auxiliando Pe. Rohr nas escavações.	88
Figura 68 – Local do sítio atualmente.	88
Figura 69 – Comentários sobre o sítio arqueológico.	89
Figura 70 – Pescador puxando a rede na praia.	90
Figura 71 – Pescador remendando a rede na praia.	91
Figura 72 – Retirando os peixes da rede.	91
Figura 73 – A venda de peixes no novo deck.	92
Figura 74 – A separação dos peixes por caixas.	92
Figura 75 – A balança no deck.	92
Figura 76 – A “beiradinha”	93
Figura 77 – A pipa.	94
Figura 78 – A relação barco e banhista.	95
Figura 79 – A apropriação dos barcos.	96
Figura 80 – A presença dos barcos na praia.	96
Figura 81 – As imagens de santos e orixás no muro.	97
Figura 82 – As velas.	98
Figura 83 – O terreiro efêmero na Praia da Tapera.	99
Figura 84 – A reunião de pessoas em torno do rito.	99
Figura 85 – <i>Le Cabanon</i>	100
Figura 86 – Chegadas e partidas das embarcações.	101
Figura 87 – Esquema gráfico da categoria Ranchos.	102
Figura 88 – Os ranchos do Rio da Êra.	103
Figura 89 – Rancho dos Espíndolas.	104
Figura 90 – Momentos de sociabilidades entre os pescadores.	104
Figura 91 – Memórias da cidade em um rancho de pesca.	105
Figura 92 – Foz do Rio da Êra.	105
Figura 93 – O preparo da rede.	106
Figura 94 – Os Ranchos da Bica.	106
Figura 95 – Estrutura de trabalho.	107
Figura 96 – A limpeza das ostras.	108
Figura 97 – As diferentes tipologias de ranchos.	109
Figura 98 – No interior de um rancho.	109
Figura 99 – A organização.	110
Figura 100 – Pequena gruta com a representação de um pescador.	110

Figura 101 – Imagem de Nossa Senhora Aparecida.....	110
Figura 102 – A ocupação da faixa de areia pelos barcos.....	111
Figura 103 – A Praia do Garcia.....	112
Figura 104 – Um tronco de banco.....	112
Figura 105 – Pia para limpeza de peixes.	113
Figura 106 – A limpeza dos peixes.	113
Figura 107 – churrasco nos Ranchos da Bica.....	114
Figura 108 – As qualificações do território dos Ranchos da Bica.....	115
Figura 109 – A Bica.....	116
Figura 110 – Placas indicativas da Bica na Rua da Praia.	117
Figura 111 – A bombona na Bica.	118
Figura 112 – As diversas formas de carregar água da Bica.....	119
Figura 113 – Momentos de sociabilidades.	120
Figura 114 – Adaptações nas garrafas para melhor manuseio.....	120
Figura 115 – A polêmica da construção de um rancho próximo a Bica.....	121
Figura 116 – A Bica como uma referência cultural da Praia.	122
Figura 117 – Os comentários sobre a Bica.	123
Figura 118 – As embarcações na poita.....	124
Figura 119 – A prática do nado à Ilha.	124
Figura 120 – A nomeação das pedras.	126
Figura 121 – Crianças saltando da Pedra da Laje.	126
Figura 122 – Os saltos da Pedra da Caveira.....	127
Figura 123 – As aulas de <i>Stand Up</i>	128
Figura 124 – Esquema dos usos do mar.....	129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAT	Associação dos Pescadores Artesanais da Tapera
APP	Áreas de Preservação Permanente
BAFL	Base Aérea de Florianópolis
CASAN	Companhia Catarinense de Águas e Saneamento
CCFV	Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - Tapera
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MHS	Museu do Homem do Sambaqui
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
SPU	Secretaria do Patrimônio da União
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	UMA BREVE INTRODUÇÃO VISUAL	17
1.2	DELINEANDO O TEMA.....	20
1.3	RECORTE FÍSICO E JUSTIFICATIVAS.....	28
1.4	MÉTODO DE PESQUISA	33
1.4.1	Aspectos teórico-metodológicos	34
1.4.2	Uma inspiração etnográfica	35
1.4.3	O andar com a câmera na mão	37
1.5	ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO.....	39
2	A RUA	41
2.1	A RUA DA PRAIA	45
2.2	ENTRE O DENTRO E O FORA.....	47
2.3	A RUA COMO PASSAGEM E COMO PERMANÊNCIA	58
2.4	QUANDO A RUA VIRA PRAIA	70
3	A PRAIA	76
3.1	A PRAIA DA TAPERÁ.....	80
3.1.1	O sítio arqueológico da Praia da Tapera	83
3.2	NA AREIA DA PRAIA.....	90
3.3	A RELAÇÃO RANCHO-PRAIA	99
3.3.1	Os Ranchos do Rio da Êra	103
3.3.1	Os Ranchos da Bica	106
3.4	A BICA	116
3.5	O USO DO MAR E DAS PEDRAS.....	123
3.6	QUANDO A PRAIA VIRA QUINTAL	130
4	CONCLUSÃO	132
	REFERÊNCIAS	139
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO	144

1 INTRODUÇÃO

1.1 UMA BREVE INTRODUÇÃO VISUAL

Figura 1 – Você está na Praia da Tapera.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 2 – O bote Gaivota e as brincadeiras do mar.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 3 – O remendar das redes de pesca.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 4 – A relação visual entre rancho e praia.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 5 – A coleta de água na Bica.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 6 – As embarcações que servem como apoio e sombra para os banhistas.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 7 – A Ilha das Laranjeiras.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 8 – Os “crias” na Pedra da Caveira.

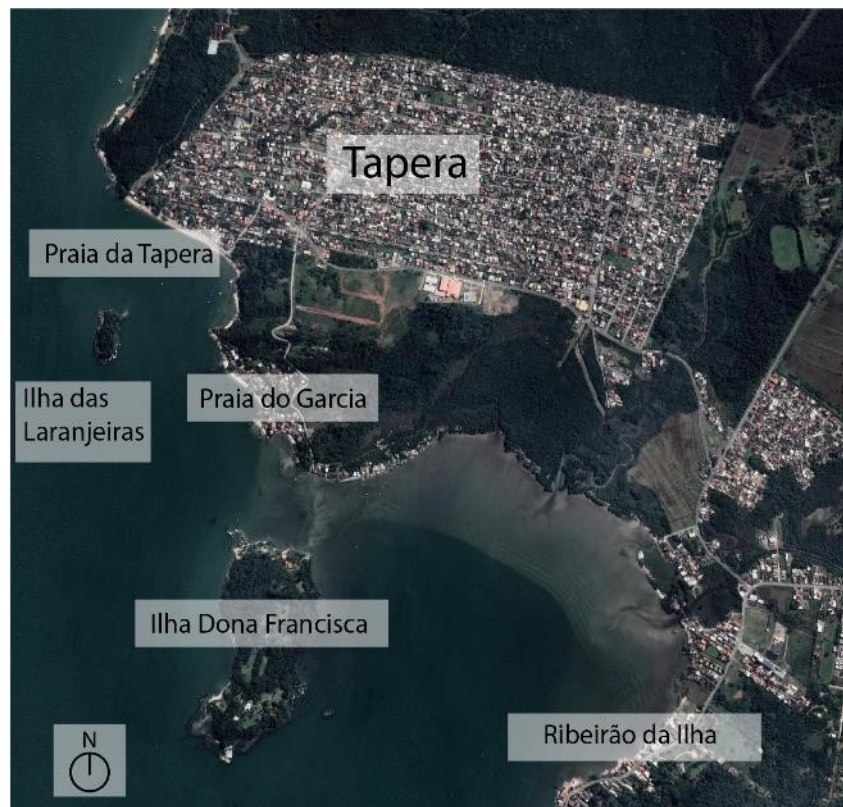


Fonte: acervo do autor (2022).

1.2 DELINEANDO O TEMA

Sou nascido em Florianópolis, Santa Catarina, onde morei durante toda minha vida. Primeiro no bairro Campeche, e mais recentemente, no bairro Tapera da Base. A vinda para a Tapera da Base marcou um momento agitado e feliz da minha vida. Simultaneamente nasciam uma casa, um filho e duas pesquisas, a minha e a da minha companheira. Também nascia uma nova compreensão sobre o bairro que estava nos acolhendo enquanto família e lar. No momento em que fui aprovado no processo seletivo, comecei a afinar o olhar para algum objeto de estudo que envolvesse as temáticas sobre espaço público, antropologia urbana e patrimônio cultural. Estas temáticas de estudo direcionaram toda a pesquisa, que em grande parte, foi elaborada no transcurso da pandemia COVID-19. Ao mesmo tempo que isso me afastava de um convívio mais rico, também me proporcionou uma aproximação do ambiente do bairro, com suas sociabilidades em processo de reconhecimento e descoberta.

Figura 9 – Contextualização do bairro.



Fonte: esquema elaborado pelo autor (2022).

A Tapera da Base¹ é um bairro periférico de Florianópolis - SC, localizado no sul da Ilha, próximo ao Aeroporto Internacional *Floripa Airport* e à Base Aérea de Florianópolis (BAFL). Segundo o Censo de 2010, o bairro conta com aproximadamente 12 mil habitantes. Com mais de um século de atividade pesqueira e uso do mar, sua ocupação urbana começou por fluxos migratórios do oeste e sul de Santa Catarina após a década de 1920, quando foi construído o Centro de Aviação Naval, em 1922. Com a construção do Centro de Aviação Naval, se verificou a existência de uma colônia de pescadores que praticavam a faina² nas ilhas das Laranjeiras e Dona Francisca. Estas ilhas ficam localizadas em frente à praia, conforme mostra a Figura 9. Anos mais tarde, em 1941, o Centro de Aviação Naval se tornou a BAFL, trazendo uma leva de trabalhadores para Florianópolis, onde muitos deles passaram a morar na Tapera. Conforme menciona Espíndola (2006), a ocupação da Tapera começou pela praia e ao longo da Rodovia Açoriana, principal rodovia do bairro.

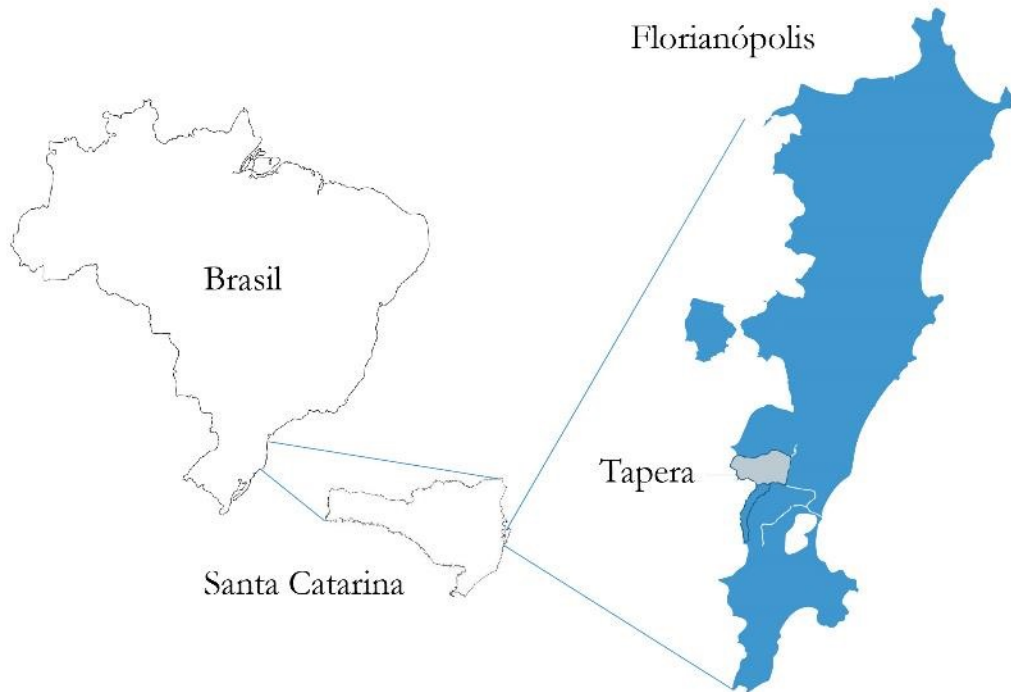
Similarmente ao restante do distrito do Ribeirão da Ilha, Tapera da Base (também chamada de Fazenda do Caiacanga³, Campo do Caiacanga, Praia do Caiacanga, Taperinha) como uma extensão do Ribeirão da Ilha teve suas primeiras famílias ocupando a área entre as faixas de praia e a atual estrada geral (Rod. Açoriana), caminho o qual ligava-se a rua geral da Vila do Ribeirão (Baldicero Filomeno, para ter comunicação com a Freguesia) e passavam os carros-de-boi. Seus habitantes eram pequenos agricultores que produziam a policultura (principalmente engenhos de mandioca e cana de açúcar) e grandes canoieiros e pescadores (ESPÍNDOLA, 2006, p. 13).

¹ O bairro, antes de 2005, chamava-se apenas Tapera. Com a lei complementar 6.919, de 26 de dezembro de 2005, foi “criado o bairro Tapera da Base, localizado dentro do distrito do Ribeirão da Ilha, compreendendo as Unidades Espaciais de Planejamento 123 (Tapera da Base) e 124 (Pedregal)” (FLORIANÓPOLIS, 2005, p.1). O nome Tapera é de origem tupi. É formada pelas palavras *tawa* (aldeia de índios) e *pvera* (que foi), sendo assim, uma aldeia que foi. No decorrer do trabalho, chamarei apenas de Tapera, como os moradores assim a chamam.

² Serviço praticado pela tripulação a bordo de uma embarcação.

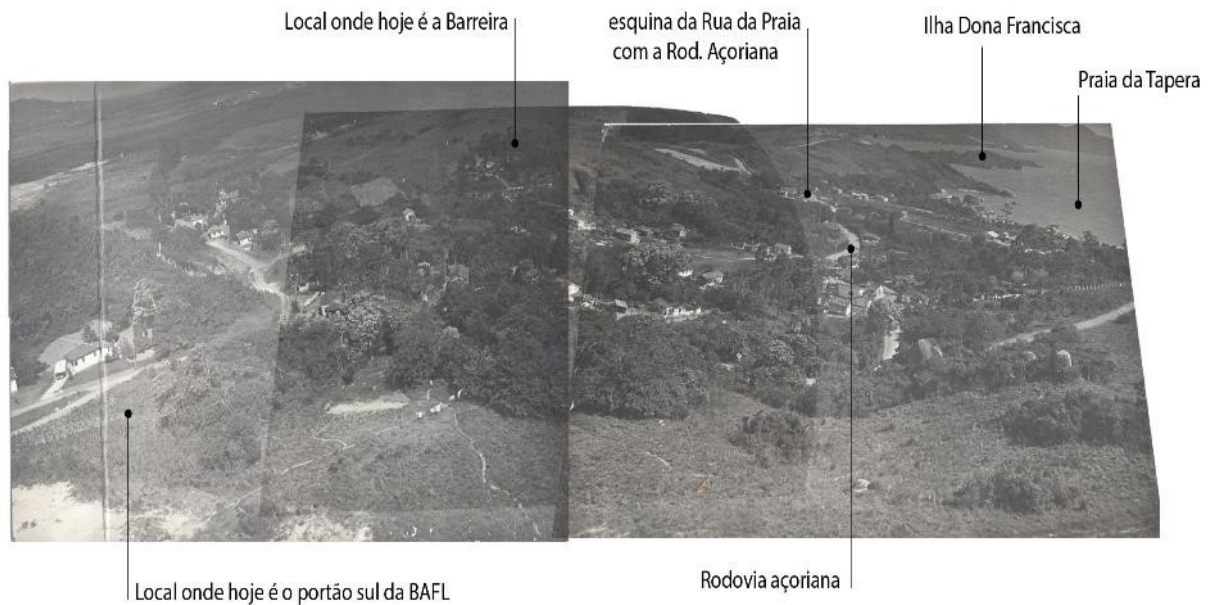
³ Caiacanga, do tupi-guarani, significa cabeça de macaco. Já a palavra caiacanga-mirim, significa pequena cabeça de macaco. É, também, um dos nomes atribuídos à localidade onde hoje é a Tapera da Base.

Figura 10 – Esquema de localização do bairro.



Fonte: esquema elaborado pelo autor (2022).

Figura 11 – Imagens aéreas da Tapera em 1933.

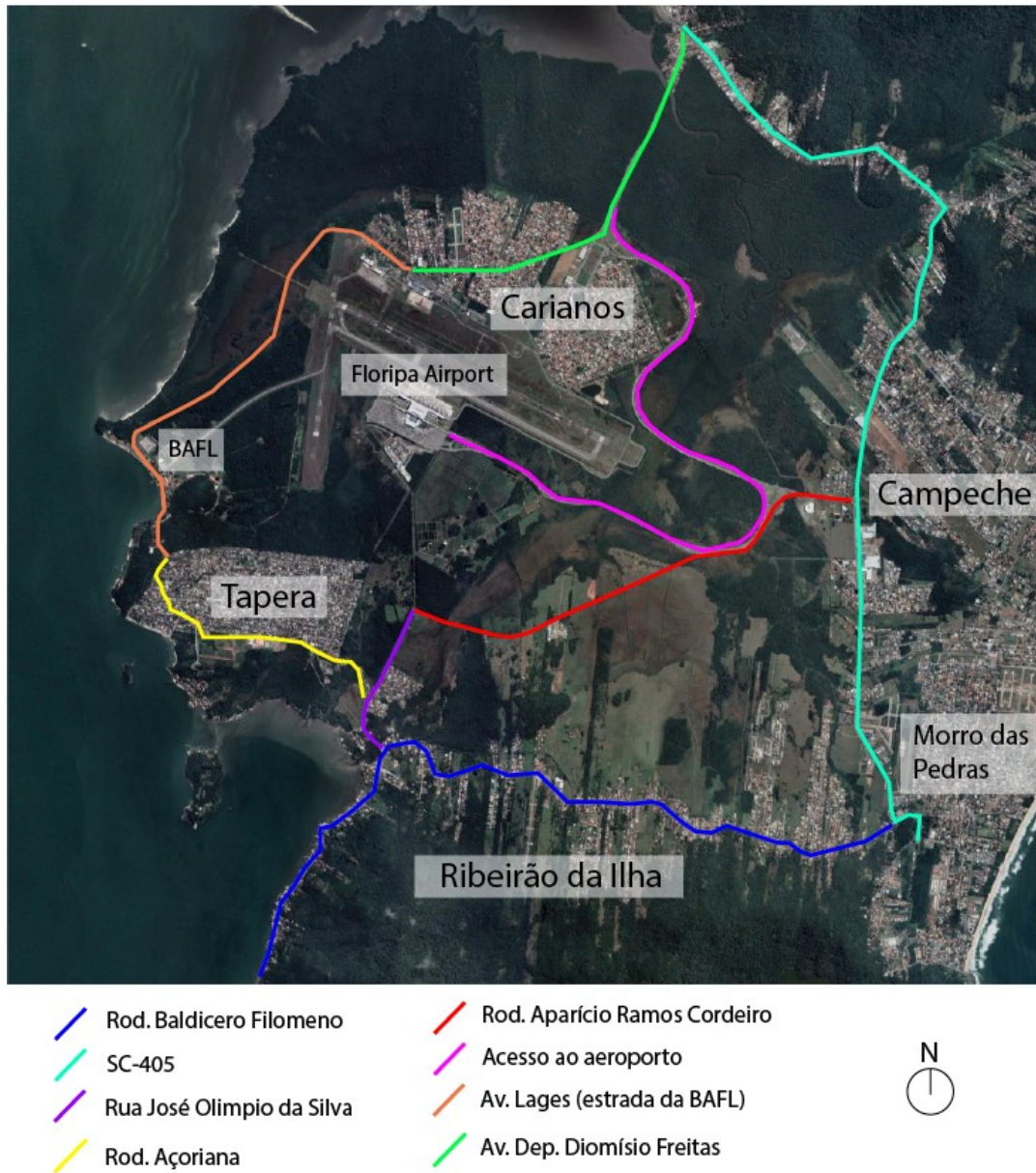


Fonte: Acervo da Casa da Memória. Levantamento aerofotogramétrico, de autoria desconhecida, de 1933. Montagem elaborada pelo autor (2022).

Na década de 1960, houve a descoberta de um sítio arqueológico na Praia da Tapera. Em termos históricos, a Praia da Tapera se torna uma referência importante para a cidade de Florianópolis, pela existência deste sítio arqueológico, com vestígios das ocupações pré-coloniais. Entre 1962 e 1967, foi descoberto no local da praia, 172 covas rasas, conchas, machados e outros artefatos. O local foi pesquisado pelo Pe. Alfredo Rohr e os achados se encontram no Museu do Homem de Sambaqui, situado na cidade de Florianópolis-SC (NIZZOLA; SOUZA; MARQUES, 2021). Os dados sobre o sítio arqueológico serão mais detalhados no Capítulo 3 desta dissertação.

Em 1980, com a construção das rodovias SC-405, facilitou o acesso a bairros do sul da Ilha e atraiu a vinda de novos moradores, embalados pela imagem turística de Florianópolis. A Tapera passou a receber mais moradores pelo baixo valor da terra. O acesso se dava tanto pela rodovia Baldicero Filomeno, na época, em paralelepípedos, quanto pela rodovia Aparício Ramos Cordeiro, conhecida pelos moradores como “estrada nova”. Esta última, através de um requisito para a internacionalização do antigo Aeroporto Hercílio Luz, foi pavimentada em 1995, com um tratamento superficial e provisório. Com uma baixa conservação, em 2006 a rodovia recebeu uma nova pavimentação, de caráter mais permanente (ESPÍNDOLA, 2006). Outra via de acesso é pela Rodovia Santos Dumont, vindo pelo bairro Carianos. A rodovia cruza a Base Aérea de Florianópolis, sendo solicitado um “passe”, que é concedido para uma pequena parcela de moradores do bairro, permitindo a passagem pela área militar. As influências da BAFL sobre o bairro, bem como a história mais detalhada do bairro, são temas abordados no trabalho de Silveira (2022) e não fazem parte do escopo desta pesquisa. Os acessos descritos acima estão ilustrados na Figura 12.

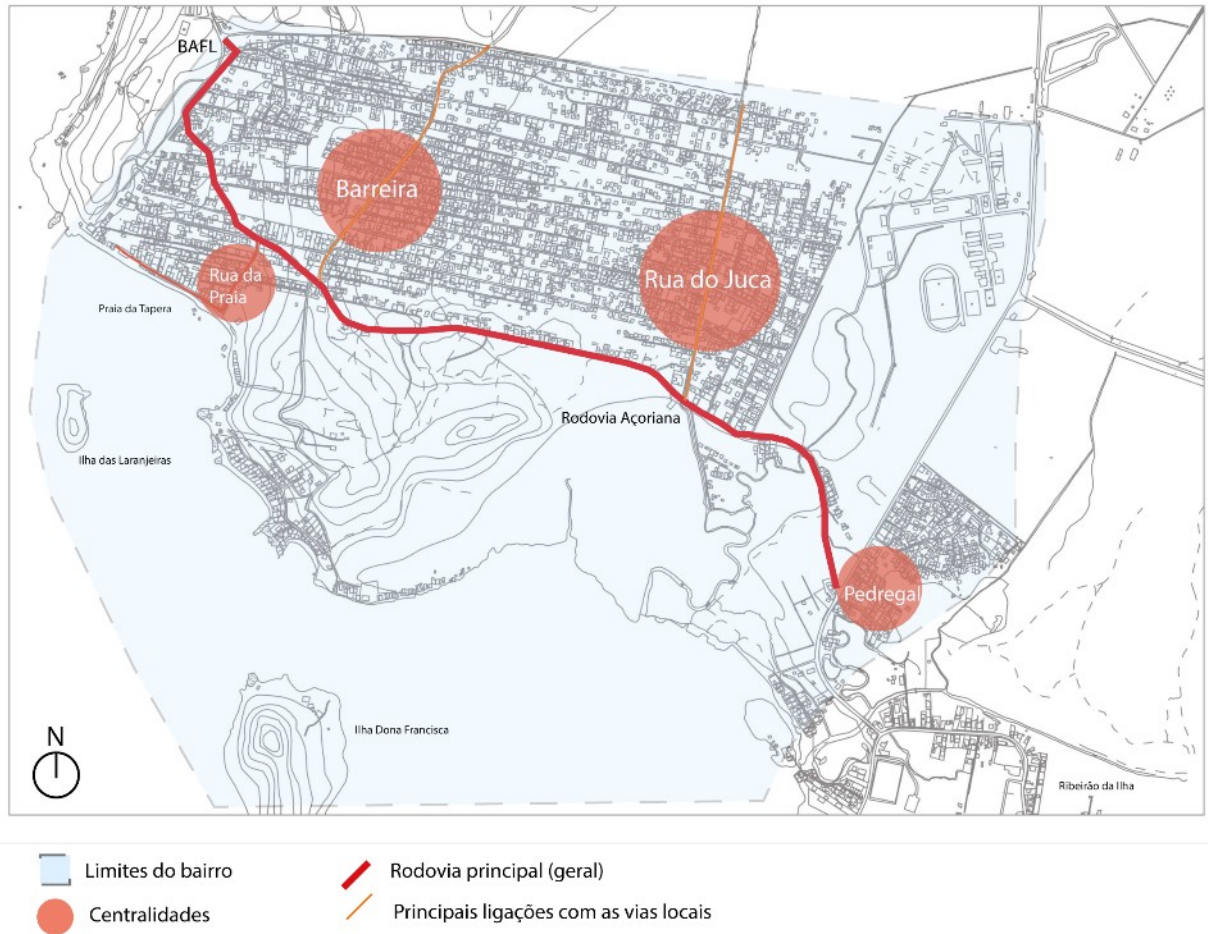
Figura 12 – Os acessos ao bairro.



Fonte: esquema elaborado pelo autor (2022).

Internamente, o bairro possui as seguintes centralidades: Pedregal, Rua do Juca, Barreira e Praia, simbolizada pela Rua da Praia, além de outras localidades que interligam os locais citados, como as ruas que fazem conexão entre a Rua do Juca com a Barreira (Rua das Areias).

Figura 13 – As centralidades da Tapera.



Fonte: esquema elaborado pelo autor, geoprocessamento da PMF (2012), esquema elaborado pelo autor (2022).

A categoria bairro pode ser entendida como um domínio do ambiente social, um espaço urbano onde o morador conhece e é reconhecido por seus vizinhos (MAYOL, 1996). Apesar de frequentar o lugar quando criança e possuir alguns laços com antigos moradores da Rua da Praia, é natural ser visto como uma pessoa de “fora”, que recém chegou para morar. Dessa forma, buscava na memória as visitas às casas de conhecidos, os banhos de mar, os amigos que moravam na Rua da Praia, bem como as histórias sobre a ilha, e assim tinha assunto para conversar com os vizinhos. Minha curiosidade e atenção para conhecer o lugar e suas relações, facilitou minha inserção nas sociabilidades do bairro. Conforme ouvia as histórias, entendia ainda mais a dinâmica da praia e da rua, interessando-me cada vez mais em estudá-la.

Ao iniciar a pesquisa sobre a Tapera, fiquei surpreso ao me deparar com a escassez de informações. Há um evidente desinteresse pelo bairro e isso se

comprova com a falta de estudos. Uma das temáticas transversais, presentes nos poucos trabalhos já feitos, era a segregação socioespacial do bairro em relação à cidade de Florianópolis, evidenciando uma invisibilidade social e cultural. Apesar de ter mais de um século de atividades ligadas ao mar, a Tapera luta contra uma narrativa, criada pelos meios de comunicação, fundamentalmente marcada por crimes e violência, criando uma forte imagem negativa do bairro, conforme menciona Martins (2019).

Essa visão estigmatizada, marcada como um local perigoso, é rebatida com a apresentação de outras perspectivas sobre o bairro, mostrando uma multiplicidade de trajetórias e construindo uma outra narrativa, por meio das memórias do bairro, na história da cidade de Florianópolis, como mostram os poucos, mas atuais estudos, como de Martins (2019) e Silveira (2022).

Nór (2010), em sua tese, busca a compreensão do que seria o território do distrito do Ribeirão da Ilha, através da concepção dos nativos. Durante as pesquisas, somente 3,0% dos entrevistados do Ribeirão da Ilha incluíam a Tapera e Carianos como pertencentes ao distrito. Em relatos presentes na tese, os entrevistados reforçam o discurso entre “nós” e “eles”, evidenciando a falta de compartilhamento de costumes e tradições entre os bairros (NÓR, 2010). Vale ressaltar que a Tapera faz parte do distrito do Ribeirão da Ilha, conforme mostra o mapa na Figura 14.

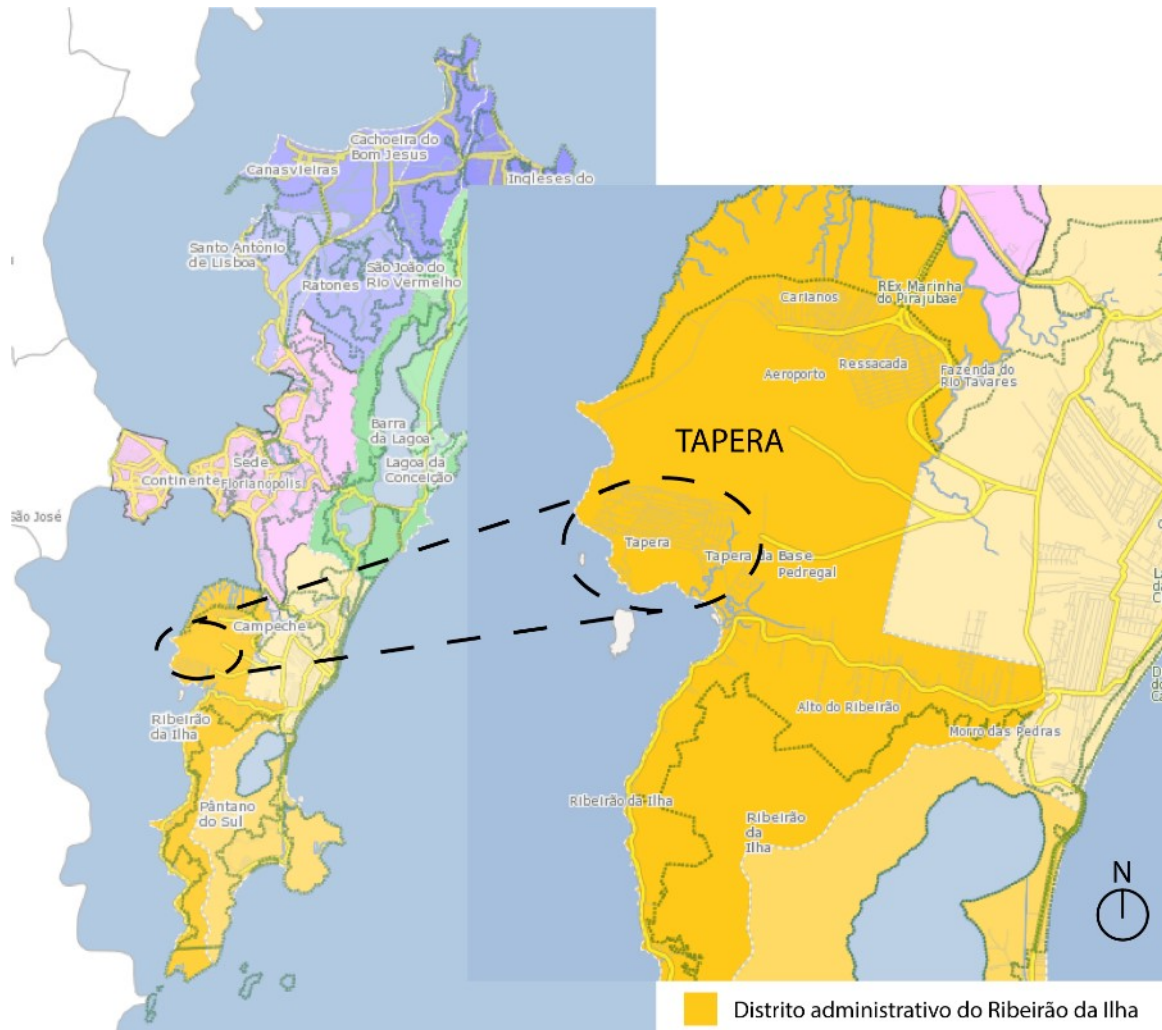
Alguns dos relatos presentes na tese são importantes evidenciar:

Carianos e Tapera da Base, nada a ver. A Tapera é nova, cresceu muito, são muitos imigrantes (de Lages e Joaçaba), e poucos manézinhos. O Sertão é do Ribeirão por causa da cultura (Aurélio, 40 anos, Sertão do Ribeirão).

Carianos e Tapera da Base, não porque fica mais pra aquele canto lá do Aeroporto. Tem bem pouco contato com o pessoal. Esses não têm nada ligado com o pessoal daqui. É tudo de fora. É tudo pessoal que vem do Oeste. Se fosse local não tava como tá. Tá muito perigoso (Joel, 42 anos, Sertão do Ribeirão).

Carianos e Tapera da Base se faz parte não deveria fazer. Aquilo lá é outra coisa. Aquilo já é uma cidade (Adelson, 50 anos, Costeira do Ribeirão). (NÓR, 2010, p. 45)

Figura 14 – Pertencimento ao distrito do Ribeirão da Ilha.



Fonte: imagens do geoprocessamento da PMF. Esquema elaborado pelo autor (2022).

Essa falta de compartilhamento de costumes e tradições, apresentadas nos relatos acima, podem ser acentuadas pelo crescimento e adensamento do bairro. Alguns dados corroboram para isso, como o novo acesso ao Aeroporto Internacional⁴, que facilita o acesso ao bairro. Com a construção de uma nova creche, Escola do Futuro, praças e revitalização de ruas, demonstrando um reforço na estrutura do bairro de 2019 para cá. Como consequência a esta integração viária, somada aos investimentos públicos em estrutura urbana, o bairro passa a ser mais procurado e valorizado.

⁴ O acesso ao Aeroporto *Floripa Airport* iniciou suas obras em 2018 e terminou em 2019. O acesso contorna o loteamento Santos Dumont, no Carianos, e se conecta com a rodovia Aparício Ramos Cordeiro, que dá acesso à Tapera.

Esta procura implica em um fluxo migratório, com a chegada de novos moradores no bairro, vindo de diferentes lugares. Essa dinâmica pode ser lida sob as características atribuídas à cidade contemporânea, marcada como plural e diversificada, onde coabitam diversos grupos sociais, nas mais variadas formas urbanas, econômicas, culturais e políticas. Cada bairro reflete valores culturais das pessoas que nele habitam, ou seja, suas músicas, seus imaginários, seus hábitos, seus alimentos, entre muitos outros fatores que se relacionam com a expressão e criação de espaços e lugares (MONTANER e MUXI, 2014).

Mesmo a Tapera podendo ser lida sob as características de uma cidade contemporânea, nela também é possível ler aspectos tradicionais. Silveira (2022) demonstra o fato de o bairro ter uma historicidade pouco reconhecida pela cidade, mesmo possuindo uma antiga colônia de pesca, um Centro de Aviação Naval e um sítio arqueológico, que historicamente possui um peso importante para a cidade, como vimos anteriormente. A minha investigação buscou entender como a Tapera poderia ser classificada e lida, se retomamos os relatos presentes na tese de Nór (2010), como bairro “novo”. Provocado por esta questão, busquei vivenciar as ruas do bairro. Caminhando pela Praia da Tapera, com o Téo no *sling*, comecei a reconhecer o lugar, questionando-me: quais seriam seus aspectos tradicionais, elementos identitários, referências e patrimônios culturais?

1.3 RECORTE FÍSICO E JUSTIFICATIVAS

No livro *Quando a rua vira casa* (2017), os autores Vogel, Mello e Mollica (2017) formularam um sistema de categorias e relações que se articulam em espaço, valores e atividades. O espaço pode ser encarado como um recorte físico que engloba as categorias, que no caso deste trabalho se resume em Rua e a Praia. Já os valores designam noções sobre as esferas pública e privada, traduzidas em outras variações como visível e invisível, meu e nosso. Por fim, são as atividades que unem os três sistemas, dando função às categorias e definindo as noções a partir do uso (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017).

Existem conjugações de espaços e atividades onde os primeiros não são apenas formas inertes que abrigam um conteúdo eventual, mas elementos determinantes da própria ação. E ao contrário: o que acontece em um local não deve ser visto somente como uma substância que, vertida no espaço-

recipiente, tomasse a forma deste. Os eventos decidem a respeito das próprias qualidades formais do espaço. Produzem, moldam e esculpem os ambientes (MELLO; VOGEL, 1979 -1980, p. 08).

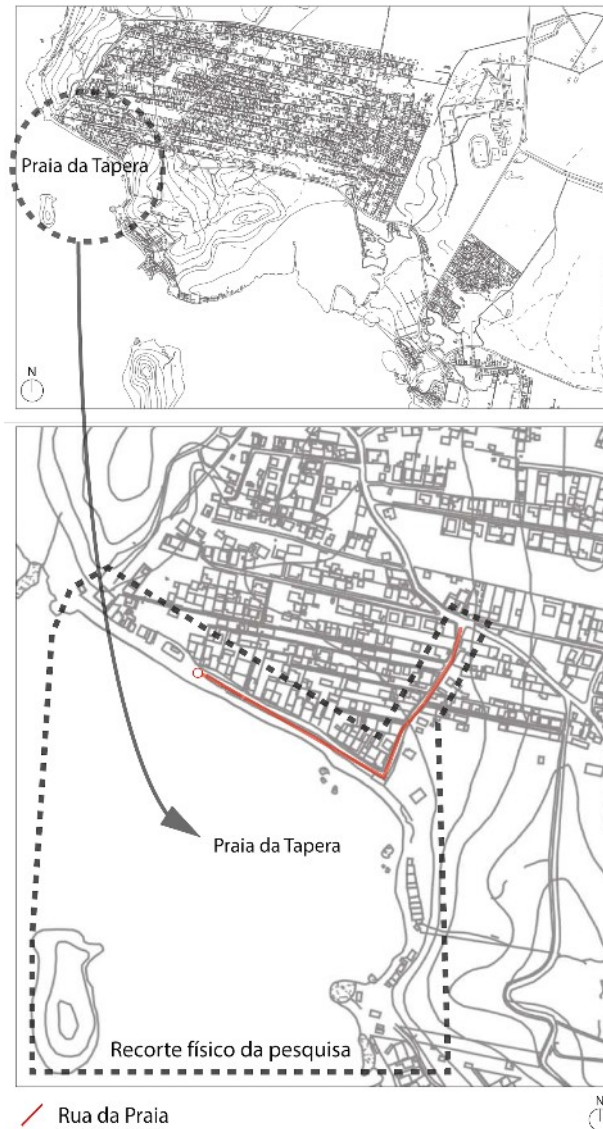
O espaço funciona de ou para alguma coisa, assim como as coisas só podem acontecer ou estar em algum espaço. O espaço não escolhe as atividades ou objetos, é a atividade e os objetos quem escolhe os espaços, qualificando-o (VOGEL; MELLO, 1979). A partir da prática, atribui-se valor. “Quem pratica o espaço é também, de maneira muito sutil, aquele que o produz” (VOGEL; MELLO, 1979, p. 4). Dessa forma, o espaço não se classifica como um mero suporte físico, e sim como um integrante organizador e participante das relações sociais. Ou como conceitua De Certeau, “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 2014, p. 184).

Durante minhas caminhadas pelo bairro, percebi que para responder as questões colocadas anteriormente, eu deveria partir da leitura das relações entre as duas categorias: rua e praia. Ao identificar as diversas formas de apropriação socioespacial que demonstram noções de pertencimento, valores, significados e cuidados, pode-se criar argumentos para apresentar uma outra narrativa a partir do cotidiano da localidade da Praia da Tapera e Rua da Praia, uma narrativa do espaço praticado. Por meio de ferramentas teórico-metodológicas⁵ da antropologia, foi possível fazer essa leitura deste espaço da Rua da Praia e Praia da Tapera, visando o reconhecimento de elementos identitários, bens e referências culturais. Ao falar sobre referência cultural, segundo o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), falamos na configuração de uma “identidade da região para seus habitantes, que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos fazeres e saberes, às crenças, hábitos, etc.” (IPHAN, 2000, p. 14).

Para tanto, era preciso definir um recorte físico para análise e leitura. Entendendo que a delimitação deveria compreender minha capacidade de estudo, portanto, não precisaria abordar todas as centralidades da Tapera, citadas anteriormente. Sendo assim, escolhi a localidade mais antiga do bairro, e coincidentemente, aquela onde passei a morar: a Praia. Dentro desta localidade, o foco da pesquisa foi estudar a Rua da Praia e a Praia da Tapera.

⁵ Será descrito na seção 1.4, destinada aos métodos usados nesta pesquisa.

Figura 15 – Recorte físico da pesquisa.



Fonte: geoprocessamento da PMF (2012), esquema elaborado pelo autor (2022).

A escolha deste recorte se deve ao fato de serem locais ativos e utilizados diariamente, tanto pelos moradores locais, como pelos moradores de outras localidades do bairro, e, no verão, de maneira sutil, frequentado pela população geral da cidade e turistas. A Praia da Tapera está representada pelo bairro, por meio de desenhos, anúncios e fotos. Isso me provocou a querer entender de que forma ela é importante para o bairro?

Figura 16 – Representações da Praia da Tapera pelo bairro.



Fonte: acervo do autor (2021).

Outro aspecto que justifica a escolha destes dois espaços públicos em conjunto é a maneira como eles são indissociáveis. A Rua da Praia, além de ser o principal acesso para a Praia da Tapera, ela também conforma a orla da praia. Outro motivo é que, simbolicamente, a Rua da Praia ultrapassa os limites físicos da via, extrapolando para outros locais, como a faixa de areia e os ranchos de pesca. A Praia da Tapera “começa” pela Rua da Praia. Em resumo, a praia ganha feições de rua, ao passo que a rua vira praia. Dessa maneira, as duas categorias precisam ser analisadas, pois se misturam. Isso ficará mais claro na finalização do Capítulo 2.

Uma outra motivação, que impulsionou a escolha deste recorte, foi a urgência por documentar uma paisagem que estava sendo manipulada, através da revitalização da orla marítima da Tapera - Rua da Praia. Entender a paisagem a partir da perspectiva cultural, ajuda a perceber a construção do lugar enquanto acúmulo de tempos. Formada por elementos naturais e sociais, a paisagem é a acumulação de tempos históricos. Pelo seu caráter vivo e mutável, ela modifica incessantemente, acompanhando as transformações da sociedade (SANTOS, 2012). De certa forma, também queria entender as negociações e conflitos (VELHO, 2006) que ocorrem neste território, que além da revitalização da orla marítima, é alvo de futuras e significativas alterações, através de planos⁶ de alargamento da faixa de areia.

⁶ Com a revitalização concluída, a PMF anuncia ordem de serviço para elaboração de projeto e estudos ambientais para o alargamento da faixa de areia da Praia da Tapera. Pode ser lido neste link: <http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=24510> (acesso 29/11/2022).

Coincidentemente, a pesquisa de campo foi realizada em meio às obras de revitalização da orla marítima, que ocorreram entre os meses de março de 2021 a maio de 2022. Durante o levantamento de dados, *in loco*, surgiram inquietações sobre o porquê deste local passar por uma revitalização e quais os objetivos deste processo. Ou melhor, para quem? moradores ou turistas? A Tapera não está inserida nos roteiros turísticos da “Ilha da Magia”⁷. Seria esse um objetivo por parte da prefeitura⁸? Seria o melhor caminho para trazer turistas e investimentos a este bairro periférico? De toda forma, atualmente, o uso da praia é predominantemente atribuído aos moradores e pescadores. De todo modo, a revitalização também serviu para trazer conforto e infraestrutura aos moradores que frequentam a praia diariamente.

A revitalização da orla marítima - Rua da Praia, mesmo partindo de uma vontade do bairro em valorizar sua orla, não foi o foco principal desta pesquisa, mas é importante considerá-la para o entendimento da valorização deste território, seus usos, as escolhas e seus impactos frente a discursos de homogeneização do espaço público (CASTELLS, 2012). A sua influência nesta pesquisa, visa contribuir para questionar novas dinâmicas e apropriações que surgirão no local, depois de sua modificação, visto que as decisões de projeto não passam pela população. A reflexão, a partir da revitalização da orla marítima - Rua da Praia, pensa em conflitos referentes à paisagem, que por um lado, fruto de um acúmulo histórico (SANTOS, 2012) dos moradores locais, e por outro lado, a paisagem imaginada pela revitalização, que tende a homogeneizar o espaço da praia, utilizando características construtivas e genéricas, encontradas em tantos outros locais, como a pavimentação em bloco de concreto intertravado (*paver*), *decks*, parquinhos e academia ao ar-livre. Partindo dessa reflexão, a paisagem imaginada pela revitalização pode ignorar a singularidade local e expulsar a dimensão do vivido com discursos embandeirados, como atrair turistas e investimentos ao local a qualquer custo. Dessa forma, ignoram os saberes e fazeres dos próprios moradores locais, em prol de uma atividade turística que consuma o lugar, utilizando um termo de Lefebvre (2010), e conseqüentemente, que haja uma diluição da ideia de lugar (AUGÉ, 2012).

⁷ A denominação atribuída à cidade pelas forças do mercado, apelando para as belezas naturais, qualidade de vida, lazer e cultura - principalmente no imaginário fantástico (e bruxólico) de Franklin Cascaes. Foi uma “forte alavanca imagética para projetá-la nacional e internacionalmente” (CASTELLS, 2014, p.175).

⁸ Financiada pelo Ministério do Turismo e pela Prefeitura Municipal de Florianópolis.

1.4 MÉTODO DE PESQUISA

A pesquisa, de cunho qualitativa, foi feita em duas etapas: exploratória e definitiva. Num primeiro momento, para a coleta de dados, foi feita uma imersão em campo, com observação ativa e participante, realizando caminhadas fotográficas sem trajeto definido, eventualmente desenhos de observação, e, posteriormente, a escrita de diários de campo a partir das fotografias. Dessa maneira, criei um contato com o objeto empírico em dois momentos distintos: andando e fotografando, e mais tarde, analisando as fotos e escrevendo.

Houve um segundo momento, em que a coleta de dados foi feita por meio de entrevistas sem roteiro definido, com moradores estabelecidos da localidade da praia. Conversei com Césinha, 70 anos, um pescador, filho de uma benzedeira, que auxiliou Pe. Rohr na escavação do sítio arqueológico quando criança. Também pude conversar com seu Domingos, 75 anos, um antigo morador, imigrante, que veio para a Tapera na década de 1970. Por fim, realizei uma entrevista com a família⁹ Mendes: Agnaldo, 50 anos, e seu filho Anderson, 28 anos, todos moradores da localidade da Praia, netos da Dona Val, morou na Ilha Dona Francisca quando era criança. Agnaldo é pescador e Anderson cresceu brincando nas pedras da praia. Todos esses assuntos serão abordados nos capítulos 2 e 3.

Além disso, também visitei a Casa da Memória e o Museu do Homem do Sambaqui, em busca de imagens e materiais bibliográficos sobre a Praia da Tapera. O banco de dados da pesquisa foi composto por um acervo de fotografias, diários, desenhos de observação e entrevistas.

Em síntese, as etapas de realização da pesquisa foram as seguintes:

a) A realização de caminhadas recorrentes, utilizando somente a câmera fotográfica¹⁰ como ferramenta de escrita e registro. As caminhadas, de maneira livre pelo lugar, proporcionaram observações qualitativas, conversas e o reconhecimento dos limites do local. Elas aconteceram entre março de 2021 e maio de 2022. Em

⁹ As famílias Mendes, Villamil e Espíndola, que moram na localidade da praia, têm descendência de José Rodrigues Villamil, o Peralta. Sua história será abordada na nota de rodapé 17.

¹⁰ A câmera utilizada foi uma Canon 5D, com lentes fixas, variando entre 35mm, 50mm e 85mm. Cada lente era utilizada com um objetivo incluir mais ou menos assuntos na imagem. Isso me dava liberdade para me aproximar ou se afastar dos objetos e assuntos fotografados.

paralelo às caminhadas fotográficas, houve a busca de material bibliográficos e leituras sobre os temas contidos nesta pesquisa.

b) A escrita dos diários e a seleção das fotografias.

c) A coleta de dados por meio das entrevistas e conversas informais com moradores e a visita aos locais com acervo fotográfico e bibliográfico sobre a Tapera, como a Casa da Memória e o Museu do Homem do Sambaqui (MHS).

1.4.1 Aspectos teórico-metodológicos

Cada campo do conhecimento possui seus referenciais teóricos, suas epistemologias, assumindo maneiras diferentes de abordar um mesmo tema. É intencional a mistura entre urbanismo e antropologia. Estes campos formam o conjunto de lentes que me apoio para a realização desta pesquisa. É importante destacar que cada pesquisador possui em sua bagagem influências, formações e referências. Desta forma, o presente trabalho tem a visão de um arquiteto urbanista, focado nos conceitos de espaço, prática e patrimônio cultural, e utilizando questões teórico metodológicas da antropologia urbana.

Já mencionado anteriormente, uma grande influência nesta pesquisa é o livro *Quando a rua vira casa*, dos autores Arno Vogel e Marco Antônio da Silva Mello, com desenhos de Orlando Mollica (2017). O livro se debruça no bairro do Catumbi e na Selva de Pedra, inaugurando, em suas palavras, “um território de perspectivas promissoras, tanto epistemológicas, quanto no que se refere a contribuições concretas para o arranjo do espaço” (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 34). Esta pesquisa pretende seguir nesse território, criado por esta obra seminal.

Além da mistura dos métodos antropológicos e urbanísticos, o livro também inaugura a utilização da combinação de fotografia-desenho, contribuindo para apreender dimensões internas da vida social nos bairros pesquisados (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017). Para o uso da fotografia, além do livro *Quando a rua vira casa* (2017), há um outro livro, escrito pelos arquitetos Jan Gehl e a Birgitte Svarre, intitulado *Vida na cidade: como estudar* (2018). Nele, os arquitetos explicam a utilização de métodos fotográficos para estudar a vida na cidade (GEHL; SVARRE, 2018).

Nas próximas seções, serão justificadas as escolhas teórica-metodológicas, como a aproximação com a antropologia, a caminhada e o uso da fotografia.

1.4.2 Uma inspiração etnográfica

Como já mencionado, em *Quando a rua vira casa (2017)*, os autores utilizam abordagens teórico metodológicas da antropologia. A antropologia, através do embate entre as teorias do pesquisador com as teorias dos nativos, ajuda a relativizar concepções e entendimentos populares sobre para que o espaço serve. Dessa maneira, o objeto empírico de uma pesquisa vai sendo construído (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017). As categorias e processos, sejam acadêmicos ou empíricos, vão ajudar a classificar o uso do espaço. Para fazer isso, é necessário utilizar um método que alcance não só o espaço físico e as materialidades, mas também costumes, comportamentos e interações sociais no cotidiano.

A relação entre antropologia e a cidade se concentra na área da antropologia urbana, ou antropologia das sociedades complexas. Se caracteriza em “um modo de focalizar fenômenos que apresentam diferentes dimensões” (VELHO, 2002, p. 40) em nossa sociedade. Os antropólogos, segundo Velho (2002), têm buscado entender os processos de mediação, trocas e negociações entre os atores e seus territórios.

Magnani (2003) propõe que a antropologia contribui para a compreensão do fenômeno urbano, principalmente sobre a dinâmica cultural e as diversas sociabilidades estabelecidas. Para esta pesquisa, a antropologia contribui, principalmente, com essa abordagem. Magnani (2003) indica o método etnográfico. A etnografia, segundo o antropólogo Geertz:

Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são estas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa (1978, p. 15) (GEERTZ apud MAGNANI, 2003, p. 84).

Por meio desta descrição densa, a etnografia aproxima o pesquisador do universo dos pesquisados. Magnani (2003) fala que além de aproximar e registrar as lógicas e teorias, é, acima de tudo, uma relação de troca e de novos entendimentos.

Através dessa troca, a produção antropológica marca modelos que transitam entre a teoria dos nativos e as teorias do pesquisador. Nesta transição de modelos, ocorrem descobertas que, segundo Magnani (2003), mostram que a antropologia não está presa ao exotismo nem ao falso ponto de vista limitado do nativo, mas aberta a novas relações e construção do conhecimento.

Partindo da observação e da conversa, a etnografia proporciona ao pesquisador uma apropriação do lugar e dos saberes e fazeres dos nativos. Assim, a descrição de tais práticas de sujeitos e grupos sociais, já bem próximas do entendimento do pesquisador, facilita o entendimento das lógicas e relações estabelecidas do lugar. Eckert e Rocha (2003) discorrem sobre a técnica da etnografia de rua, na qual consiste em uma “exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas (sem destino fixo) nos seus territórios.” (ECKERT; ROCHA, 2003, p. 4). O pesquisador, além de voltar seus olhos para a cidade, aprimora seu olhar etnográfico sobre as ações da vida urbana. Segundo as autoras, uma boa etnografia de rua é quando o pesquisador se faz pertencer ao território pesquisado. Esse pertencimento acontece quando o pesquisador se apropria do lugar e das práticas, como citado anteriormente. A etnografia de rua proporciona a visão da cidade como um lugar de trajetos sobrepostos em meio às ações cotidianas, formando assim, paisagens que conformam um território (ECKERT; ROCHA, 2003).

Eckert e Rocha (2003) avisam que mesmo uma frequência considerável no lugar pesquisado, e uma insistência em ser visto e reconhecido pelo “outro”, a etnografia de rua busca um pedido de consentimento em relação às trocas, aos movimentos, aos olhares, códigos e etiquetas observadas no lugar. Para chegar neste consentimento, o pesquisador precisa estar familiarizado, ou estar convenientemente se apropriando do lugar. As autoras afirmam que a cultura urbana é além de convenções gestuais e linguagens recorrentes, mas se apresenta também por meio de práticas ordinárias, saberes e tradições (ECKERT; ROCHA, 2003). Desta forma, a interação entre o pesquisador e o nativo, vem através dos códigos aprendidos durante a observação, conforme escrevem as autoras:

A construção do contexto do encontro etnográfico nutre-se destes códigos apreendidos pelo antropólogo na sua observação constante de si e do Outro, muitas vezes sob o fogo cruzado da situação de interação tanto quanto de negociação de realidade. Em todas elas, os atos que unem os antropólogos aos nativos assumem formas e graus diversos de sentido por

suas especializações e desempenhos de papéis frente a eles (ECKERT; ROCHA, 2003, p. 7).

1.4.3 O andar com a câmera na mão

Walter Benjamin (1997), através do conceito de *flâneur*, um explorador urbano, com sua caminhada errante, traduz o andar como um elemento de percepção e observação da cidade. Michel de Certeau (2014) atribuía o ato de andar como uma forma de percepção oposta à visão de pássaro, adotada pelos urbanistas. Para os situacionistas, a teoria da deriva se constituía em uma caminhada coletiva sem objetivos, deixando-se levar pelas vontades sugeridas pela cidade e seus encontros.

O ato de andar é abordado por Michèle Jolé (2005), em seu texto *Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano*. Para a autora, andar é um método de pesquisa. E ela explica isso por meio de alguns exemplos, como “o andar coletivo”, “à deriva”, “os sociólogos ambulantes” e “os urbanistas que andam com os habitantes”. Ao que cabe nesta pesquisa, concentro-me nos seguintes casos: “sociólogos ambulantes” e “os urbanistas que andam com os habitantes”.

Em “sociólogos ambulantes”, o ato de andar se transforma em uma observação de campo. Andar é um exercício de percepção. “A caminhada se torna o meio de enunciação da fala sobre o lugar percorrido e estudado” (JOLÉ, 2005, p. 426). Por meio dessa abordagem, associada também a uma observação repetida, direta e presencial, é possível apreender as formas de organização do espaço, os fazeres e as práticas socioespaciais. Já em “urbanistas que andam com os habitantes”, ao invés de uma observação de campo, a percepção do lugar é traduzida na forma de diagnóstico urbano. O urbanista lê o lugar para propor “Um momento de troca, de mobilização coletiva, para descrever, ao mesmo tempo, o espaço referido, fazer proposições ou ao menos reagir às proposições em curso” (JOLÉ, 2005, p. 428). Em ambos os casos, o andar é acompanhado de câmera fotográfica, utilizada como recurso de observação, memória (JOLÉ, 2005).

Essas caminhadas são ocasiões de reencontros com testemunhos da vida e da história desses bairros, portos, *cités*, usinas, em busca de traços de uma

história visível e da tomada de imagens (fotos ou vídeos) (JOLÉ, 2005, p. 428).

A caminhada, entre o movimento e a pausa, entre o detalhe e a paisagem, vai sugerindo as conversas, despertando interesses e propondo as imagens. A fotografia vai nascendo desse olhar atento, revelando descobertas pessoais sobre o lugar e as práticas. Como Jolé (2005) menciona:

O aprendizado da boa distância, do bom ângulo, do “bom objetivo” também se faz pelo trabalho coletivo de enquadramento, de análise. A tomada da foto, para além da produção da imagem, agudiza o olhar etnográfico sobre o espaço e, de volta, serve à descrição dos lugares explorados (JOLÉ, 2005, p. 428).

O pesquisador-fotógrafo se torna um *flâneur* que registra suas impressões. A câmera fotográfica é uma potente ferramenta de pesquisa, que contribui para um aprofundamento da percepção de maneira leve e até poética. Nos estudos urbanos, o uso desta ferramenta é solicitado para ilustrar situações da vida e da paisagem urbana. Através dela, pode-se analisar, posteriormente, situações urbanas complexas (GEHL; SVARRE, 2018). A câmera fotográfica também pode ser um elemento integrador entre o pesquisador e a paisagem. As imagens feitas se transformam em testemunho, tornando-se fonte de conhecimento em futuras análises, como também registros eternos de situações e tempos do lugar. Dessa forma, a paisagem é apreendida pelo pesquisador-fotógrafo tanto pelo que se vê quanto pela imagem que se faz (ECKERT; ROCHA, 2003).

O uso da fotografia se tornou parte essencial nesta pesquisa. A etnografia de rua, ao se apoiar na fotografia, coloca o olhar urbano e antropológico do pesquisador como lentes para captar o tema pesquisado. A câmera fotográfica pode ser um recurso de integração do pesquisador com o local de pesquisa. Os registros se tornam testemunhas, mostrando tanto a força de trabalho do pesquisador, como eternizando as situações dos nativos. Assim, o pesquisador toma conhecimento da vida urbana, tanto na imagem quanto pela imagem que faz (ECKERT; ROCHA, 2003).

É preciso esclarecer que a utilização da fotografia exige o conhecimento de código de ética, direito de uso de imagens e toda legislação que aborda esse tema. É preciso ter uma aceitação por parte dos nativos. Por outro lado, Eckert e Rocha (2003) também reflete sobre os habitantes das grandes cidades, que ao frequentarem locais como feiras e praias, estão familiarizados com a fotografia,

ainda mais num mundo globalizado e imerso em celulares e redes sociais. Estes habitantes, segundo a autora, tornam-se atores do mundo social, veiculando suas imagens aos pesquisadores (ECKERT; ROCHA, 2003).

Neste ponto, fica evidente que a proximidade etnógrafo/nativo na rua é possível sempre que a presença da câmera é aceita pelos sujeitos pesquisados. Não raro, os próprios nativos são convidados a manusear a câmera (seja fotografia, seja vídeo) registrando em imagens o mundo que lhe rodeia a partir de sua própria perspectiva, dependendo é claro, de um tempo mais ou menos longo da equipe no contexto da pesquisa de campo (ECKERT; ROCHA, 2003, p. 9).

Em relação aos processos fotográficos, a seleção deve construir uma narrativa, mostrando a caminhada como uma interpretação que elucida o conhecimento do lugar e das práticas sociais (JOLÉ, 2005), mostrando diferentes e complementárias formas de análise e compreensão. Ainda assim, posterior à foto feita e à escolha delas, acontece edição e as escolhas estéticas. As fotos podem ser coloridas ou em preto e branco. A decisão do enquadramento e a escolha do que fica ou não em foco, contribuem muito para a construção da narrativa. Durante o processo de escolha e edição, surgem reflexões e descobertas sobre a pesquisa e sobre os detalhes ocultos, presentes nas fotografias e não vistos presencialmente pelo pesquisador (ECKERT; ROCHA, 2003).

1.5 ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

Para facilitar a organização e a apresentação destes dados, o território foi dividido em duas categorias, sendo elas: a Rua e a Praia. Cada categoria compreenderá um capítulo desta dissertação. Dentro delas, mediante as caminhadas e fotografias, surgiram diversos assuntos a serem abordados. Entre as temáticas que serão discutidas a seguir, estão a apropriação dos espaços públicos, as práticas ordinárias, os saberes, tradições, a relação entre ser humano e natureza através dos lugares e as arquiteturas. Com estas categorias, busco como as atividades qualificam os espaços em público-privado, rua-praia de trabalho-lazer.

A categoria Rua engloba as atividades que têm relação com a via, muros, calçadas, quintais e casas. Na categoria Praia, o foco será nas relações que

acontecem na faixa de areia e no mar, como os ranchos, as brincadeiras, a presença de barcos, redes, imagens de santos e as pedras.

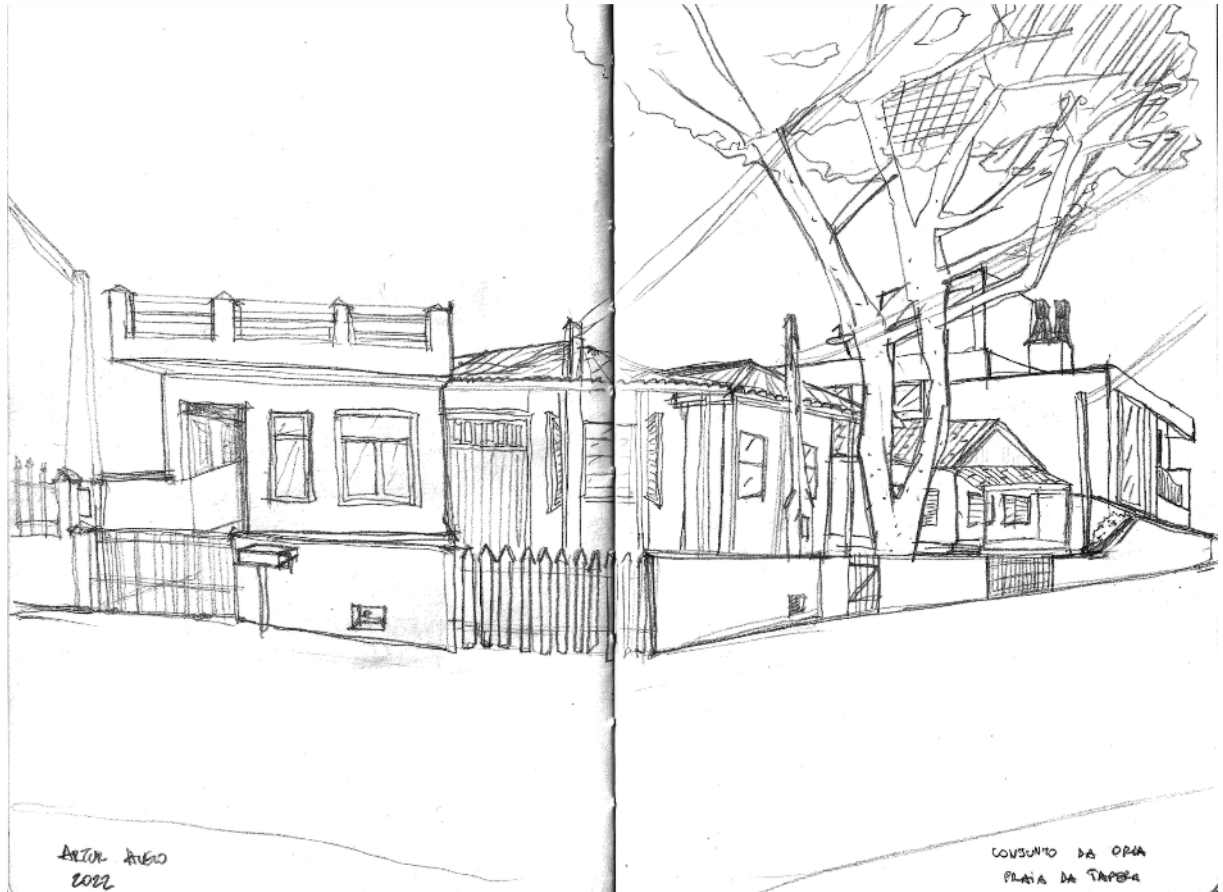
Figura 17 – As categorias.



Fonte: geoprocessamento da PMF (2012), esquema elaborado pelo autor (2022).

2 A RUA

Figura 18 – A Rua da Praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Se as ruas são entes vivos, as ruas pensam, têm ideias, filosofia e religião.

(RIO, 2007, p. 34).

Como havia mencionado, as categorias de rua e praia, nesta pesquisa, misturam-se. Se a Praia da Tapera começa pela Rua da Praia, foi preciso estudar o espaço da rua e das práticas comuns que nela acontecem.

A revitalização da orla marítima, processo que ocorreu, incluindo a Rua da Praia, pode ser interpretada como um confronto entre visões e modelos. De um lado o modelo do urbanismo culturalista e do outro, o progressista. A cidade tradicional de um lado e a cidade contemporânea do outro (CHOAY, 2013). Para o arquiteto Camillo Sitte (1992), representante do urbanismo culturalista, é por meio dos

espaços públicos que as práticas socioculturais acontecem, como manifestações públicas, festas, cerimônias etc. Em síntese, a cidade tradicional é marcada por singularidades do local, em oposição a ideia de universalidade e pluralidade, associada à cidade contemporânea.

Uma parte considerável da vida pública continuou a realizar-se nas praças, conservando assim tanto uma parte de seu significado público quanto algumas das relações naturais entre elas e as construções monumentais que as circundam. (...) Na Idade Média e na Renascença, essas praças ricamente adornadas eram o orgulho de toda cidade independente; aqui, concentrava-se o movimento, tinham lugar as festas públicas, organizavam-se as exposições, empreendiam-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes (SITTE, 1992, p. 25).

A produção do espaço urbano das cidades tradicionais, defendido por Sitte (1992), vai sofrer alterações por meio dos processos de industrialização. O urbanismo progressista trará outros modelos de cidades para as cidades tradicionais. Pautado na racionalidade e no indivíduo-tipo (CHOAY, 2013), ganha forças e notoriedade com os ideais de Le Corbusier (1993), quando apresenta seus princípios funcionalistas na Carta de Atenas¹¹, em 1933. Esse modelo foi duramente criticado por diversos autores, como Jane Jacobs, por ignorar categorias como rua, bairro, vizinhança e lugar (CASTELLS, 2012 apud MAGALHÃES, 2007).

Jane Jacobs, durante a década de 1960, escreve *Morte e Vida das Grandes Cidades* (2014), em que ataca¹² os princípios funcionalistas, defendendo a ideia de diversidade social. Segundo Jacobs (2014), a diversidade ocorre onde há densidade urbana, multiplicidade de serviços, forma urbana que proporcione quadras curtas e misturas de tempos, representadas por edificações de diferentes períodos. A diversidade se expressará na apropriação dos espaços públicos, onde a rua, uma das categorias ignoradas pelo urbanismo modernista, torna-se o principal elemento de vida das cidades, palco de uma vida urbana ativa.

As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar na cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas forem monótonas, a cidade parecerá monótona (JACOBS, 2014, p. 30).

¹¹ A Carta de Atenas contextualiza e fundamenta o urbanismo modernista, caracterizado pelo zoneamento e vias rápidas para os automóveis. O zoneamento é feito a partir das seguintes classificações: habitar, trabalhar, locomover-se e cultivar o corpo e o espírito.

¹² A autora começa o livro com a seguinte frase: “este livro é um ataque aos fundamentos do planejamento urbano e da reurbanização ora vigentes” (JACOBS, 2010, p. 1).

O uso da rua, como espaço da coletividade e cruzamentos, em um contexto brasileiro, é retratado por João do Rio, no início do século XX, por meio de suas crônicas sobre as ruas e seus tipos urbanos, no Rio de Janeiro. Para o autor, a “rua, do latim, ruga, sulco. Espaço entre as casas e as povoações por onde se anda e passeia [...] a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!” (RIO, 2007, p.07). A rua é a causa mais importante da diversidade urbana, local das diversas atividades e suas devidas apropriações do espaço urbano. Vale ressaltar, que por apropriação, entendo aqui como um tomar para si.

Durante as caminhadas pela Rua da Praia, buscava atentamente pelas atividades e movimentos que traduzem a diversidade que há nesta rua. Uma rua, além de ser um referencial de limites de um território, são unidades que têm significados e evocam um modo de vida (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017). Estudar uma rua é também reconhecer uma parcela do modo de vida de um bairro.

Para nossa cultura é impossível imaginar o urbano sem o recurso à noção e à imagem de ruas. A importância de que desfrutam pode ser percebida pela constatação da quantidade de atividades e significados para os quais servem de apoio ou de *locus* (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 46).

De maneira incessante, por meio das atividades, ou da falta delas, a rua participa da criação cotidiana de pertencimento e expressão. A disputa pela rua não é recente. O urbanismo modernista e o processo de industrialização das cidades reforçaram essas mudanças, pois evocam outros modos de vida, cuja consequência é o desaparecimento de práticas cotidianas tradicionais nos espaços das ruas.

Para Le Corbusier (1993), a rua, além de ser a responsável pelos problemas urbanos, era local de encontros não planejados. Nos preceitos do urbanismo modernista, a arquitetura preside os destinos da cidade (CORBUSIER, 1993). Quando esse pensamento sai do papel, cria-se uma anticidade, com espaços urbanos que negam as categorias da cidade tradicional, como a rua e o bairro. Le Corbusier criticava Camillo Sitte e toda sua concepção tradicional, afirmando que “rua curva é o caminho dos burros, a rua reta é o caminho dos homens” (SITTE, 1992, p. 203). Para Sitte (1992), as ruas aos moldes da antiguidade, estreitas e sinuosas, respeitando a topografia, ganhavam novas visadas ao caminhar e

facilitavam a realização de espetáculos públicos, respeitando a escala da pessoa e alimentando a vida pública.

Para Vogel, Mello e Mollica (2017), a experiência do espaço urbano mostra que a rua é mais que uma via ou caminho. Ela é “um universo de múltiplos eventos e relações” (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 46). Se elas possuem vida somente para ser um caminho, elas estão mortas para todas as outras possibilidades. Nas ruas, a vida social possui ritmos, movimentos, fluxos e encontros. Há embates a partir do dentro (espaço privado das casas e terrenos) e fora (espaço público da rua), manifestando-se em outras esferas como visível e invisível, intimidade e exposição.

A expressão “alma da rua” significa um conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalhos, jogos, festas e devoções. Ruas têm caráter e podem ser agitadas, tranquilas, sedes de turmas, pontos e territórios (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 46).

Ao passo que a pesquisa ia tomando forma, a rua foi se mostrando uma importante categoria de análise. A rua articula as relações. Era caminhando pelo espaço da rua que as relações entre a praia se costuravam. A rua mostrava que as respostas, e, também, outras perguntas, cruzavam-se nesse espaço de encontros inesperados. Qual seria o caráter da Rua da Praia? Quais as suas singularidades? O que fortalecia a vida desta rua? Que território demarcava? Voltando a citar João do Rio (2007), se as ruas têm alma, o que compõe a alma da Rua da Praia?

Neste capítulo, vou me debruçar na descrição da categoria rua, sintetizando as formas de apropriação socioespacial e as atribuições de valores aos lugares que compõem a Rua da Praia e sua relação indissociável com a Praia da Tapera. Os dados presentes neste capítulo foram obtidos por meio de caminhadas fotográficas e observação direta e participante, com a escrita de diários e conversas informais.

2.1 A RUA DA PRAIA

Figura 19 – A orla em um domingo de verão.



Fonte: acervo do autor (2022).

A primeira via da Tapera foi a Rodovia Açoriana, considerada a “geral” do bairro. A Rua da Praia conecta a Praia da Tapera com a Rodovia Açoriana. O principal acesso à Praia da Tapera acontece pela Rua da Praia. Entre a BAFL e o Morro do Peralta, fixaram-se as primeiras residências do bairro.

Segundo lembranças de um antigo morador, antes da Rua da Praia ser calçada, ela era de barro. Quando chovia muito, esse barro descia para a praia, deixando a água do mar vermelha. O primeiro calçamento da Rua da Praia foi feito em mutirão, conforme lembra Seu Domingos Rodrigues (2022):

O primeiro calçamento aqui foi nós que fizemos. Foi só de final de semana. A turma toda ajudava. Eu e o vizinho¹³ que colocamos o meio-fio. O calçamento foi em mutirão, a turma toda. O material quem deu foi aquele prefeito da Lagoa, o Ondino. Foi tudo nós que fizemos (RODRIGUES, 2022, s/p. [sic]).

Algumas conversas aconteciam na rua. Domingos me mostrou o calçamento colocado anos atrás, sendo retirados pela revitalização. Essa forma de tomar o espaço comum para si, entendendo-o de maneira coletiva, resulta num cuidado com a rua. Esse cuidado, associado ao trabalho conjunto de vizinhança cria um senso de pertencimento. O primeiro calçamento da rua, feito pelos moradores que não queriam mais lidar com o barro, surge tanto de uma necessidade local quanto de uma ausência do poder público. De toda maneira, a apropriação do

¹³ Os nomes das pessoas citadas durante as entrevistas foram alterados para preservar a identidade.

espaço público, reflete os cuidados na conservação da rua, como a manutenção e a limpeza. Há regras de convívio que condicionam os locais onde se coloca o lixo coletivo, pois o caminhão não entra em algumas travessas conectadas à Rua da Praia, como a Travessa São Lucas.

Segundo Jane Jacobs (2011), ruas precisam de recortes visuais, “para romper a indefinição da perspectiva a distância e ao mesmo tempo aumentar e ressaltar a intensidade do uso da rua” (JACOBS, 2011, p. 423). A Rua da Praia pode ser dividida em dois recortes visuais: da entrada até o Bar da Praia, e do Bar da Praia até o *cul-de-sac*¹⁴, onde simboliza o final físico da rua, conforme ilustrado na figura 20. Os pontos de comércio, estabelecidos a bastante tempo, são locais de socialização e encontros entre os moradores. Como menciona Simas (2020):

O pequeno comércio, o mercado de rua, a feira e o estádio de futebol jogavam no mesmo time de sociabilidades mundanas. No fim das contas, é urgente que a cidade viva sempre o sentido da rua como um espaço de convivência e desaceleração do cotidiano (SIMAS, 2020, p. 83).

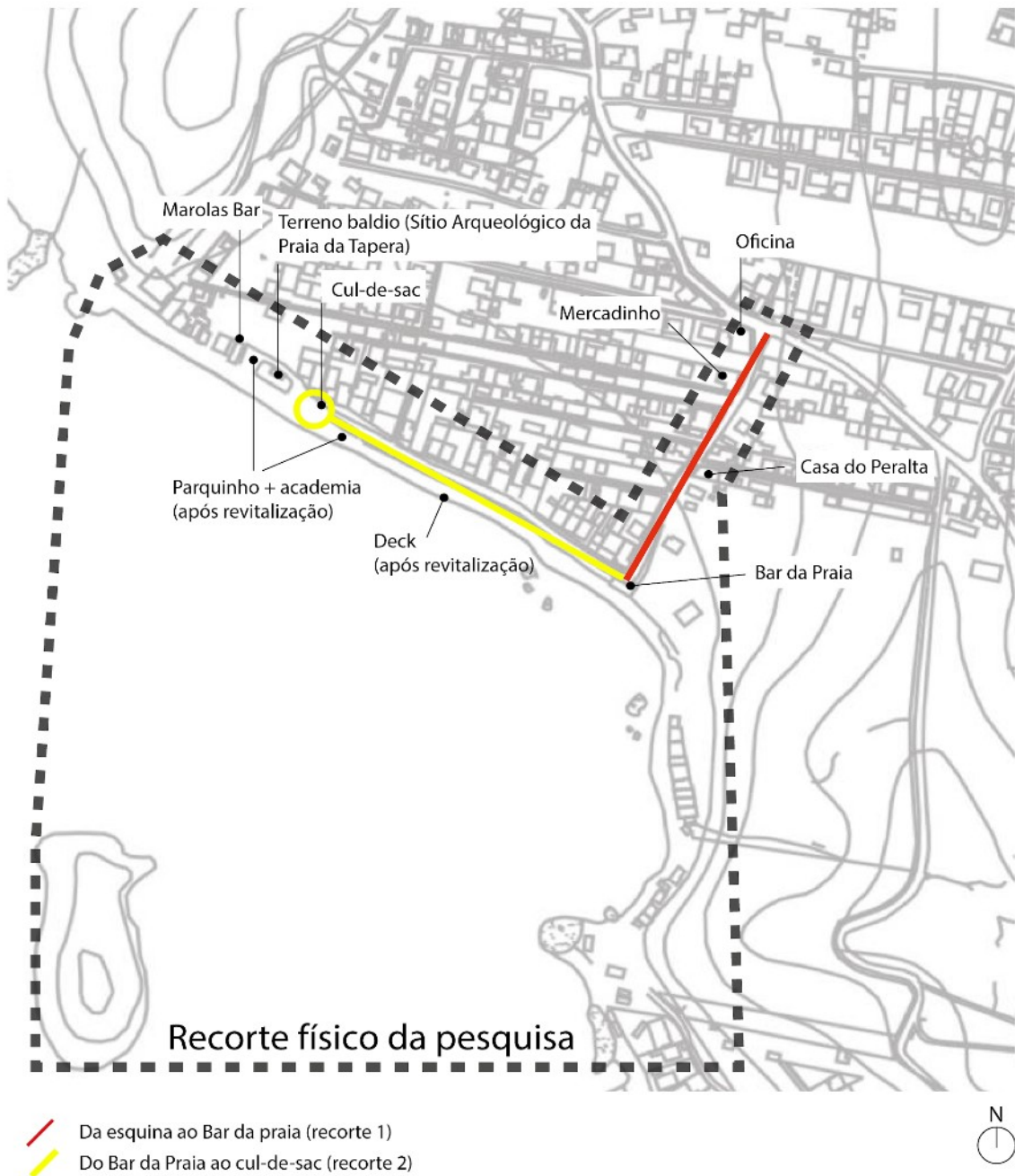
Estes pontos comerciais e de lazer, como a praia, criam os movimentos da rua. Estes pontos são interseções entre o dentro e o fora, da rua para o mercado ou bar, do público para o semipúblico. Em alguns casos, do público para o privado, ao ser analisados outros pontos de comunicação e conversas com a rua, como as janelas, muros, calçadas e portões.

A rua é entendida como o espaço da externalidade, em contraposição ao espaço interno dos lotes e casas. Definida pela face pública, a categoria rua também inclui os espaços das calçadas e esquinas. Conforme Vogel, Mello e Mollica (2017):

A rua pode ser invocada como lugar de passagem, como caminho que leva ao trabalho, ao lazer, ao culto, mas ela mesma dá lugar a todas essas atividades. Uma rua está, em geral, associada ao que se chama de passeio, quer dizer, às calçadas. Estas acompanham o correr das casas e o traçado da via, definindo fisicamente um espaço intermediário que é o espaço das pessoas na rua (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 73).

¹⁴ Desenho arredondado no final de uma rua, para facilitar a realização de manobras com veículos.

Figura 20 – Recortes visuais da Rua da Praia.



Fonte: geoprocessamento da PMF (2012), esquema elaborado pelo autor (2022).

2.2 ENTRE O DENTRO E O FORA

Lefebvre (2010) aponta para a dissolução das antigas formas da cidade tradicional, citando categorias ignoradas pelo urbanismo modernista: o bairro e a rua. O bairro e as ruas da cidade tradicional tensionam a polarização público e privado. Segundo Mayol (1996): o bairro como uma porção do espaço público em

geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço (MAYOL, 1996, p. 40)

Esse tensionamento entre as esferas público e privada acontecem em diferentes âmbitos, seja na relação interior-exterior, casa-rua, trabalho-lazer, visível-invisível, carro-pedestre. Algumas atividades reforçam essa relação entre o dentro e o fora fazendo da rua um espaço de múltiplos usos. “É na tensão entre esses dois termos, um dentro e um fora, que vai aos poucos se tornando um prolongamento de um dentro, que se efetua a apropriação do espaço”. (MAYOL, 1996, p. 42). Neste caso, quando o autor se refere ao espaço, interpreto como espaço da rua. Pensando a partir dos termos dentro e fora, a seguir, serão descritas atividades que tensionam estas relações citadas acima, como usos de trabalho, lazer, cuidados, visibilidades e demais sociabilidades geradas na e pela rua, que se relacionam com o espaço privado.

Logo na entrada da rua, funciona uma mecânica de carros. Apesar da oficina ter espaço interno para os carros, uma das cenas recorrentes para quem entra na Rua da Praia é a presença dos mecânicos arrumando os carros na calçada. Quando a oficina está cheia, a rua funciona como um ambiente de trabalho da oficina, podendo usá-la como estacionamento, liberando o fluxo interno de veículos no seu terreno, como também local de reparos e trocas de peças.

Figura 21 – A rua como local de trabalho.



Fonte: acervo do autor (2022).

Descendo a rua, passando a oficina mecânica, ao lado de um terreiro, fica o Mini Mercado da Praia. O pequeno mercadinho é um comércio vicinal, atendendo principalmente a demanda de pães e alimentos que eventualmente faltam em casa. Possui uma única, porém utilizada mesa de madeira, onde todas as manhãs se encontram rodas de conversa, formada por senhores que formam uma roda de conversa e discutem sobre política e acontecimentos do Brasil e do bairro. Quando o encontro não acontece na mesa do mercadinho, acontece na calçada em frente.

Figura 22 – Mini Mercado da Praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Ao longo da rua, encontram-se algumas casas de madeira, telhado duas águas com telhas marselesas ou fibrocimento. Essa tipologia é associada às casas dos antigos moradores. Com quintais e janelas próximas das ruas, são pontos de conversas, de andar com o passarinho na gaiola, de beber cerveja e ver o movimento da rua. Os quintais, por estarem dentro do lote, são elementos privativos. Mas seu uso, acrescido da visibilidade para a rua, cria relações públicas, sendo local de reunião com vizinhos, brincadeira das crianças e churrascos. Os muros, às vezes nem tão altos, separam e unem os vizinhos ao mesmo tempo. A categoria quintal assume um conjunto de atividades, desde o lazer ao trabalho, dos remendos de

rede de pesca às plantações¹⁵, jardins, casinha do cachorro, como também a comunicação entre vizinhos, reunião familiar e até local de festa. A categoria quintal será abordada novamente no Capítulo 3, ao tratar sobre a praia.

Talvez a mais antiga da localidade, é a casa onde viveu parte da família de José Rodrigues Villamil, conhecido como Peralta¹⁶. Inicialmente com traços coloniais, preserva pouco de sua forma original, restando a beira como característica luso-brasileira, já tendo alterado suas aberturas, telhados e cômodos. Porém, ainda guarda sua singeleza. Hoje, em seu quintal, funciona a hamburgueria Pão Mané, gerida pelo bisneto de Peralta. Um ponto de movimento, com música ao vivo, lanches e petiscos, além de ser ambientado por uma decoração rústica e areia da praia. O local movimentava a rua recebendo clientes, seus carros, que ficam estacionados ao longo da rua e pelas entradas e saídas dos *motoboys*.

Figura 23 – A antiga casa de Peralta, casa da família Mendes.



Fonte: acervo do autor (2021).

Indicando o caminho da praia, a orla é marcada, em seu início e final, por dois bares com propostas e usos distintos. Logo na esquina, no início da orla, em uma localização privilegiada, fica o Bar da Praia. O Bar pertence a uma antiga

¹⁵ É comum ver árvores frutíferas nos quintais das casas na localidade da Praia da Tapera. Estas árvores atraem muitos pássaros, como por exemplo a aracuã, a gralha-azul, a saracura, bem-te-vi e pica-pau, além da presença dos saguis que andam pelas árvores, galhos, muros, fios e postes das imediações da Praia da Tapera.

¹⁶ Considerado pela história oral como o primeiro habitante da Tapera. Segundo Espíndola (2006), (ESPÍNDOLA, 2006) “relatos de moradores antigos da região afirmam a história do primeiro habitante do local, o Peralta, chamado José Rodrigues Villamil, que chegou numa embarcação espanhola por volta de 1880 que ficou atracada cerca de 15 dias na Baía Sul. O rapaz apaixonou-se por Silvina, grande herdeira de terras na região. A casa do Peralta, primeiro morador da Tapera, encontra-se até hoje na Rua da Praia” (ESPÍNDOLA, 2006, p. 13).

família que reside na Rua da Praia. É movimentado, serve porções, pratos *à la carte* e tem música ao vivo nos finais de semana. Sua arquitetura é composta por um volume simples, mas com muitas aberturas, permitindo que o mar seja visto por aqueles que descem a Rua da Praia. Nas calçadas imediatas ao Bar da Praia, ficam algumas mesas de plástico, e inclusive, durante o verão, estas mesas também ocupam a faixa de areia, havendo um atendimento de uso misto, para um público que ocupa tanto a rua quanto a praia.

Figura 24 – Bar da Praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 25 – A relação do Bar da Praia com o mar.



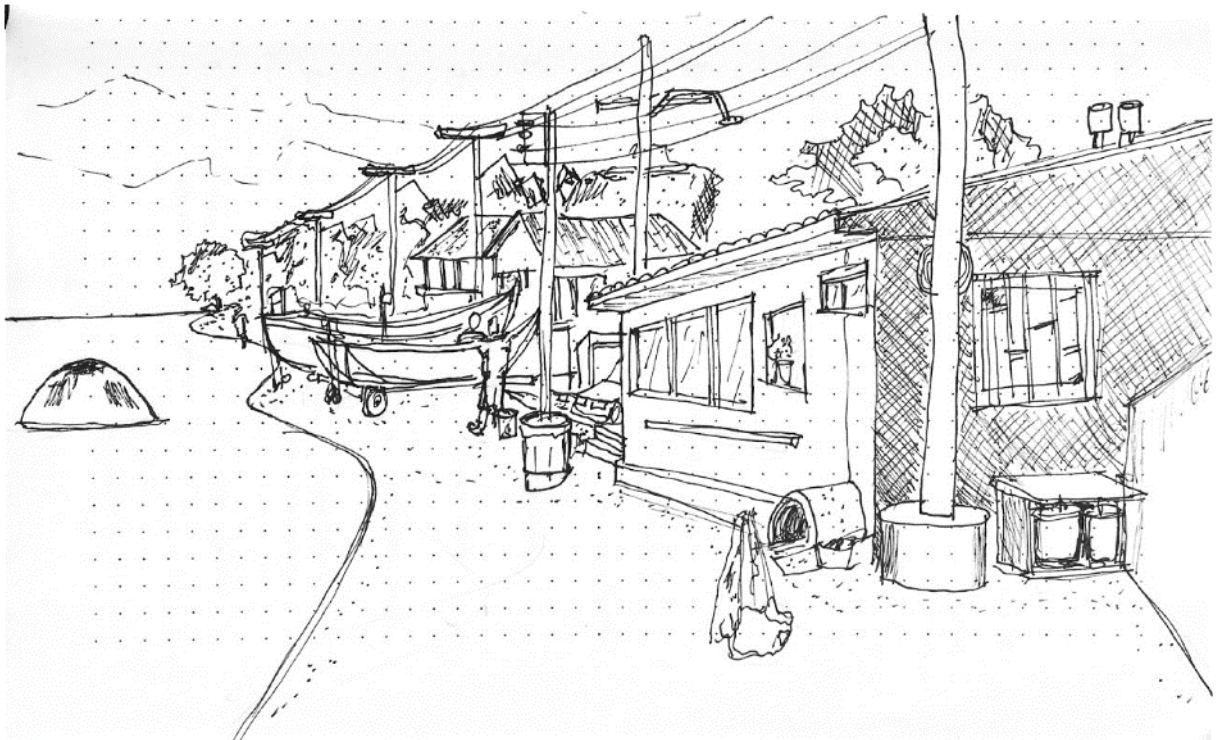
Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 26 – A apropriação das calçadas pelo Bar da Praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 27 – Vista do Bar da Praia pela praia.



Fonte: acervo do autor (2021).

Do outro lado, no final da Rua da Praia, após um terreno baldio¹⁷ e um parquinho¹⁸, localiza-se o Marolas Bar, e na sequência, os ranchos de pesca do Rio da Èra. Caminhando para este lado da praia, vai ficando claro a mudança de caráter.

¹⁷ Terreno onde fica localizado parte do sítio arqueológico da Praia da Tapera, será abordado posteriormente no capítulo 3.

¹⁸ Colocado após a revitalização.

O caminho passa por um parquinho, o lugar das crianças, chegando ao Marolas Bar, lugar dos adultos. A arquitetura do bar lembra um rancho de pesca, onde a praia invade o interior, pé na areia e vista para o mar. O bar cria a transição de ambientes entre o espaço de lazer para o espaço do trabalho¹⁹, representado pela pesca. O Marolas Bar contrasta com os jovens escutando *funk* em seus carros e bebendo *whisky* com energético. No lugar disso, é cerveja, *rock`n`roll* e uma decoração feita com lanternas de ostra e peixes desenhados em seu interior. “Um botequim é feito de memórias, aspirações, anseios, sonhos, decepções, conquistas, fracassos retumbantes, alegrias e invenções da vida daqueles que passaram por suas mesas e balcões” (SIMAS, 2020, p. 90). Os bares se tornam lugares de memória coletiva, que fortalecem as sociabilidades do bairro.

Figura 28 – Marolas Bar.



Fonte: acervo do autor (2022).

¹⁹ Importante frisar que os ranchos de pesca não são, estritamente, destinados ao trabalho, seu uso também proporciona momentos de lazer e encontros entre os pescadores, amigos e familiares, criando uma rede de sociabilidades importante para a organização social do lugar. Esse assunto será abordado novamente no capítulo 3.

Figura 29 – Apropriação das imediações do bar.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 30 – A permeabilidade visual e integração do bar com a praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 31 – Pé na areia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 32 – Pescadores veem o mar dentro do Marolas Bar.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 33 – O parquinho do final da rua, colocado após a revitalização.



Fonte: acervo do autor (2022).

Na orla, no âmbito residencial, encontram-se diferentes tipologias arquitetônicas. É fácil perceber quando o morador é novo ou antigo. Apesar de algumas tipologias revelarem aspectos relacionados a uma estética da segurança, com grades e muros altos, as casas dos moradores mais antigos ainda carregam materialidades que proporcionam costumes e hábitos que fazem do bairro um local ainda tradicional. Algumas dessas materialidades são os muros baixos, as janelas para a rua, cadeiras no quintal.

Na Rua da Praia ainda perduram hábitos como a conversa pelo muro, a conversa de janela e a conversa de calçada, como também o sentar-se à porta para ver o movimento da rua ou olhar a paisagem da praia. Ainda há outro costume,

associado ao modo de vida tradicional de centros de bairro, que é colocar cadeiras de praia na calçada e conversar com os vizinhos. Vogel, Mello e Mollica (2007) também registraram esse hábito nas ruas do Catumbi, descrevendo-o como um “hábito característico dos momentos especiais, marcados pela suspensão do cotidiano (fins de tarde, tardes de sábado, domingos ou feriados)” (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2007, p. 73).

Figura 34 – A apropriação das calçadas através das cadeiras de praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 35 – A conversa de muro.



Fonte: acervo do autor (2022).

No período da manhã, ao passear pela Rua da Praia e descer na orla, é possível ver uma movimentação de pessoas em suas janelas, batendo papo com alguém que passa na rua, caminhando pela orla, reencontrando os vizinhos e

amigos. Jacobs (2014) chama isso de rituais matinais, do movimento da vida cotidiana nas calçadas²⁰. A escala do bairro e a permeabilidade visual também ajudam na continuidade deste hábito, proporcionando essa relação das pessoas, querendo ver o movimento da rua. A janela funciona como uma extensão da casa para a rua. Uma possibilidade de ver o espaço público sem sair do espaço privado. Uma forma de garantir segurança, liberdade e comunicação. Tal pensamento também é encontrado em Jacobs (2011), nos olhos da rua:

Sob a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos (JACOBS, 2011, p. 52).

Estes hábitos questionam o caráter público e privado que a binaridade casa-rua representa. Mesmo evidenciando o limite físico, como o muro ou a distância entre as janelas, são brechas de comunicação entre casa e rua. São aberturas criadas por um modo de apropriação coletiva do espaço, onde vizinhos se conhecem e cuidam da rua.

Figura 36 – Dona Val e a conversa pelas janelas.



Fonte: acervo do autor (2022).

²⁰ Jacobs (2011) considera esse movimento único e determinante na criação de lugares. Segundo a autora, "o balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar, e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações" (JACOBS, 2011, p. 52).

Figura 37 – A vigilância das ruas.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 38 – Encontros, conversas e limpeza da rua.



Fonte: acervo do autor (2022).

2.3 A RUA COMO PASSAGEM E PERMANÊNCIA

Durante as caminhadas, tive como foco registrar as recorrências, aquilo que se repete e faz com que o cotidiano fique familiar. O movimento matinal na Rua da Praia é marcado pela presença de idosos caminhando, principalmente aos sábados de manhã, sinalizando uma recorrência do lugar, uma cena conhecida de quem frequenta a praia. Durante as tardes é comum ver a movimentação dos pescadores, carros de entrega e pessoas com garrafas na mão indo buscar água na bica²¹.

²¹ A bica d'água será descrita no Capítulo 3.

Esse movimento encontrado na rua trouxe uma reflexão sobre o uso dela como passagem. Como visto no início deste capítulo, não é a única função de uma rua. Ela pode ser pensada como permanência também. Segundo Simas (2020):

A rua concebida como lugar de encontro anda perdendo de lavada para a rua como lugar de passagem, marcada pela pressa e pela violência. A disputa entre o território funcional - desencantado - e o terreiro, espaço praticado pelos ritos do pertencimento (SIMAS, 2020, p. 74).

Para as atividades se criam movimentos de passagem na Rua da Praia, durante o verão, é comum vermos famílias inteiras descendo a rua da Praia para passar a manhã. Alguns já trazem suas comidas e bebidas. O entardecer é um chamado para os moradores visitarem a praia e passearem pela rua, num trajeto que os leva até o final da rua, no *cul-de-sac*, ocupando os decks e bancos de concreto ao longo da orla, reunindo-se e fazendo fotos. No inverno, a presença das pessoas na rua diminui, por conta dos ventos e do frio, principalmente o vento sul.

No verão, as pessoas disputam com os carros estacionados por um lugar na orla. Esse movimento indica o início da temporada. A rua se torna o espaço dos pedestres. Através dessa movimentação, a caminho da praia, e voltando dela, as funções da via pública como lugar do carro, um bem privado, assim como as calçadas sendo o lugar dos pedestres para uso público, são borradas. Anda-se no meio da rua e se estacionam carros nas calçadas. Os moradores da Tapera têm como costume, descer e subir a Rua da Praia em “bando”, em casais, filhos, de bicicleta e carrinho de bebê. Já os carros, por sua vez, descem e sobem a rua devagar, de forma a abrir seu próprio caminho entre os pedestres

As calçadas pertencem às casas, o que não significa que sejam parte destas como propriedade. Seu caráter público contrasta, por vezes, com as formas pelas quais são circunstancialmente utilizadas. As diversas maneiras de ocupação dessas áreas vivas do espaço urbano criam uma ambiência que os moradores associam ao modo de vida tradicional do Catumbi (VOGEL; MELLO; MOLLICA, 2017, p. 73).

Tal costume demonstra variações na hierarquia de uso e limites. Revela também, principalmente, a apropriação do espaço da rua, destacando o uso das ruas para o andar. Segundo Jane Jacobs (2014):

As ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas - a parte das ruas que cabe aos pedestres - servem a muitos fins

além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades (JACOBS, 2011, p. 29).

Com a revitalização em andamento, foram instalados os decks na orla, criando espaços para caminhadas, além de contar com bancos de concreto e parquinho para as crianças. Na orla, o deck funcionou positivamente como um elemento organizador do espaço. O local passou a ser apropriado pelas pessoas andando de patinete, skate, bicicleta, carrinho de bebe. Conquistou o espaço da circulação de pedestres, onde antes acontecia no “meio da rua”.

Ainda sobre o uso da rua como passagem, é também local de procissões e exercício da fé. Em uma caminhada, consegui acompanhar uma parte de uma passagem da Bandeira do Divino, pela rua da praia. Estava próximo da Festa do Divino da paróquia na qual a Tapera faz parte, a festa do Ribeirão da Ilha. Duas senhoras cantando, um rapaz tocando tambor e uma outra senhora com a bandeira. Passavam na casa dos mais “chegados”, aqueles que eram católicos e conheciam a prática. Coincidentemente, entravam nas casas mais antigas da rua. Com a ajuda de um celular, colocavam músicas e depois faziam orações. No final, é comum o dono da residência contribuir com alguma quantia e recortar uma parte da fita, que fica na ponta da bandeira e guardar consigo. Passa-se a bandeira por todos os cômodos e espaços da casa, para o divino abençoar. A bandeira continua sua caminhada pela rua, avisando pelo som do tambor.

Figura 39 – A rua como passagem.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 40 – A bandeira do divino pela Rua da Praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Encarando a rua como local de permanência, o início do verão marca a colocação de carrocinha de caldo de cana na orla. O caldo de cana com pastel é uma refeição tipicamente encontrada nas feiras de ruas da cidade de Florianópolis. Na Tapera, o carrinho do caldo se apropria do espaço público, ocupando parte do passeio. Curioso que seu ponto é a rua, sobre a calçada. Sua propaganda é pintada no muro. O consumo é feito no próprio local, podendo ser em pé, sentado nas cadeiras de praia na calçada ou até mesmo sentado no meio fio. A calçada, originalmente pensada como lugar de passagem de pedestres, ou como estacionamento para os carros, ganha outra função. Neste momento, as calçadas são transformadas em um espaço de permanência. As cadeiras de praia são colocadas estrategicamente na sombra, visando o conforto do consumidor. A refeição é acompanhada de conversas e encontros entre amigos e vizinhos, que comem e veem o movimento da rua, como um cinema da vida cotidiana.

Figura 41 – O caldo de cana.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 42 – A apropriação das calçadas pelo caldo de cana.



Fonte: acervo do autor (2021).

Jacobs (2014) defende que a calçada deve ser usada ininterruptamente, pois aumenta a diversidade da rua e os olhos atentos para a manutenção da segurança do espaço público. A apropriação das calçadas também acontece ao longo da orla, com a colocação de mesas e guarda-sóis pelos bares, carrinho de caldo de cana, malas e caixas de isopor. A rua se mostra viva, movimentada e tem sua própria singularidade local.

As permanências ocorrem tanto nos bancos de concreto, localizados na orla e instalados com a revitalização, como também no próprio deck. É um local de encontro, contemplação e conversa na rua, uma forma de demorar mais para chegar em casa. Os bancos são utilizados, possuem uma dinâmica intrigante. Apesar de grande, quando ocupado por uma só pessoa, passa a ser utilizado só quando esta pessoa sair. Isso não é regra, mas é recorrente a falta de compartilhamento do

equipamento urbano. Geralmente são apropriados por grupos, que fazem uma “demarcação” de território. Famílias que vêm com comidas, amigos que vêm beber uma cerveja e o olhar o mar, adolescentes que vêm namorar ou dar um “rolê”, trazer cachorro para passear.

Figura 43 – Permanências.



Fonte: acervo do autor (2022).

O final da rua da praia é conformado por um *cul-de-sac*, conforme visto no mapa da Figura 20. Neste local, onde há estacionamentos, é comum o encontro da “rapaziada” de carro, que param ali para conversar, escutar som automotivo, beber e fumar. Essa reunião é comum, e acontece no final da rua onde o movimento cessa. Pelo motivo dos carros chegarem até o *cul-de-sac*, o local fica mais seguro para as famílias com crianças, proporcionando uma brincadeira mais exploratória do lugar, sem a preocupação “do carro”. O uso pelas famílias se dá a partir de mesas e cadeiras plásticas, bebidas, churrascos, embaixo da sombra das amendoeiras e vigiando suas crianças brincando.

Figura 44 – Churrasco na praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 45 – Detalhe da churrasqueira improvisada de tijolo cerâmico.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 46 – O encontro da “rapaziada” no final da Rua da Praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 47 – O encontro das famílias no final da Rua da Praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

O momento do ano mais turbulento na Rua da Praia é o *Réveillon*. A Praia da Tapera é um local escolhido pelos moradores para a virada do ano, ela fica bastante movimentada e esse ano teve a presença da polícia para o controle do lugar. Os carros ficaram estacionados logo na entrada da orla, próximo ao Bar da Praia.

Durante o *Réveillon*, a Rua da Praia e a orla ficaram divididas em grupos, que se espalharam pelos novos bancos, meio fios e ao longo da via. A areia, curiosamente recebia menos pessoas, somente algumas tendas. Apesar de muitos grupos, eles eram pequenos e espalhados. Os grupos eram formados por adolescentes, de ambos os gêneros, casais e amigos. Nas tendas na praia, formava-se uma sala de jantar, cadeiras em volta da mesa, isopor, caixa de som e churrasco. O churrasco também era feito no passeio, com churrasqueira de latão, próximos aos novos bancos de concreto, que por ser grande, reunia a família.

Ao contrário da dinâmica comum dos dias ordinários, na virada, a orla inteira é ocupada para as atividades de roda de conversa, beber e comer. Como é um dia sem movimento de carro, a criançada estava mais livre para ocupar a rua, jogando um futebol com trave de chinelo²². Nesse dia, o churrasco é mais abundante, havia inúmeras churrasqueiras. A praia se tornava uma cozinha. Os ranchos de pesca do Rio da Êra, quase todos abertos, era também local de encontro, com portas abertas, canoas, mesas e cadeiras em frente. Próximo ao terreno baldio, a mesa era montada junto às embarcações. O barco virado tornou-se uma grande mesa. As ruas e calçadas eram e são festivamente praticadas.

²² Consiste na criação de um jogo de futebol, tendo os limites laterais da rua como espaço do campo e as traves delimitadas pelos chinelos de quem está jogando. A abertura, ou o tamanho da trave, é definida pela mesma contagem de passos, feita pela mesma pessoa, garantindo igualdade no tamanho do gol.

Figura 48 – Réveillon na praia.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 49 – A apropriação da orla na virada.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 50 – O futebol na rua.



Fonte: acervo do autor (2021).

2.4 QUANDO A RUA VIRA PRAIA

Diversas vezes, quando descia a rua onde moro, uma perpendicular à Rua da Praia e andava em sentido à praia, percebia alguns aspectos que trazia a praia para a rua e, também, para a casa. As atividades ligadas ao mar se estendem como tentáculos para o espaço público da rua, ultrapassando os muros das casas. Vejo vizinhos que são pescadores, no período entre as safras da tainha, usa seu quintal, garagem ou varanda, como um lugar de serviço, onde se remenda grandes panos de redes de pesca e se guarda, enroladas dentro de um reboque, ou carrocinhas, ou em cima de uma lona, sempre protegida por outras lonas, a fim de garantir o uso na safra da tainha. Um outro aspecto, é possuir uma garagem para sua canoa, onde também se caracteriza como um local para reparar a canoa e o motor. Isso pode ser feito, tanto em casa, quanto no rancho de pesca.

Revisitando minhas memórias, em outros pontos da Tapera, assim como em outros bairros com colônia de pescadores, como Ribeirão da Ilha, Caiacanga, Armação, Pântano do Sul, Barra da Lagoa, é comum vermos resquícios, ferramentas, utensílios, e até valores, simbolicamente ligados ao mar e à praia, ocupando espaços nas ruas e casas, como redes de pesca, tarrafas penduradas, cadeiras de praia, embarcações nas ruas e conchas de berbigão no quintal. A existência do chuveiro na praia facilita muito para os moradores não saírem caminhando pela rua com areia nos pés. Nas casas próximas à praia há chuveiros “na rua”, fora do espaço interno da casa, usados principalmente por quem vem da praia.

Figura 51 – O uso das calçadas como permanência



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 52 – Tarrafas penduradas nas varandas.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 53 – A garagem de canoa.



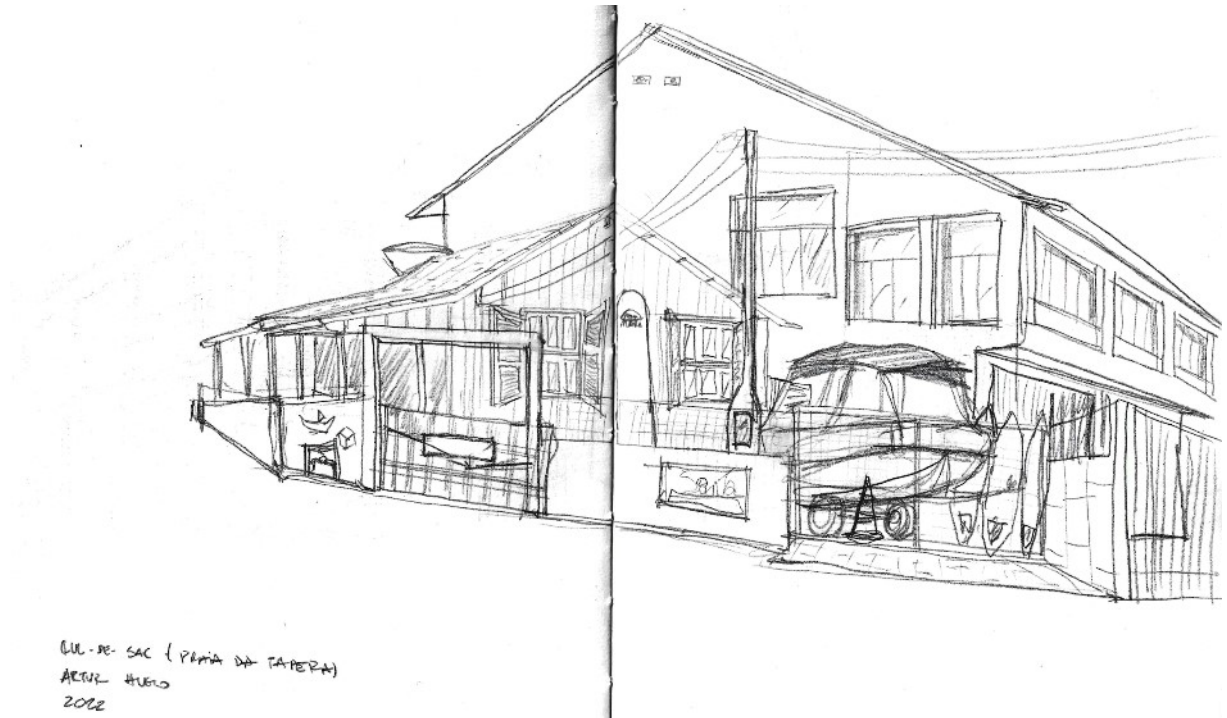
Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 54 – Rede de pesca no quintal.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 55 – Barcos e pranchas no quintal.



Fonte: acervo do autor (2021).

Muitas das caminhadas começavam com umas imagens contemplativas da paisagem, do Morro do Cambirela, das embarcações no mar, das gaivotas no céu. Todos esses elementos são vistos por quem caminha pela Rua da Praia. O caráter da orla é muito diferente da primeira parte da rua. A ambiência da praia se faz muito presente na rua. A instalação dos decks e do acesso à praia, localizado ao lado do Bar da Praia, foi parte do projeto de revitalização. O que antes era uma escada em pedra, virou uma escada em concreto com uma rampa de acesso feita de madeira. Este acesso, que em princípio é pensado como um local de passagem, uma rampa, com a apropriação dos moradores, virou um local de permanência e contemplação. As pessoas se reúnem ali para ver o mar, principalmente em tempos de maré cheia.

Figura 56 – A nova rampa de acesso usada como permanência.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 57 – A rampa como ponto de encontro.



Fonte: acervo do autor (2022).

Este acesso modificou a relação de chegada na praia. O caminho em direção aos Ranchos da Bica²³ agora passa por esta rampa de acesso, que facilitou a passagem de pescadores com carrinho de mão. O acesso também facilitou para quem busca água na bica, tanto de bicicleta como de carrinho de mão. Dessa forma, não enfrenta mais escadas. O caminho ficou “mais” oficial do que descer pela escada e ir caminhando pela areia. Ele também alterou as relações visuais com o Bar da Praia. Agora, o bar também é visto pelo lado da praia. Como é a entrada principal para a praia, é um ponto de encontro importante. Ali, próximo às mesas de rua do Bar da Praia, se reúnem pescadores e moradores que criam rodas de

²³ Localidade que será descrita no capítulo 3.

conversas e veem o mar. O deck, os bancos na orla e a rampa são elementos novos fruto da revitalização feita na praia. Cabe destacar que as funções idealizadas pelo projeto urbanístico do modelo de revitalização para esses componentes, foram transformadas pelos usos do cotidiano dos moradores da Tapera. Como o caso, por exemplo, da rampa de acesso à praia anteriormente citado. Área prevista inicialmente como um local de passagem, que terminou tendo dupla vida a de passagem e a de permanência, conservando costumes antigos e particulares do local em novas conjugações.

Finalizando este capítulo, cujo foco foi a descrição da Rua da Praia como uma categoria para análise do lugar, ficou evidente o estreitamento dos limites entre as esferas público-privada, com a transformação momentânea de algo público em privado, gerada por uma apropriação do espaço público para uma atividade privada. Alguns destes locais praticam atividades que qualificam a rua como uma extensão de seu espaço privativo. Esse movimento contribui para a vitalidade do lugar. Isso é característico das cidades e bairros tradicionais, onde o dentro e fora, representado pela casa e pela rua, são limites frouxos, facilmente atravessados pelas atividades cotidianas.

Outro aspecto é que, informalmente, a Rua da Praia ultrapassa os limites de sua via. Ela penetra a praia e abrange a localidade dos Ranchos da Bica, e isso reforça a ideia de que as duas categorias se misturam. Conforme comentado na introdução, a Praia da Tapera pode ser encarada como uma extensão da Rua da Praia. Mas o contrário também é válido, a rua também pode ser uma extensão da praia.

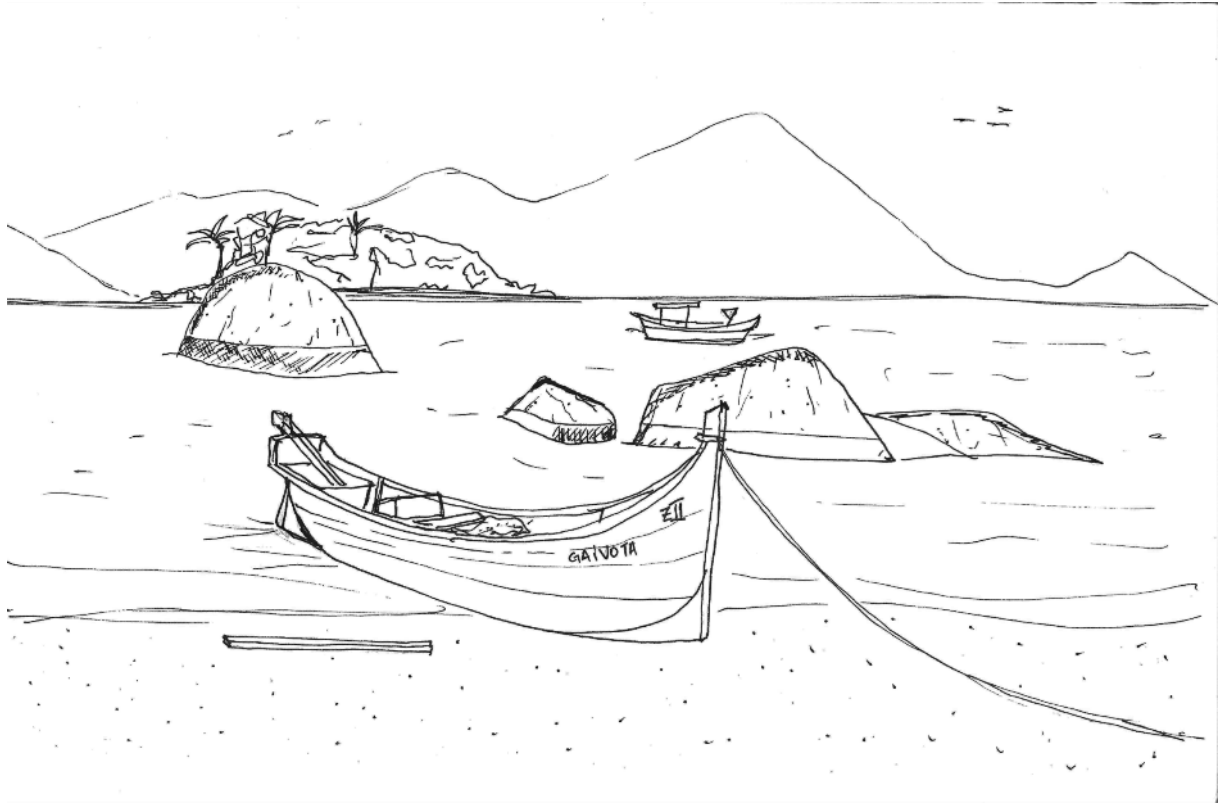
Figura 58 – Placa da Rua da Praia colocada na praia, junto aos Ranchos da Bica.



Fonte: acervo do autor (2021).

3 A PRAIA

Figura 59 – A Praia da Tapera



Fonte: acervo do autor (2022).

— Quando você era criança, queria ser um arquiteto?

— Não, a ideia nunca me passou pela cabeça, quando eu era jovem estava mais preocupado em me divertir - muitas vezes ia à praia.

Entrevista com Paulo Mendes Da Rocha.

(ARCHER, 2007).

As relações entre praia e rua se misturam. No capítulo anterior, comentei sobre a forma com que a rua ganha aspectos da praia, mas também como a rua penetra a praia, invade espaços para além do traçado da via. Neste capítulo, vou abordar a praia, demonstrando seus principais aspectos, bem como seus usos e

apropriações socioespaciais. A partir de quais práticas a praia ganha noções de rua, de espaço público?

Para quem nasce em uma ilha, como no meu caso, ir à praia é algo muito natural. Convivo e frequento o ambiente da praia desde criança. Enxergá-la como uma categoria de análise para esta pesquisa foi algo desafiador. Primeiro, porque moro próximo ao local, visitando o lugar diariamente. Segundo, devido ao longo período frequentando o cotidiano da Praia da Tapera, criei laços, fiquei “impregnado” com a pesquisa. Ao sair de casa, via a pesquisa acontecer na escala do vivido, nos movimentos das pessoas pelas ruas, na praia, no mar e até no céu, com os aviões da BAFL, as pipas e as gaivotas.

Já imerso no cotidiano da praia, fui me inserindo em algumas esferas de sociabilidades, junto aos pescadores, frequentadores dos bares, mercados, padarias, oficinas e os demais vizinhos. Conforme eu levava o Téo para caminhar e brincar no parquinho, passava a conhecer boa parte dos “personagens” da praia, aquelas pessoas frequentes, que são “parte” do local, onde as encontramos sempre no mesmo local. A dificuldade no início era observar “de perto e de dentro”. Porém, no momento da síntese que a escrita exige, a dificuldade foi estar “de longe e de fora” (MAGNANI, 2002). Após a última caminhada, em maio de 2022, evitei ir à praia.

Para começar esse capítulo, foi preciso me perguntar: o que é uma praia? Segundo Muehe (1994), são depósitos de sedimentos, acumulados pela ação das ondas do mar. Para além do conceito geográfico, tentarei abordar a praia como um lugar de sociabilidades, com diferentes usos, atividades, tensionamentos e negociações. Em resumo, neste momento de aproximação com os dados da pesquisa, foi preciso compreender a construção social da Praia da Tapera como um local de produção incessante da vida cotidiana do bairro. Conforme escreve Andrade (2015):

Entendemos que a praia surge da construção social que nela se realiza, através das diversas formas de apropriação e das relações que são inventadas por essa coletividade em relação à faixa de areia e o mar. A praia, que se expande e se retrai com a mudança da maré, também se transforma simultaneamente nas experiências dos sujeitos que dela se apropriam e nela exercem diferentes ações, em constante movimento (ANDRADE, 2015, p. 51).

Ao longo da história, a praia era vista como um ambiente inóspito, um local exclusivo para o trabalho e transporte de mercadorias (ANDRADE, 2015). No século XIX, a praia passou a ser um ambiente meditativo, utilizado como local terapêutico (MACHADO, 2000). A praia como um espaço lúdico e voltado ao lazer, utilizada para banhos de mar, como é encarada atualmente, foi vista dessa maneira somente a partir do século XX.

A praia é um espaço que tensiona a dicotomia natureza-cultura. Essa oposição é uma das matrizes fundamentais da organização da vida cotidiana, no qual facilita a classificação dos objetos entre natural, pertencente à natureza, e cultural²⁴, pertencente à “civilização” (LÉVI-STRAUSS, 1969 apud MACHADO, 2000). Devido às alterações das marés, a praia pode ser coberta e descoberta pelo mar. Isso faz da praia um local ambíguo, onde por vezes é um objeto natural, tomada pelo mar, e por outras, um objeto social, uma terra sujeita a intervenção e apropriação humana, espaço de diferentes atividades (MACHADO, 2000). Neste capítulo, interessa-me encarar a praia como um elemento cultural.

Uma coisa é a linha do litoral. O lugar onde a areia e a onda se limitam. Outra coisa é a praia, como a concebemos. A praia se define no momento em que a linha litorânea, o recorte espacial que reúne ou aproxima ou envolve areia e água, ganha um determinado sentido social. Isto é: no momento em que tal limite relativamente instável se converte em território para o exercício de uma determinada forma de socialidade. [...] O que significa que, mais que acidente geográfico ou dádiva ecológica, a praia é uma invenção humana. Uma criação histórica e cultural (RISÉRIO, 2004, p. 474 apud ANDRADE, 2015, p. 50).

O ambiente da praia estrutura sociabilidades específicas às atividades que nelas se desenvolvem, indo do lazer ao trabalho. Segundo Andrade (2015), na praia há a falta de elementos fixos, proporcionando ações rápidas em sua ocupação. Isso faz com que haja um processo de apropriação e transformação constante no espaço da praia. Para o antropólogo Roberto DaMatta (2006), a praia é um local de encontros entre diferentes “turmas” para se fazer diferentes atividades.

A praia serve para o banho de mar (ou mergulho?) que exercita e refresca, permite apreciar o diálogo das montanhas com o céu, o mar, o sol e a lua. E deixa encontrar não só a turma que lhe corresponde, pois se divide em

²⁴ Nesta questão, assumo o conceito de cultura no sentido antropológico, abordado no livro de Roque de Barros Laraia. O autor cita Lévi-Strauss, “que define cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana” (LARAIA, 1986, p. 61).

pontos, mas também todo tipo de gente estranha que confirma o seu inusitado encanto de juntar o rotineiro com o novo (DaMATTA, 2006, p. 7).

Segundo a lei 7.661, de 16 de maio de 1988, que institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, as praias são:

Art. 10. As praias são bens públicos de uso comum do povo, sendo assegurado, sempre, livre e franco acesso a elas e ao mar, em qualquer direção e sentido, ressalvados os trechos considerados de interesse de segurança nacional ou incluídos em áreas protegidas por legislação específica (BRASIL, 1988, p. 1).

As praias fazem parte da cidade, estão nos limites do perímetro urbano, logo, também são um espaço urbano. Se a praia é um bem público, de uso comum do povo, seu espaço é um espaço público urbano. Para o antropólogo espanhol Manuel Delgado (2011), o espaço público exerce uma dimensão política, destinado às relações em público, funcionando como o lugar da democracia. Para o sociólogo brasileiro Rogério Proença Leite (2002), o “espaço urbano somente se constitui em um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de ações” (LEITE, 2002, p. 116). Ou seja, o espaço público é uma construção social, baseado na noção de pertencimento e identidade de grupos sociais, que compartilham a vida urbana, as dimensões simbólicas e os valores que fortalecem à memória coletiva e à identidade do lugar.

Embora o espaço público se constitua, na maioria das vezes, no espaço urbano, devemos entendê-lo como algo que ultrapassa a rua; como uma dimensão socioespacial da vida urbana, caracterizada fundamentalmente pelas ações que atribuem sentidos a certos espaços da cidade e são por eles influenciadas (LEITE, 2002, p. 116).

A compreensão de que uma praia é um espaço público, veio no momento da escrita, quando me posicionei de longe e de fora. As práticas cotidianas que acontecem nas praias, bem como as diferentes maneiras de apropriação dos diferentes grupos sociais pertencentes às diferentes camadas sociais, fazem do espaço da praia um espaço público e democrático (DELGADO, 2011), onde há uma negociação entre diferentes, conforme explica Andrade (2015):

Nesta dinâmica, a faixa de areia e suas áreas adjacentes tornam-se o espaço de importantes práticas socioculturais, estruturadoras de vínculos e

relações sociais, que contribuem para a qualidade da vida urbana. Elas conformam espaços públicos urbanos, à medida que nelas se abre a possibilidade de encontro e articulação com a alteridade. Percebe-se que nesta conformação, a praia transforma-se em um espaço de negociação entre diferentes, num processo por vezes conflituoso, revelando qualidades dos espaços onde a vida pública acontece (ANDRADE, 2015, p. 12).

Uma das negociações que implica na praia, e está presente na Praia da Tapera, é que as praias ficam localizadas em terrenos de marinha. A definição em lei, é que os terrenos de marinha são bens de propriedade pública, controlados pela Secretaria de Patrimônio da União (SPU). Historicamente, esses terrenos foram medidos contando a partir da linha média de preamar, no ano de 1831, até 33 metros em sentido ao continente.

De maneira geral, considerando a praia uma invenção humana, um lugar público, democrático, em transformação, que proporciona encontros entre os diferentes, com múltiplas atividades e formas de apropriação, o que há de singular na Praia da Tapera? Por que ela representa algo especial para o bairro? como as pessoas se apropriam dela?

3.1 A PRAIA DA TAPERA

Como já mencionado na introdução, a Tapera possui um balneário e duas ilhas, a Ilha das Laranjeiras e a Ilha Dona Francisca. O acesso à Praia da Tapera se dá pela Rua da Praia, que por sua vez está conectada à Rodovia Açoriana, principal via da Tapera. Tem como característica sua areia grossa e as águas calmas do mar da Baía Sul. Os moradores gostam do tamanho do grão de sua areia porque é fácil de limpar do corpo. A Figura 60 ilustra a localização dos tópicos abordados no decorrer deste capítulo.

Figura 60 – Localidades analisadas na Praia da Tapera.



Fonte: geoprocessamento da PMF (2012), esquema elaborado pelo autor (2022).

A Praia da Tapera se torna um local de encontros, respiros, trabalho e lazer para os moradores do bairro. É onde acontecem atividades como a pesca artesanal, projetos sociais, música ao vivo, devoção, passeios de barco e brincadeiras no mar. Nesta praia, há costumes que ainda perduram no que se refere aos usos e práticas do espaço público, ao contrário de outras praias de Florianópolis, onde práticas

como a pesca, churrascos na areia, brincadeiras e ritos, por exemplo, se diluíram com o crescimento imobiliário e a chegada massiva do turismo, implicando em uma forma de apropriação mais global e homogênea, pautada no turismo de “sol e praia”²⁵.

Figura 61 – Vista para a orla marítima.



Fonte: acervo do autor (2021).

Semelhante ao capítulo da rua, começarei a abordagem da praia pelos dados históricos. Conforme mencionado na introdução, ao contrário do seu bairro vizinho, o Ribeirão da Ilha, uma das freguesias da cidade, um local tombado e muito pesquisado, a Tapera, e sua praia, conta com poucos estudos, concentrando-se principalmente no sítio arqueológico da Praia da Tapera, onde foram descobertas evidências de ocupações pré-coloniais.

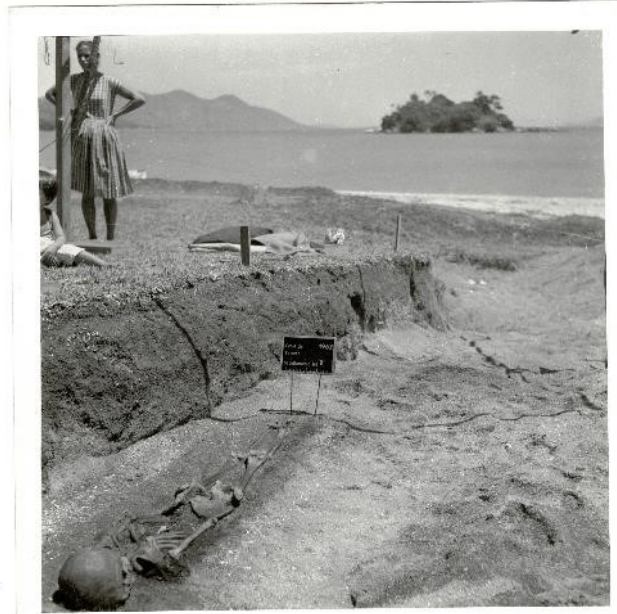
Ao que cabe aqui, o objetivo desta síntese histórica é reconhecer que neste território houve inúmeras ocupações e transformações estabelecidas entre o ser humano e a natureza. Não cabe aqui entrar em detalhes do campo da arqueologia e dos estudos etnográficos sobre as tradições²⁶ ceramistas que serão apresentadas, tampouco a tentativa de preencher lacunas da história de Florianópolis, e, também, da Tapera, no qual daria outra dissertação. Os dados e imagens que apresento aqui, são provenientes de bibliografia acadêmica e, principalmente, do trabalho de Pe. Rohr. Começarei pelos vestígios mais antigos da praia, o sítio arqueológico da Praia da Tapera.

²⁵ Tipo de turismo associado aos lazeres nos espaços marítimos.

²⁶ O termo “tradição” é utilizado como um recurso de identificação na terminologia arqueológica.

3.1.1 O sítio arqueológico da Praia da Tapera

Figura 62 – Escavações na Praia da Tapera, 1962.



Fonte: acervo do Museu do Homem do Sambaqui (1962).

A ocupação do litoral de Santa Catarina ocorreu por volta de 6.000 anos AP²⁷, por grupos de pescadores-caçadores-coletores, conhecidos como sambaqueiros. Há estruturas feitas de conchas, conhecidas como sambaquis, com até 30 metros de altura (Prous, 1991; De Blasis *et al.*, 1998 apud BASTOS, 2014). O aparecimento da cerâmica e de sítios rasos com poucas conchas em 1200 anos AP, marcam o fim dos sambaquis e o início de grupos ceramistas, localizados no Planalto da Serra Geral de Santa Catarina.

No litoral de Santa Catarina e também em Florianópolis, encontram-se diversos sambaquis e sítios arqueológicos. Alguns destes sítios foram escavados pelo arqueólogo e Padre João Alfredo Rohr. O sítio arqueológico da Praia da Tapera ficava localizado num terreno plano, no final da praia, próximo a ranchos de pesca e ao Rio da Êra. Segundo o Pe. Rohr (1964):

Foi descoberto, em 1960, em decorrência do aparecimento de um esqueleto humano. O esqueleto foi encontrado por sítiantes ao retirarem, do local, areia para construções. Assustados e desorientados pelo 'macabro' achado, os exploradores de areia, precipitaram-se em fuga (ROHR, 1964, p. 3).

²⁷ AP significa Antes do Presente. Essa marcação é utilizada no campo da arqueologia, tendo como referência o ano de 1950.

Anos antes, em 1958, o Pe. Rohr já havia escavado o sítio da Base Aérea (ou sítio do Caiacanga-mirim), distante 2 km do sítio da praia da Tapera. Estes funcionários, conhecendo o trabalho do Pe. Rohr, avisaram-no sobre o que haviam encontrado. Quando iniciado a escavação, em 1962, o sítio já havia sido parcialmente transformado em um campo de futebol, com a presença de casas e mais ranchos de pesca (BASTOS, 2014).

Figura 63 – A Praia da Tapera, pelas lentes de Pe. Rohr.



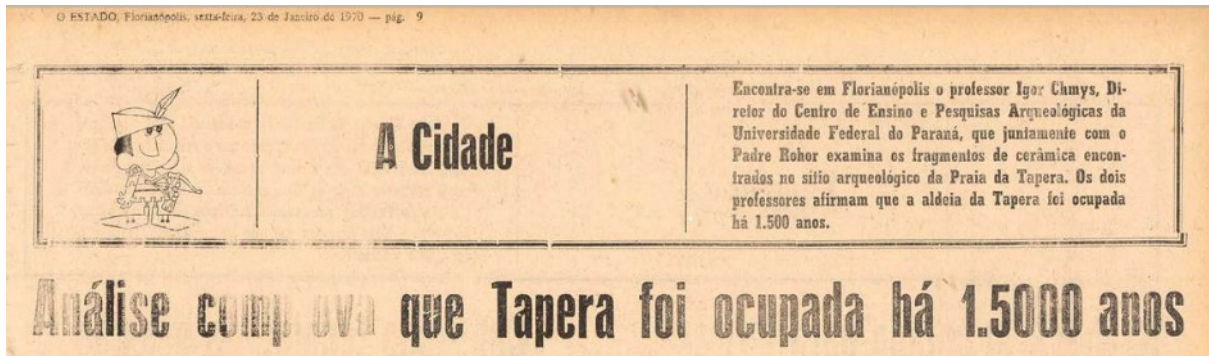
Fonte: acervo do Museu do Homem do Sambaqui, década de 1960.

Semelhante ao sítio do Caiacanga-Mirim (Base Aérea), o sítio da Praia da Tapera estava coberto de areia e só passou a ser visto com a interferência humana, que através da extração, destruiu cerca de 40 m² de área arqueológica próxima a foz do Rio da Era. A área total de escavação foi de 2.000 m², entre 1962 e 1966, contando com duzentos e dez dias exclusivamente de campo (ROHR, 1964).

No dia 23 de janeiro de 1970, o jornal O Estado de Florianópolis (SC) noticiava, através do estudo feito pelos professores Igor Chmys e Pe. João Alfredo Rohr, a partir de fragmentos de cerâmica encontrados na praia da Tapera, que a aldeia da Tapera foi ocupada há 1500 anos. A datação do carbono-radioativo foi feita no Museu Nacional de Washington. Através desta datação, Pe. Rohr concluiu que a ocupação pré-histórica da Tapera se deu 400 anos depois de Cristo e

permaneceu até a vinda dos europeus, em 1500, com duas tradições ceramistas distintas ocupando em tempos diferentes: Itararés e Guaranis (ROHR, 1964).

Figura 64 – Notícia sobre as descobertas arqueológicas.



Fonte: O Estado, 1970. Acervo da Hemeroteca Digital Catarinense.

Figura 65 – Escavações do Pe. Rohrer.



Fonte: acervo do Museu do Homem do Sambaqui, década de 1960.

Entre os achados arqueológicos estão diversas conchas, artefatos líticos, restos de alimento, 172 sepultamentos, ossos e fragmentos de cerâmica. Foram identificadas três camadas estratigráficas. Através destas camadas, revelavam-se novas imagens do passado. No estrato inferior, com 10 a 100 cm, possuía areia, conchas e ossos. No estrato intermediário continha a presença de conchas de ostras misturadas a ossos humanos, sendo que, é nesta camada que foram identificados cerca de 4500 fragmentos de cerâmica da tradição Itararé. Por fim, no estrato superior, que variava entre 5 e 25 cm, predominavam os fragmentos cerâmicos da

cultura ceramista Tupi-guarani, cerca de 19.000 elementos (BASTOS, 2014 apud SILVA *et al.*, 1990). Com a presença destas cerâmicas em escavações arqueológicas feitas na praia da Tapera, é possível pensar em um contato ou imigração²⁸ dos povos do planalto para o litoral (BASTOS, 2014).

Ao todo, a Praia da Tapera contou com três ocupações pré-coloniais em períodos distintos. Duas dessas ocupações estão associadas à tradição ceramista Itararé, que apresenta a datação por radiocarbono 1140 ± 180 A.P. e 1030 ± 180 A.P. A terceira ocupação seria Tupi-guarani, que é datada por radiocarbono em 550 ± 70 A.P. (BASTOS, 2014 apud SILVA *et al.*, 1990). Foi possível dividir as duas primeiras ocupações pela maneira como se organizavam no espaço, através da formação de seus assentamentos e pela forma de sepultamento. A primeira ocupação não durou mais que 100 anos. Foi formada por pequenos grupos, e quando mortos, sepultados dentro de suas habitações. A segunda ocupação se deu em um grupo maior, durando mais tempo no local, assumindo uma lógica diferente de sepultamentos, que eram realizados em locais próximos às habitações, em espaço próprio e definido, formando um cemitério comunitário. A terceira ocupação foi Tupi-guarani. Essa ocupação se deu depois da saída dos Itararés. Os grupos Tupis-guaranis chegaram à ilha de Santa Catarina cem anos antes dos europeus (KNEIP; FARIAS, 2021 apud SCHMITZ, 1991, p. 44). Vindos da Amazônia, os guaranis foram chamados de Carijós pelos europeus. É deles que se herdaram atividades como a produção de canoas (com várias dimensões e usos variados, tanto nos rios quanto no mar), de cerâmicas e o cultivo de mandioca, feijão, milho (KNEIP; FARIAS, 2021).

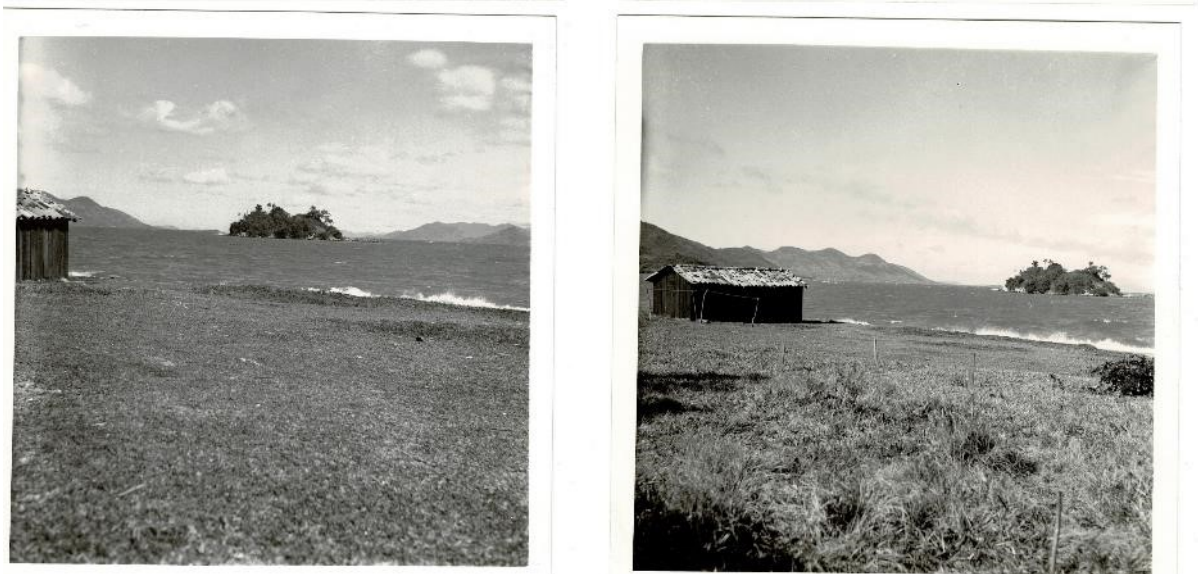
Conforme já mencionado na introdução, em termos históricos, a Praia da Tapera se torna uma referência importante para a cidade de Florianópolis, sendo assunto em diversos jornais da época, conforme visto na Figura 63, pela existência de um sítio arqueológico, com vestígios das ocupações pré-coloniais. Apesar do sítio ser um bem cultural importante e considerado patrimônio cultural, hoje não evoca suas forças culturais em seu local de origem. O sítio não possui nenhum indicativo ou placa que conte sua história no local.

Durante o período de escavação e estudo, Pe. Rohr utilizava uma câmera fotográfica não só para registros arqueológicos, mas também paisagísticos e

²⁸ Examinadas no estudo de Bastos (2014) a partir de análises isotópicas de carbono, nitrogênio e estrôncio.

cotidianos. A Praia da Tapera foi assunto fotográfico de grande importância para entender a construção espacial do local. A partir das fotos, tiradas na década de 1960, é possível ver a construção de ranchos de canoa neste canto direito da praia, revelando que a pesca, enquanto atividade, já acontecia de maneira estruturada, há pelo menos, desde a metade do século XX.

Figura 66 – Ranchos de pesca próximos ao Rio da Êra.



Fonte: acervo do Museu do Homem do Sambaqui, década de 1960.

Por meio desses registros fotográficos, é possível verificar que o sítio gerou um sentimento de descoberta do passado e houve muita curiosidade por parte dos moradores da Tapera. Há registros fotográficos no acervo de Rohr, mostrando a presença de crianças ajudando na escavação. Em conversas com antigos moradores, relembram suas memórias sobre a descoberta do sítio:

Aqui tinha...parece que foi 172 cadáveres de índios embaixo do meu terreno aqui, tudo isso aqui (se referindo ao local do rancho dele e de todo o local do final da praia). Eu era pequenininho, nós ajudava o padre a peneirar. Ele tinha uma peneira, né. O padre Rohr, já ouviu falar no padre Rohr? Ele tem o museu dele lá no Catarinense. Nós ajudava e até comíamos com ele. Ele comia todo dia carne seca com arroz. Todo dia, todo dia, era a comida dele. Até porque ele não tinha tempo de fazer né. Ele amarrava num pau (gesticula) e a panela era uma panela de ferro, ele pegava e jogava carne seca dentro com arroz. A gente comia com ele e ajudava. Assim ele deixava a gente comer [...] (CÉSINHA, 2022, s/p., [sic]).

Figura 67 – Crianças auxiliando Pe. Rohr nas escavações.



Fonte: acervo do Museu do Homem do Sambaqui, década de 1960.

Figura 68 – Local do sítio atualmente.



Fonte: acervo do autor (2022).

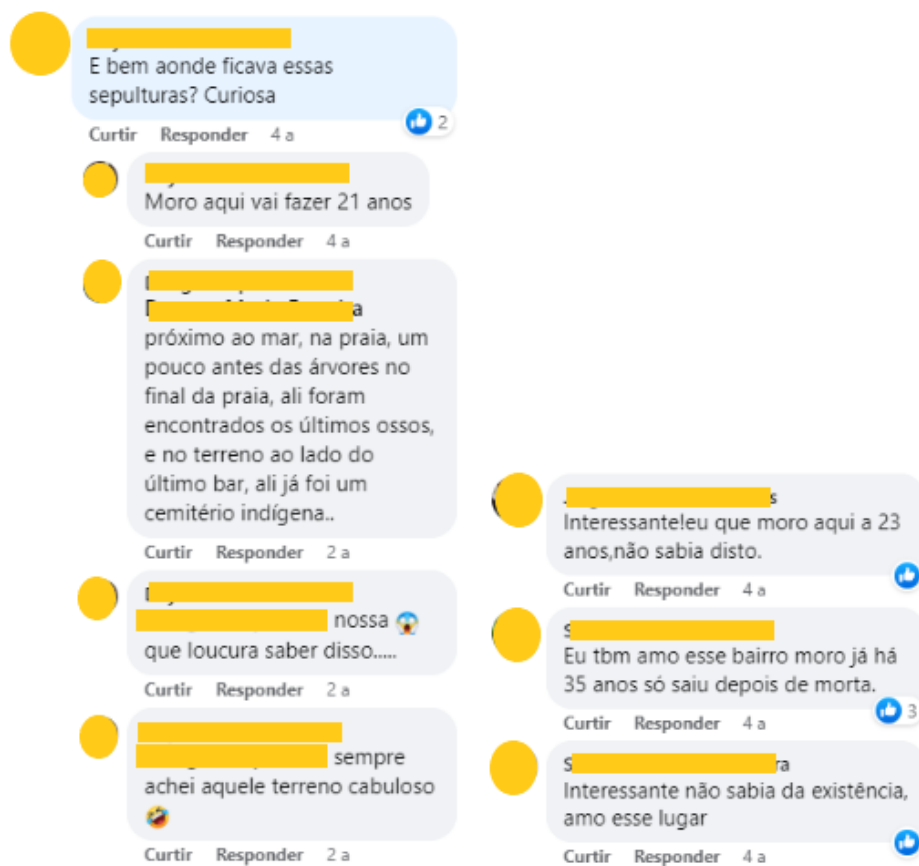
Porém, há um desconhecimento do sítio arqueológico entre os nativos mais jovens e os “de fora” mais velhos. Isso ficou evidente nas entrevistas e também nas pesquisas documentais, principalmente nas redes sociais, na página Tapera Floripa, página mais curtida sobre o bairro no *Facebook*, com 34 mil curtidas. Essa invisibilidade do sítio arqueológico, leva-me a refletir sobre a pequena ressonância (GONÇALVES, 2005) deste patrimônio no cotidiano do lugar, onde o sítio pouco evoca suas forças culturais e não ultrapassa os limites da história museológica para

alçar valores identitários. Isso pode ser verificado na Figura 68 e nos trechos de entrevistas abaixo:

Uma época o pessoal falou que tinha um negócio de sambaqui, essas paradas, mas aqui nunca foi divulgado, nunca foi feito nada (MENDES, Anderson, 2022, s/p., [sic]).

Ali era uma região que a gente não gostava de brincar, quando eu era criança, ninguém gostava, era uma área grande, mas ninguém gostava de ir para lá porque era um cemitério de índio (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

Figura 69 – Comentários sobre o sítio arqueológico.



Fonte: captura de tela feita na página Tapera Floripa. Comentários da postagem “História do nosso bairro” no *Facebook* (2022).

3.2 NA AREIA DA PRAIA

Durante a maioria das caminhadas, foi frequente ver pescadores chegando com seus botes, trazendo os peixes do dia e outros saindo para pescar. A pesca representa a dimensão do trabalho na praia. A praia e o mar se tornam um espaço de trabalho e sustento para os pescadores. E esse trabalho pode acontecer a qualquer hora do dia e da noite. Alguns pescadores, que pude conversar, relatam que só pescam de madrugada. Ao chegar à praia, os pescadores retiram dos seus barcos o resultado de sua labuta. Depois, vendem seus peixes ali na praia, ou com o auxílio do carrinho de mão, levam seus peixes para seu rancho ou, para aqueles que moram na Rua da Praia, levam os peixes pelo caminho, podendo vendê-los durante o trajeto.

Para o pescador, a praia é um lugar de trabalho árduo, de preparação para a pesca, de reparo das embarcações e das redes, um lugar de convívio com iguais, o caminho para o mar em que penetra para alcançar a canoa e a jangada e para lançar a rede, a tarrafa, o munzuá, a armadilha de peixes, e para armar a cambo. Molha-se nesta água, mergulha às vezes, por necessidade, mas pouco por divertimento. De fato, marinheiro, pescador, tripulante de navio muitas vezes não sabem nadar nem se banha no mar. Isto é coisa de gente de cidade (AZEVEDO, 1988, p. 9).

Figura 70 – Pescador puxando a rede na praia.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 71 – Pescador remendando a rede na praia.



Fonte: acervo do autor (2021).

Em uma das caminhadas, a praia como local de comércio ficou bem evidente. Ao chegar à praia, havia uma grande embarcação que recém havia chegado do mar, estavam limpando a rede e organizando os pescados. Percebi, que ao organizar os peixes, classificava-os em caixas e levavam para o deck da rua. No deck havia uma balança. Vendiam o peixe na hora. Nesse momento, percebi que a cadeia comercial da venda de um peixe foi reduzida ao extremo. A praia tinha virado uma peixaria. Conforme retiravam os peixes, aproximavam-se mais pessoas, gaivotas e outros pássaros da embarcação. A presença da balança é muito significativa, pois representava a precisão, a decisão do valor, o custo do peso de cada peixe. As vendas são de caráter privado, portanto, era significativa a presença da balança sobre o deck, um local público. O evento reuniu, tanto pessoas interessadas em ver o trabalho manual dos pescadores quanto aquelas que gostariam de comprar um peixe fresco.

Figura 72 – Retirando os peixes da rede.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 73 – A venda de peixes no novo deck.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 74 – A separação dos peixes por caixas.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 75 – A balança no deck.



Fonte: acervo do autor (2022).

No verão, a praia costuma ser bastante frequentada por moradores do bairro. Muitos banhistas e crianças brincando na faixa de areia, no mar e nas pedras²⁹. Um costume típico que a Praia da Tapera proporciona, por conta de sua água mansa, é o uso da “beiradinha”³⁰ como um espaço de permanência. A “beiradinha”, ou beira do mar, é o espaço da borda d'água, até onde o mar vem e volta. Esse espaço de banho pode ser também de estar. Os moradores da Tapera colocam cadeiras de praia, molhando os pés enquanto contemplam a paisagem ou leem. As crianças brincam na beirada de diversas formas, como de correr, com pranchas e brinquedos. Além disso, há pessoas lendo, meditando, pais com bebês e cachorros.

Figura 76 – A “beiradinha”.



Fonte: acervo do autor (2022).

Durante muitas das caminhadas fotográficas feitas pela praia, percebi que no local onde ficam os barcos na areia algumas famílias se fixam próximas a eles. No verão, é oferecido o passeio de barco para a Ilha das Laranjeiras, bem como outros roteiros, incluindo a ida para a Freguesia do Ribeirão da Ilha. O passeio de barco inicia na metade da Praia da Tapera. Este passeio é pensado para o turista, mas ainda é feito de forma muito incipiente. O turismo não é a principal fonte de renda para os pescadores da Praia da Tapera.

Não só a faixa de areia serve como um local de brincadeiras, mas também o céu da praia. O céu também é um local para se brincar de pipa, “domar os ventos e rabiscar os céus” (SIMAS, 2020, p. 61). Na Tapera ainda há o costume de soltar pipa. Principalmente aos domingos, a pipa é uma das principais atividades de lazer,

²⁹ A relação com as pedras será descrita posteriormente no item 3.5.

³⁰ Também é chamada de “beirinha”.

não só entre as crianças que correm pelas ruas e pela praia atrás delas, mas também de adultos. Além da atividade de soltar pipa, esse costume revela uma infância que ainda pode se apropriar dos espaços públicos, tanto das ruas e praças quanto também da praia. Mostra que as crianças da Tapera estão praticando as ruas e a praia, onde é lugar de e para elas também.

Figura 77 – A pipa.



Fonte: acervo do autor (2022).

No verão, próximo ao Bar da Praia, ficam mesas, inclusive na faixa de areia, havendo essa apropriação da praia. Nesta época do ano, o pescador divide não só o mar com banhistas, mas também a praia. Na faixa de areia ficam alguns botes motorizados, uns sobre a carretinha, outros sobre estivas³¹. As embarcações que não ficam na areia, ficam na poita, próximas às pedras e aos Ranchos da Bica, compondo a paisagem caiçara da Tapera, com vista para a Ilha das Laranjeiras e para o Morro do Cambirela.

Os barcos que ficam na areia, ao lado do Bar da Praia, além de evidenciar a atividade pesqueira no lugar, cumprem outras funções. Estas embarcações servem como um apoio das atividades na praia, seja para apoiar uma caixa de isopor, sentar-se, proteger-se do sol ou ganhar privacidade. Esta apropriação dos barcos é praticada, tanto por aqueles que conhecem o dono da embarcação quanto por aqueles que não o conhecem. Dessa maneira, ao final de tarde, este lugar proporciona momentos de sociabilidade entre amigos, com rodas de conversa, cervejas e música.

³¹ Peça de madeira que auxilia na movimentação das embarcações, tanto para retirar quanto para entrar no mar.

Estes barcos, que ficam na praia, são de pescadores que já tiveram ranchos de pesca, mas venderam. Segundo Seu Domingues Rodrigues (2022):

Eu podia ter pegado um rancho ali. Na época não tinha ninguém, era eu e o Pescador. Ai todo mundo foi pegando. Hoje, essas duas canoas que estão ali, tudo tinha rancho. Venderam e colocaram a canoa na praia (RODRIGUES, 2022, s/p., [sic]).

Há uma negociação nesse espaço da praia onde se deixam os barcos. A presença destas embarcações na areia é questionada e já foi notificada pela prefeitura³². Mesmo a praia sendo um local público e a pesca como principal atividade, a questão da permanência dessas embarcações incomoda. Essa questão também reflete uma reincidência do passado, onde neste mesmo local existiam ranchos de pesca (MENDES, 2022). Os pescadores, além de deixar os barcos na faixa de areia, também usam o local para remendar e limpar as redes. Os barcos na areia são parte da identidade da praia da Tapera. Em termos de paisagem, os barcos são elementos integrantes e definidores do caráter pesqueiro da praia.

Figura 78 – A relação barco e banhista.



Fonte: acervo do autor (2022).

³² Durante o período de pesquisa, os donos dos barcos e redes de pesca que ficam na faixa de areia foram notificados pela Prefeitura, para que fossem retirados da praia.

Figura 79 – A apropriação dos barcos.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 80 – A presença dos barcos na praia.



Fonte: acervo do autor (2022).

Antes de entrar na localidade dos Ranchos da Bica, conforme ilustra a Figura 60, conforma-se um dos lugares de permanência, onde é coberto pela copa das árvores, possui sombras e pedras que servem de banco, criando um espaço de estar. Neste mesmo local, em meio às pedras, fica um pequeno altar para santos e orixás. Ali é recorrente a presença de oferendas. A praia também é um espaço de fé. Segundo Gilberto Velho (2006):

O quadro heterogêneo e complexo das grandes cidades contemporâneas, a atividade religiosa, com seus rituais e crenças, é essencial para a construção e a dinâmica das identidades (VELHO, 2006, p. 238-238).

Figura 81 – As imagens de santos e orixás no muro.



Fonte: acervo do autor (2022).

Algumas pessoas do bairro haviam me dito, que no dia 2 de fevereiro, dia de lemanjá³³, alguns terreiros celebravam no espaço da praia. Por sorte, quando cheguei, estavam iniciando a montagem de uma tenda, bem no meio da praia, na areia. Se tratava de um terreiro³⁴ do Saco dos Limões, outro bairro de Florianópolis. Isso me despertou uma curiosidade em saber por qual razão, entre todas as praias da cidade, a Praia da Tapera era escolhida para celebração deste dia?

A tenda branca fixada na areia. Ao seu redor, fitas de sinalização para evitar a entrada e demarcar o espaço de rito. Toalhas nas laterais da barraca simulavam paredes na tenda. Uma representava Ogum³⁵ e outra lemanjá. Aos poucos, enquanto se estabeleciam, acendiam e organizavam as velas, em círculos, nas laterais da tenda. O movimento atraiu pessoas, algumas praticantes, outras curiosas. As pessoas ocupavam os bancos e meio fio. Algumas traziam cadeiras de praia, acompanhavam o rito, cantando os pontos³⁶ e batendo palmas. O terreiro efêmero funcionou em meio a dinâmica da praia, junto a quem caminhava, a quem se sentava nos bancos e a quem voltava dos ranchos e bares.

Dentro da tenda, sobre uma mesa, havia imagens, objetos e flores. Havia sete pessoas montando e organizando este terreiro efêmero. De um lado, 7 velas dentro de garrafas de plástico. As garrafas continham areia da praia, que exercia

³³ É um orixá feminino ligada às águas. lemanjá é considerada padroeira dos pescadores.

³⁴ Segundo Rodrigo Nelson Pereira (2022), em sua pesquisa sobre territórios sagrados (in)visíveis, a Tapera possui 42 terreiros, ou casa de “povo-de-santo”. Há, inclusive, um terreiro na Rua da Praia, mas que não celebrou o dia de lemanjá na Praia da Tapera, no recorte temporal desta pesquisa.

³⁵ Orixá ligado à batalha.

³⁶ Em síntese, são cânticos sagrados que homenageiam entidades.

peso e fixava as velas. As sete velas formavam um círculo. Havia outras velas, com essa mesma configuração, só que na cor azul, dentro da tenda. No outro lado da tenda, havia 14 velas acesas, formando um círculo, na cor vermelha.

O barco de oferenda para Iemanjá estava preparado. O rito começou. No meio da tenda se posicionava a “mãe de santo”. Ao redor, ocupando as laterais da tenda, estavam os demais, cantando os pontos e batendo palmas. Não havia instrumentos musicais. De costas para o mar, de frente para a rua, alguns se ajoelhavam, enquanto outros ficavam em pé. A principal ação ocorria embaixo da tenda e no entorno imediato a ela. Algumas vezes, de maneira incorporada, a “mãe de santo” ia ao encontro do mar.

Pude acompanhar a celebração durante duas horas. Em um intervalo, acompanhava as conversas, de maneira curiosa, para entender mais sobre minha dúvida de o porquê a Praia da Tapera ser a escolhida para esta celebração. Num certo momento, ouvi da “mãe de santo” que a Praia da Tapera era um dos lugares mais seguros e respeitosos para a prática da umbanda em espaço público.

Naquele momento, a praia enquanto espaço democrático, assumia valores sagrados e, também, profanos. Se na faixa de areia acontecia o rito, logo ao lado, no Bar da Praia, o movimento constituído de música ao vivo, bebidas, mesas e cadeiras ocupando a orla.

Figura 82 – As velas.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 83 – O terreiro efêmero na Praia da Tapera.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 84 – A reunião de pessoas em torno do rito.



Fonte: acervo do autor (2022).

3.3 A RELAÇÃO RANCHO-PRAIA

Similar às categorias casa-rua, que representam noções dicotômicas entre público e privado, assim como as variações entre interior-exterior e visível-invisível, a relação rancho-praia tem um comportamento semelhante. Os ranchos são espaços privativos do pescador, com uso destinado à guarda de seus petrechos de pesca. Porém, estão localizados na praia, em um espaço público como vimos

anteriormente, com seu uso aberto a todos. O pescador encara a praia como um espaço de atividades relacionadas ao seu trabalho, como a manutenção e depósito de redes, embarcações e limpeza dos peixes. Os ranchos também representam um lugar de reunião entre pescadores. Nos finais de semana viram pontos de encontros, onde se cozinha peixes, carnes, bebem cervejas, reúnem a família e amigos, jogam dominó e conversam, criando uma sociabilidade particular e importante na vida dos pescadores.

Anteriormente, neste trabalho, menciono a atuação de Le Corbusier com os princípios do urbanismo modernista, no qual ignorava a categoria de bairro e rua. Interessante notar, nesta parte da pesquisa, a relação que Le Corbusier tinha com a praia no final de sua vida. Pode-se fazer um paralelo entre sua obra *Le Cabanon* (1951) com os ranchos de pesca, onde os dois compartilham uma visão da vida pública associada a uma vida em comunidade, integrada com a natureza, a praia e vizinhos-pescadores (AQUINO, 2014). Segundo Aquino (2014), em *Le Cabanon*, mas incluindo também os ranchos de pesca, há uma ideia de viver-praia. Viver-praia pode ser entendida como uma forma de vivência integrada ao território e suas singularidades traduzidas nos modos de vida praiano.

Le Cabanon pode ser considerado a extensão do corpo à arquitetura, do edifício à paisagem, no território, visto que o edifício é desconstruído física, social e politicamente para responder aos âmbitos desta nova proposta de vida. [...] não se vive mais entre paredes, mas sim no habitar de uma paisagem estendida onde todos estes elementos formam uma arquitetura praiana, comunitária, uma outra ideia de viver-praia (AQUINO, 2014, p. 39).

Figura 85 – *Le Cabanon*



Fonte: Wikimedia, usuário Tangopaso, domínio público.³⁷

³⁷ Imagem disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cabanon_Le_Corbusier.jpg#/media/File:Cabanon_Le_Corbusier.jpg Acesso em: 30 de nov. 2022.

Dentro do recorte físico desta pesquisa, a Praia da Tapera conta com duas localidades onde há ranchos de pesca. Os Ranchos da Bica, à esquerda (leste) de quem chega à praia, e os Ranchos do Rio da Êra, à direita (oeste), extremando com o terreno da BAFL. Morfologicamente, as duas localidades têm as mesmas características físicas em comum. O espaço útil da praia para uso público, sua faixa de areia, dá-se entre o mar e os ranchos. Na localidade dos Ranchos da Bica, isso acontece por cima do costão e próximo a ele, onde estão situados os ranchos, diferentemente dos Ranchos do Rio da Êra, que estão sobre a areia. Nos dois casos, foi possível ver o uso da faixa de areia, muitas vezes ocupada por suas canoas e embarcações, redes cobertas por lonas e outras ferramentas de uso diário da pesca. Em ambos, há uma croa³⁸ onde acontece as chegadas e partidas das embarcações. Dessa forma, a frente do rancho é encarada como uma extensão dele, seu quintal é a praia e o mar. Essas relações e outras formas de apropriação que envolvem os ranchos e a pesca serão abordadas individualmente para os dois casos.

Figura 86 – Chegadas e partidas das embarcações.



Fonte: acervo do autor (2021).

³⁸ Bancada de areia onde é possível entrar no mar a pé de forma gradual.

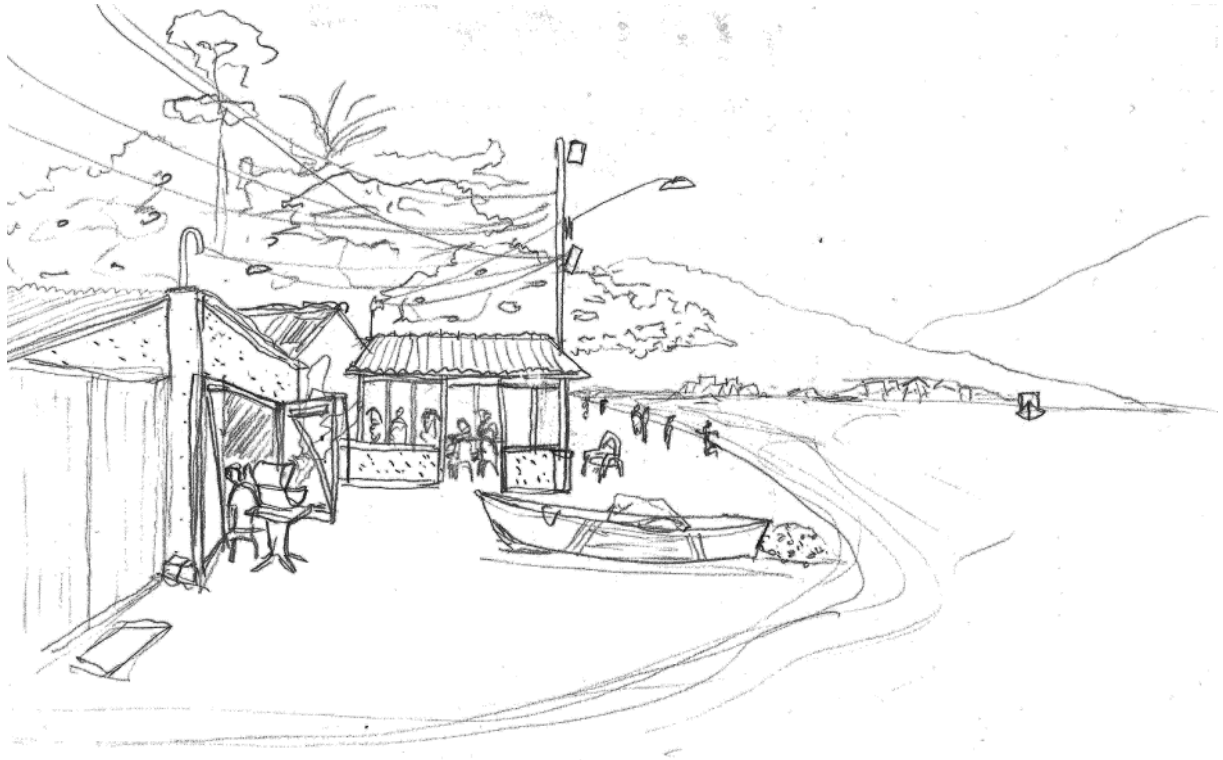
Figura 87 – Esquema gráfico da categoria Ranchos.



Fonte: esquema elaborado pelo autor (2022).

3.3.1 Ranchos do Rio da Êra

Figura 88 – Os ranchos do Rio da Êra.



Fonte: acervo do autor (2022).

A presença dos ranchos na praia simboliza a materialização do território da pesca. Os primeiros ranchos da Praia da Tapera surgiram próximos ao Rio da Êra, conforme pude constatar nas fotografias de Pe. Rohr, datadas da década de 60, ilustrada na Figura 66, onde apresenta um rancho construído no local.

Os ranchos desta localidade, por serem mais antigos, pertencem a famílias mais estabelecidas na localidade da Praia, como os Espíndolas e o Rancho do Césinha. São famílias com pescadores e moradores, com mais de 70 anos, que cresceram na Praia. Césinha, um dos entrevistados, é o único pescador que tem uma canoa de garapuvu, na praia da Tapera. Em algumas caminhadas, pude ver a canoa fora do rancho, portando as redes de pesca e outros petrechos.

Sempre que passava em frente ao Rancho do Césinha, ele me chamava para entrar e conversamos sobre o passado da Praia, os vestígios arqueológicos e sua atuação enquanto criança ajudando o Pe. Rohr. Fui bem recebido entre os pescadores antigos destes ranchos, incluindo-me nas rodas de conversa,

oferecendo peixes e cachaças. A curiosidade sobre o que eu estava pesquisando era grande, queriam saber o porquê das fotos sobre o cotidiano deles na Praia. Entre os assuntos sobre pesca, há muitas piadas e situações engraçadas, revelando relações muito próximas entre eles. Faz parte da sociabilidade dos pescadores destes ranchos, assar um peixe no final de semana, onde eles se encontram e bebem, jogam dominó e “conversa fora”. O Rancho do Césinha é todo decorado com fotos antigas de Florianópolis, emblemas do Figueirense e a bandeira do Brasil.

Figura 89 – Rancho dos Espíndolas.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 90 – Momentos de sociabilidades entre os pescadores.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 91 – Memórias da cidade em um rancho de pesca.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 92 – Foz do Rio da Êra.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 93 – O preparo da rede.



Fonte: acervo do autor (2022).

3.3.2 Os Ranchos da Bica

Figura 94 – Os Ranchos da Bica.



Fonte: acervo do autor (2021).

Estima-se, a partir de um relato de um antigo morador, que o primeiro rancho a ser construído na localidade da bica foi em meados da década de 1970.

Foi o Pescador 1 que fez o primeiro rancho. Eu ajudei a fazer. O rancho está lá no mesmo lugar, até hoje, que é o do Pescador 2. A bica também já existia, sempre deu muita água, mas a turma não dava bola (RODRIGUES, 2022, s/p., [sic]).

A localidade é chamada assim por conter uma Bica D'água, ponto de referência para os moradores da Tapera. O conjunto de ranchos foi formado de

maneira espontânea, implantado sobre um costão, acessado em meio às pedras e contendo uma pequena faixa de areia. É um espaço ativo, movimentado e disputado. Uma parte destes ranchos são heranças de família, passados de geração em geração. Outra parte já foi vendida a terceiros e seus atuais donos não são moradores do bairro. Mesmo aqueles vindos de “fora”, há um respeito e uma admiração pelo lugar. Ao todo, são 33 ranchos de pesca, incluindo a sede da Associação de Pescadores Artesanais da Tapera (APAT). Durante os dias de semana, os ranchos mais utilizados são aqueles cujos donos são moradores do bairro. Já nos fins de semana, os pescadores de “fora”³⁹ vem para seus ranchos. Aqueles ligados a uma pesca diária, possuem local para venda de peixe e costumam ficar com as portas abertas.

Logo no início, sobre o costão, há uma instalação de apoio a serviços de limpeza e preparo dos produtos da maricultura. Essa instalação de apoio conta com uma cobertura e lanternas de ostras penduradas. Com o auxílio de uma pia e uma bancada de granito, limpa-se ostras e mariscos. A praia e os Ranchos da Bica também são locais de comércio, onde se vendem ostras, mariscos, berbigão, peixes diversos e camarão.

Figura 95 – Estrutura de trabalho.



Fonte: acervo do autor (2022).

³⁹ Muitos deles têm a pesca como sua segunda profissão ou atividade pós-aposentadoria. Em sua maioria são ou foram servidores públicos.

Figura 96 – A limpeza das ostras.



Fonte: acervo do autor (2021).

Os ranchos possuem tipologias diferentes entre si. Fruto da autoconstrução, do trabalho de final de semana, com ajuda de parentes e vizinhos. Alguns foram construídos em madeira e outros em alvenaria. A maneira de construir revela a identidade de cada pescador, que se manifesta na cor, nas decorações e no nome do rancho. A maioria possui um andar, e alguns poucos, possuem dois andares. O rancho 8 do “Vô Vitor”, por exemplo, foi feito com estrutura roliça de eucalipto e vedado com tábuas de frontal orientadas na vertical. A cobertura com telhas de fibrocimento, sem forro, aparecendo as ripas. É comum o uso de tubos de esgoto como calhas para escoamento da água da chuva. Geralmente, as instalações elétricas ficam aparentes. Não há afastamento entre os ranchos. Em um caso específico, a união de um rancho, feito de bloco de concreto, com um andar, é colado a outro, de alvenaria rebocado, de maneira rústica, com um segundo andar em madeira, com tábuas e mata-juntas, uma grande janela de madeira com veneziana, telhas de fibrocimento e calhas de tubulação de esgoto. Uma grande diversidade arquitetônica. Os ranchos de pescadores com suas tipologias diferenciadas – materialização dos níveis de pertencimento ao território – foram analisados também por Castells e Lino (2015) em Laguna/SC.

Figura 97 – As diferentes tipologias de ranchos.



Fonte: acervo do autor (2021).

Durante as caminhadas, alguns ranchos estavam abertos. Um destes, construído em alvenaria, guardava uma canoa motorizada, de madeira, nas cores vermelha e branca, sobre estivas. Na parede, coletes salva-vidas, cordas, remos, e outros equipamentos de pesca. Outro rancho, que pude observar, era bastante organizado. Os equipamentos tinham seu lugar. As capas de chuva eram colocadas lado a lado atrás da porta, enfileiradas. Neste rancho havia uma pequena gruta, feitas de concreto e conchas, acolhendo um pescador negro, segurando um peixe dentro de uma canoa. Ao lado, tinha uma imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Figura 98 – No interior de um rancho.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 99 – A organização.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 100 – Pequena gruta com a representação de um pescador.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 101 – Imagem de Nossa Senhora Aparecida.



Fonte: acervo do autor (2021).

Em meio a chegadas de barcos, famílias caminhando pelo local, enchendo suas garrafas na bica e crianças brincando na areia, parei para registrar e conversar com um pescador. Ele estava limpando os peixes capturados naquela manhã. Fazia

os cortes necessários na cabeça e ao longo do corpo, retirava o que não queria e jogava ao mar. A carne fresca atraía gaivotas, que voavam baixo e se alimentavam.

Na faixa de areia da localidade dos Ranchos da Bica, ficam muitas embarcações na areia, geralmente em frente ao rancho no qual pertence. A presença destes barcos cria uma atmosfera pesqueira, que em grande parte é responsável pela identidade desta localidade. Algumas atividades relacionadas à pesca são feitas neste espaço da areia, como remendar e limpar as redes. Eles apoiam a rede no barco e puxam ela para a areia, assim viam os locais para o remendo. Tanto o barco quanto a areia são suportes dessa prática, que acontece ali neste espaço da pequena faixa de areia da localidade dos Ranchos da Bica.

Figura 102 – A ocupação da faixa de areia pelos barcos.



Fonte: acervo do autor (2021).

Há outros motivos que criam movimento neste local, paralelos à pesca, é a presença da Bica d'água. A bica é uma fonte de água potável muito antiga no local. É cuidada e preservada pelos pescadores e moradores do bairro. É recorrente avistar pessoas andando com garrafas d'água na Rua da Praia. Além da bica, o local é passagem para recantos pitorescos da Tapera, como a Praia do Garcia, que fica mais afastada e menos frequentada, sendo local de preferência para aqueles que querem mais privacidade. O acesso à Praia do Garcia se dá pela escadaria do couro⁴⁰. Antes de acessar a escadaria do couro, há um local onde se improvisa uma sala e cozinha a céu aberto. Há um tronco utilizado como banco, usado por jovens

⁴⁰ A escadaria do couro é uma pequena trilha que atravessa o costão que divide a Praia do Garcia e a Praia da Tapera. Para mais informações, ver no trabalho de Fabiana Martins (2019).

para fumar. Neste local, há uma pia inox apoiada entre as pedras do costão, usada para escamar os peixes.

Figura 103 – A Praia do Garcia.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 104 – Um tronco de banco.



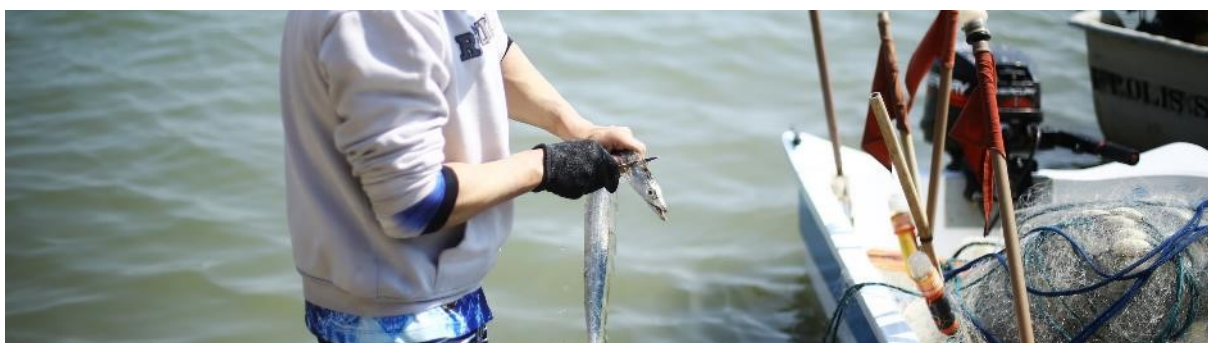
Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 105 – Pia para limpeza de peixes.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 106 – A limpeza dos peixes.



Fonte: acervo do autor (2021).

Montaner e Muxí (2021) trazem em seu livro *Política e Arquitetura: por um urbanismo do comum e ecofeminista*, o termo urbanismo comum. Segundo os autores, "o comum exprime uma concepção específica da vida, da natureza e do tempo, e também se exprime no espaço e no território" (MONTANER; MUXÍ, 2021, p. 89). Entre as interpretações do espaço comum, está a reformulação deste espaço para além de uma polarização entre as esferas pública e privada. Perspectiva que considero que âncora o uso do espaço da praia dos Ranchos da Bica.

Em uma das caminhadas, passo pelos ranchos da bica, buscando ângulos diferentes da paisagem da praia. No local, embaixo de uma amendoeira e entre as pedras, uma família se reúne em volta de uma churrasqueira improvisada, posicionada no chão, feita de pedras e tampadas do vento com telhas de fibrocimento. Cadeiras de praia, garrafas, cervejas, toalhas e carvão. Na

churrasqueira: linguiças, pão de alho e cebolas. O espaço público se torna uma cozinha.

Figura 107 – churrasco nos Ranchos da Bica.



Fonte: acervo do autor (2021).

Da paisagem ao detalhe, percebo as materialidades dos ranchos de pesca. Âncoras enferrujadas, rede de pescas penduradas em portas, imagens de Nossa Senhora Aparecida, barcos com diversos nomes: Escorpião Rei, Júlia, Taperinha. Entre os barcos e o churrasco, as crianças brincam no mar e o senhor carrega nas costas sua bombona, agora completamente cheia pela baixa vazão da Bica. O churrasco continua, as crianças brincam e os cachorros correm atrás das crianças e eu finalizo minha caminhada fotográfica voltando para casa.

Pelo caminho, vou prestando atenção nas adaptações feitas para a permanência na praia, como tubos de esgoto e troncos usados para sentar. Vou chegando às pedras e cruzando os ranchos. Registro algumas movimentações de pescadores conversando, cumprimento-os e sigo adiante. No final dos ranchos, vejo dois pescadores que recém chegaram da pescaria e estavam organizando as redes, tirando os peixes. Chego mais perto e registro a atividade. Um deles fala: “tirando foto de pescador”, querendo dizer, na perspectiva dele, que tinha coisa mais bonita para se registrar. Respondi dizendo que era importante e que um dia poderia acabar. Eles concordaram e ficaram mais confortáveis com as fotos. Volto para a casa, cruzando com pessoas enchendo suas garrafas na bica e pescadores fritando seus peixes na entrada do rancho, para almoçar.

São regidas algumas regras, estabelecidas pelos próprios pescadores através da APAT. Cartazes como “proibido subir e mexer nas embarcações”, “proibido urinar neste local, seja consciente” e “Não jogue lixo no chão”, demonstram

cuidados com seus pertences e com a praia, como bem público e de todo mundo. Dessa forma, é possível considerar que as regras respondem, também, aos cuidados exigidos, pelos moradores do lugar, pelo bom uso da Bica D'água. Em uma das caminhadas, conversei com um pescador que disse “quem vem na Praia da Tapera e não prova da Bica, não veio na praia”. Este pescador me deixou entrar no rancho e fazer algumas fotos. Pude tirar algumas fotos em outros ângulos, principalmente da Ilha, dos barcos, da bica, das pedras.

Figura 108 – As qualificações do território dos Ranchos da Bica.



Fonte: esquema elaborado pelo autor (2022).

3.4 A BICA

Figura 109 – A Bica.



Fonte: acervo do autor (2021).

Neste período de pesquisa, o bisneto de Peralta instalou umas placas na entrada da hamburgueria. Compostas por setas de madeiras, indicavam não só os lanches e sua própria propaganda, como também indicações para a praia e para a bica. Isso mostra a importância da praia e da bica como referências culturais para os moradores locais.

A bica é uma antiga fonte de água potável. Fica localizada nos Ranchos da Bica. É cuidada e preservada por pescadores e moradores próximos. Segundo Agnaldo Mendes (2022), nativo e com mais de três gerações da família vivendo na Praia da Tapera, a bica nasceu de uma brincadeira peculiar, entre crianças, com os galhos do mamoeiro.

A Bica nasceu de uma brincadeira. Nós brincávamos no barranco, fazendo buraco e botava um cano de mamão e virava uma bica. Nós éramos guris, andávamos por ali pelo barranco. Tem um olho d'água ali. A gente brincava, quando estava com sede e queria tomar água, uma água limpa, cavava e fazia uma piscininha, de lama de barro, e botava um galho do mamão para puxar água limpa do fundo, onde nascia (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

Figura 110 – Placas indicativas da Bica na Rua da Praia.



Fonte: acervo do autor (2021).

A Bica cria uma sociabilidade particular. Enquanto esperam sua garrafa encher, as pessoas se escoram na porta do rancho ao lado e conversam entre si. A fila é formada em direção aos ranchos para as pessoas se protegerem do sol. A fila gerada na coleta é sempre respeitada, a não ser que alguém queira beber água, neste caso, retira-se a garrafa e dá-se a vez. Além disso, ela é um local onde se cobra muito respeito, logicamente, devido a sua importância e uso coletivo da água.

Hoje tem as placas lá, tem regras. Quem quer beber, não pega a fila. Antes não tinha isso. Se tu estás enchendo tua bombona, tem que dar a vez para quem quer tomar um copo. Sempre teve regras do tipo, tu nunca fazes xixi perto da bica. Cachorro perto da Bica também não pode. Pessoal vai com cachorro pegar água, mas o pessoal mais antigo não gosta (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

Diferente de uma fila de banco ou de trânsito, a espera pela água proporciona a conversa entre os moradores, pois possuem um laço em comum que é morar na Tapera. Também é possível comprar peixes, beber e escutar música. Alguns até calculam a vazão da bica. Há também aqueles que são mais chegados aos pescadores que deixam suas garrafas enchendo e saem para conversar, voltam para buscar quando a garrafa está cheia. Mesmo com a espera, alguns usuários da bica dizem ser melhor do que comprar água no mercado.

Além da sociabilidade, a bica proporciona uma relação mais próxima com a natureza e o passado da Tapera, marcado pela presença da água traduzidas no uso do mar, do Rio da Êra, na Bica e nos poços onde se buscavam água e lavavam roupas, conforme contam os mais antigos do bairro. Segundo Anderson Mendes (2022), que cresceu na Praia da Tapera: “tomava água direto ali, quando saíamos

para brincar, a gente estava na praia, tomava na Bica porque ninguém quer voltar em casa” (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

Durante as caminhadas, recorrentemente, via algumas pessoas que buscam água na Bica. A ida à bica, além de fazer parte do cotidiano daqueles que escolhem coletar uma água fresca, também é um passeio para diferentes ocasiões. As crianças que vão à praia com seus pais e ficam brincando na faixa de areia. Os namorados que deixam suas garrafas enchendo e ficam namorando entre os barcos e pedras. Essa caminhada em busca da água, cria uma paisagem costumeira na Rua da Praia, onde é comum ver pessoas caminhando com diferentes tipos e tamanhos de garrafas de água, desde garrafinhas de 500ml até bombonas de 20 litros.

Figura 111 – A bombona na Bica.



Fonte: acervo do autor (2021).

Há muitas formas de buscar água na Bica e isso depende do quanto você precisa de água. Há aqueles que vão a pé e enchem pequenas garrafas, geralmente de duas a quatro, que é possível trazer na mão. Se o foco é encher uma bombona de 20 litros, é preferível vir de carrinho de mão ou bicicleta, com as devidas adaptações na garupa. É comum ver pessoas que chegam de caminhonete, estacionam próximo ao Bar da Praia e descem de carrinho de mão, trazendo um número maior de bombonas.

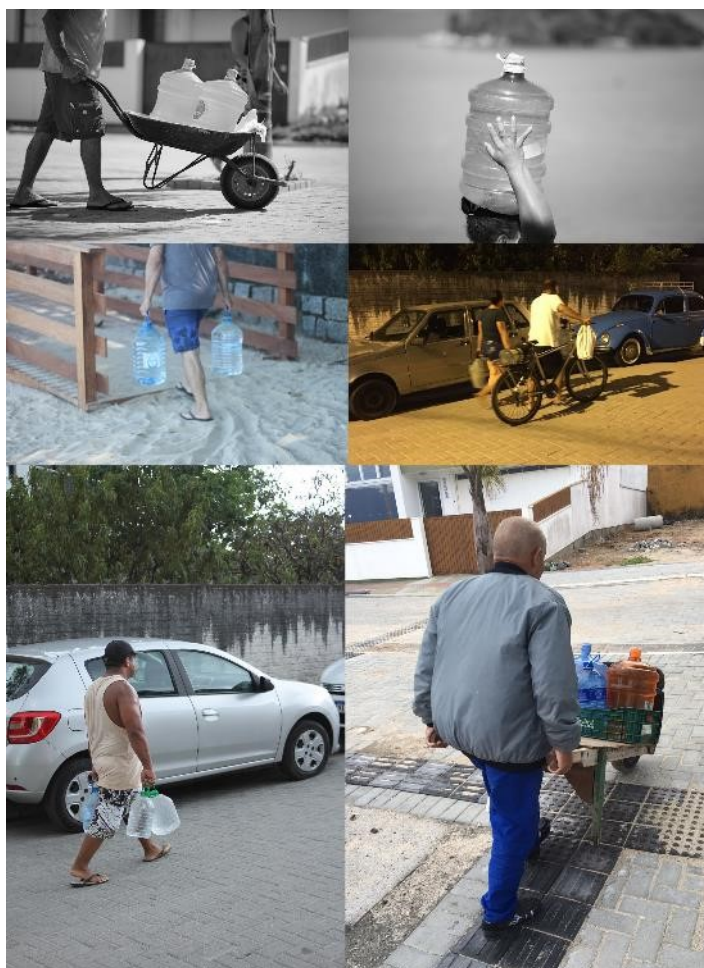
Independente do volume da coleta, há adaptações feitas para o manuseio e transporte da garrafa. Para quem carrega as garrafas a pé, geralmente são usadas aquelas garrafas de 5 litros, vendidas tanto para águas quanto para sucos. Neste tipo de garrafa, é comum ver a mudança no pegador, incluindo um pequeno pedaço

de tubo de água fria, com um cordão interno amarrado na boca da garrafa. As adaptações também estão presentes nas bicicletas, que incluem caixas de feiras na garupa, com a ajuda de redes e extensores para fixar uma bombona de 20 litros. Durante as caminhadas, vi também uma outra adaptação que é o carrinho de feira, adaptado para receber uma bombona, com duas rodas grandes, no qual a senhora que estava usando me falou “é melhor pra andar pela areia da praia”.

Sua utilização é grande e ultrapassa os limites da Tapera. Houve um dia em que fui à bica e havia um senhor enchendo 10 garrafas de 5 litros. Seguindo nessa abundância do uso da bica, Agnaldo Mendes (2022) comenta:

Quando tem falta de água, geralmente na temporada, onde reduz a pressão da água da Casan, todo mundo faz fila na bica. (...) Vem gente pegar em qualquer horário, de dia e de noite. Com qualquer galão, bombonas, garrafas. Tem um cidadão alí do Carianos que leva 45 bombonas (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

Figura 112 – As diversas formas de carregar água da Bica.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 113 – Momentos de sociabilidades.



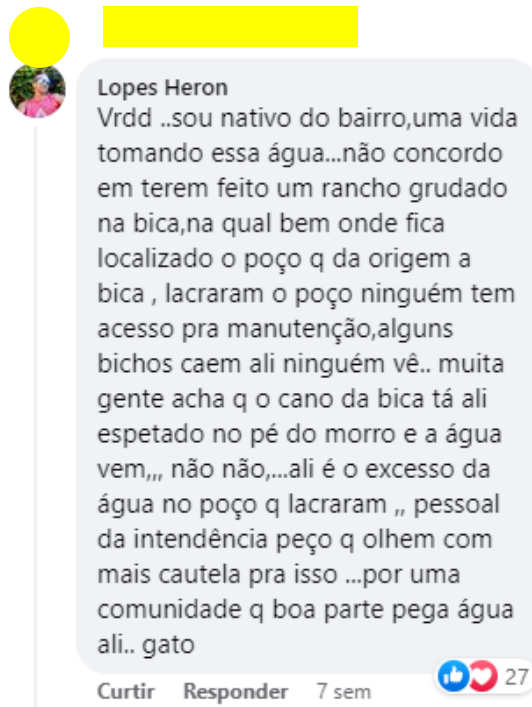
Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 114 – Adaptações nas garrafas para melhor manuseio.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 115 – A polêmica da construção de um rancho próximo a Bica.



Fonte: captura de tela feita na página Tapera Floripa. Comentários da postagem “Lenda da Bica” no *Facebook* (2022).

Existe uma polêmica em torno da proximidade da construção de um rancho de pesca, que fica ao lado da bica, e até dúvidas sobre como essa água chega até nós. Há rumores de que, quem construiu o rancho, canalizava a água da bica para seu rancho, surgindo a dúvida de que a água que chegava à Bica passava primeiro por uma dentro deste rancho.

O cara fez um rancho na boca da bica, não sei porque que deixaram fazer aquilo ali [...] A bica quebra o galho da turma. E a água é boa né. Vem cara de carro pegar água na bica. Um tempo ela tava correndo bem um fiozinho, tamanho de um fósforo assim. Aí foram lá umas caras que eu conheço... era a mangueira que tava entupida lá em cima. Foram lá, limparam e trocaram a mangueira, agora corre um pouquinho mais (Pescador, 2022, s/p., [sic]).

Isso demonstra o pertencimento e a participação dos moradores nos cuidados com o bem coletivo, de uso comum, como a água e toda a estrutura da Bica. Agnaldo Mendes (2022) complementa, garantindo que a água não passa por dentro do rancho.

Depois de um tempo, o pessoal fez ela na pedra. O primeiro cidadão que construiu um rancho ali, fez um poço e do poço ele canalizou para Bica. Depois a gente exigiu que ele tirasse do poço. Ele botou um cano direto lá onde é o olho d'Água. Então, a água que a gente bebe lá é tranquilo, não

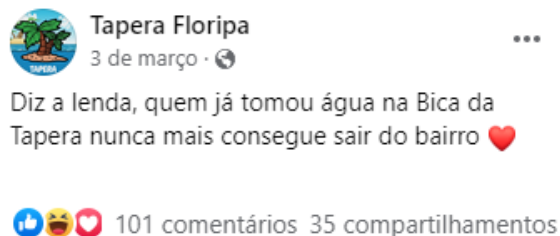
passa por dentro do Rancho dele. É um cano separado, eu posso te garantir porque nós colocamos, eu ajudei e tu sabes que é importante para o bairro, porque vai muita gente (MENDES, 2022, s/p. [sic]).

Essa sociabilidade particular criada em torno do uso da Bica, gera reflexos no cotidiano da Praia e da Rua da Praia. A Bica contribui, em conjunto com os ranchos e seus usos, para a construção de uma noção de lugar nesta localidade dos Ranchos da Bica. Milton Santos (2006, p. 213) mostra que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”. O lugar se torna o espaço de um cotidiano compartilhado pelos diversos grupos, formando a base de uma vida em comum (SANTOS, 2006). E como já vimos anteriormente, o comum pode ser lido como uma concepção específica de vida que se exprime no território (MONTANER; MUXÍ, 2021).

Essa noção particularizada do lugar, trazida por Milton Santos, aproxima-se do pensamento de Norberg-Schulz (2013). Para o arquiteto, o lugar é um fenômeno, uma totalidade concreta. Sendo um fenômeno, só pode ser entendido em sua totalidade a partir de seu *genius loci*, conceito romano que traduz o espírito que dá vida aos lugares (NORBERG-SCHULZ, 2013). O espírito do lugar está ligado às práticas sociais e determina o caráter do lugar. Dessa forma, no lugar passa a se desenvolver sociabilidades e atividades culturais, comerciais e de serviços, assim, molda-se uma paisagem, que é resultante de uma maneira singular de combinação entre diferentes variáveis do território (PIMENTA, 2014), conforme explica a citação a seguir:

Foram as características dos sítios, lapidados pela apropriação peculiar dos grupos que ali viveram, que elaboraram a diversidade paisagística. Estabelece-se, portanto, um elo insubstituível entre grupo social e lugar, ali onde um cotidiano foi, e continua sendo compartilhado, onde se realiza a vida em comum (PIMENTA, 2019, p. 212).

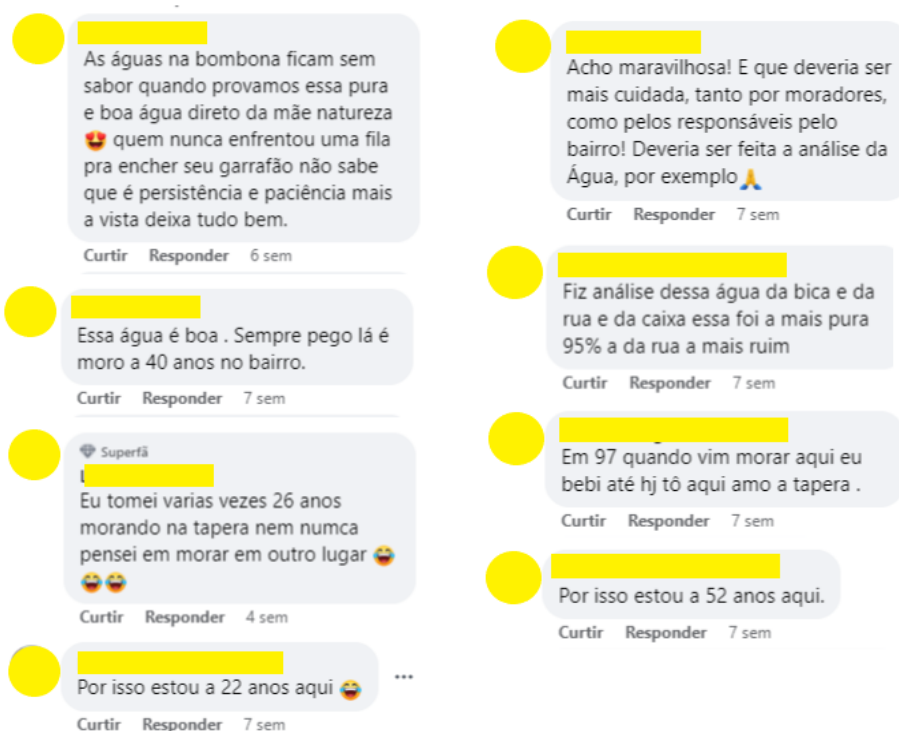
Figura 116 – A Bica como uma referência cultural da Praia.



Fonte: captura de tela feita na página Tapera Floripa. Comentários da postagem “Lenda da Bica” no Facebook (2022).

Neste cotidiano compartilhado e nesta vida em comum que o pertencimento da Bica é criado. Sobre esta ótica, a Bica poderia ser entendida como uma referência cultural para a Tapera. Sua força cultural, ou nos termos de Gonçalves (2005), sua ressonância é evocada em múltiplos aspectos, desde sua história, sua criação lúdica, sua importância e uso e até nos cuidados e nas manutenções feitas pelos moradores e pescadores até os dias de hoje. Em comentários na rede social Facebook, na página Tapera - Floripa, fica evidente a importância da Bica ao longo dos anos, expressa no tempo em que os moradores estão na Tapera.

Figura 117 – Os comentários sobre a Bica.



Fonte: captura de tela feita na página Tapera Floripa. Comentários da postagem “Lenda da Bica” no Facebook (2022).

3.5 O USO DO MAR E DAS PEDRAS

O mar da Baía Sul, as pedras, os barcos e as ilhas das Laranjeiras e Dona Francisca, são elementos integrantes da paisagem da Praia da Tapera. O mar se apresenta não só como um espaço natural, mas também como um espaço social. Nele, há diferentes formas de apropriação, que transformam gradualmente seu espaço público e pequenas partes de uso privado. Pode ser utilizado para deixar as

embarcações na poita⁴¹, para trabalho com criações de ostras, mariscos e uso geral da pesca, como também para lazer, com tradicionais idas à nado para a Ilha das Laranjeiras e as brincadeiras nas pedras, que são acessadas adentrando o mar.

Figura 118 – As embarcações na poita.



Fonte: acervo do autor (2021).

Figura 119 – A prática do nado à Ilha.



Fonte: acervo do autor (2022).

Durante as caminhadas ocorridas no verão, eu encontrava muitas crianças brincando no mar. As brincadeiras do mar variam entre nadar, jogar bola, subir nas pedras. Entrando na esfera do lazer, os nativos possuem uma relação estreita com as pedras. Estas pedras são palcos de brincadeiras e muitas delas têm nome. Pedra da Caveira, do Duca, do Bolo, da Laje, da Velha, do Forno. Segundo Anderson (2022, s/p.), “a gente já nasceu e as pedras já tinham nome. Raramente a gente deu

⁴¹ Objeto pesado, também conhecido como âncora, usado para evitar que as embarcações se movam no mar.

nome para alguma pedra dessas”. As pedras possuem uma relação com a atividade que pode ser exercida nela. A brincadeira principal é o pulo. E cada pedra tem uma classificação, mediante a maré, de qual pulo pode ser feito, para cada faixa etária também. Segundo Anderson Mendes (2022), sobre a Pedra da Laje:

Geralmente é a primeira pedra onde o pessoal aprende a pular, porque é uma pedra que é mais fácil de subir e não é tão alta. Quando tu começa...as pessoas menores né? eles começam a pular desse conjunto de pedra aqui. Essa a gente chamava de Pedra da Laje. É onde as crianças começam a aprender a pular. Porque é uma pedra que é relativamente perto da areia. Então quando se é menor, tu não consegues nadar muito longe, tu não tens altura pra dar pé numa pedra que é muito fundo. Então tu começa a pular por ali (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

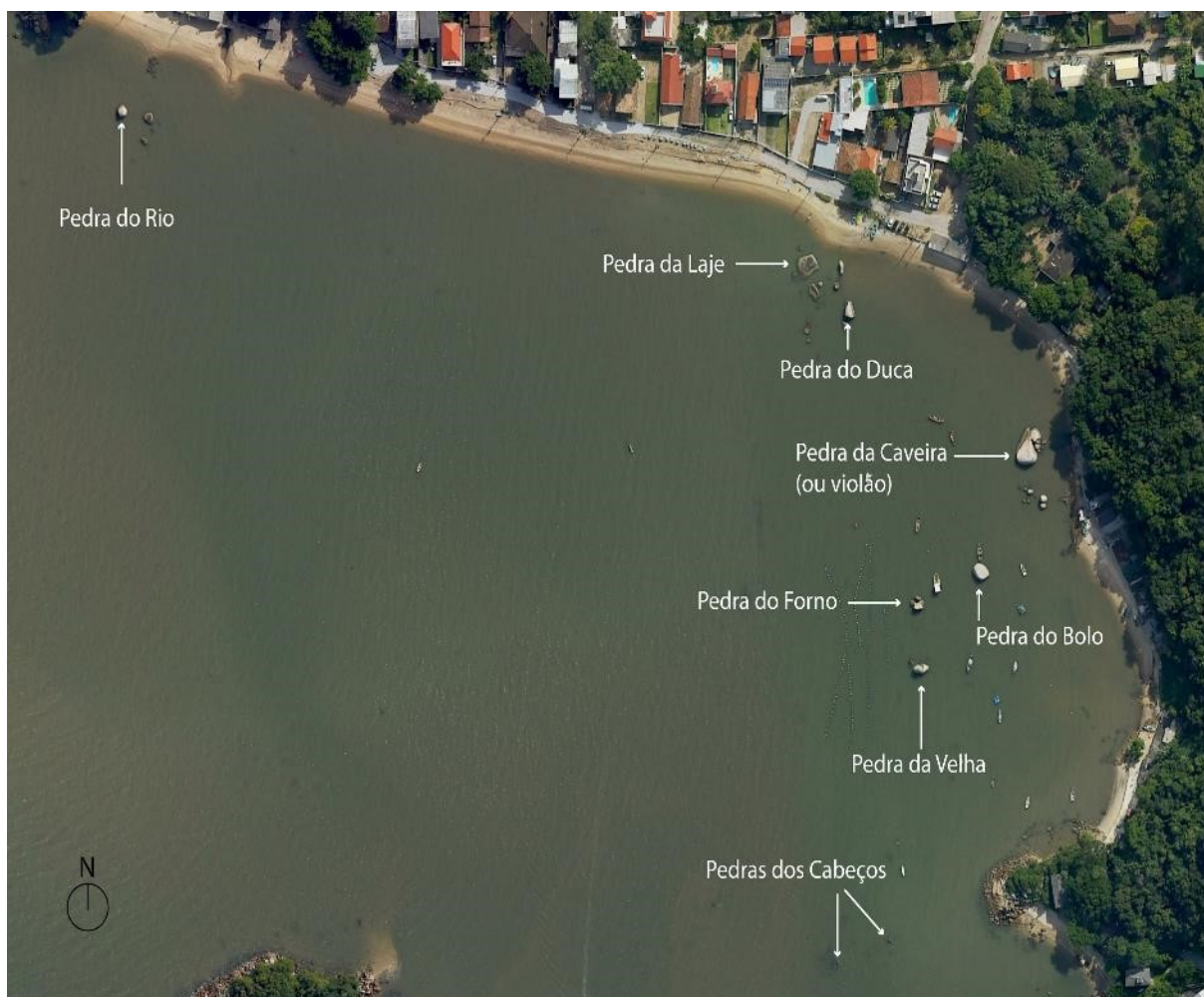
Já na Pedra do Duque, a dificuldade aumenta, pois ela é mais difícil de subir, descreve:

A Pedra do Duque, ou Duca, é desse primeiro conjunto. É uma pedra que pra subir é um pouquinho mais difícil já. Mas ela é uma pedra que é perto da areia também, e quando a maré enche, ela fica funda de pular. Ela já tem uma altura legal, então tu consegues dar um bico, tu consegues dar um canivete, um pulo diferente, que na Pedra da Laje tu não consegue, porque é mais raso. Entendeu? daí já não dá. Daí tipo, essa é uma pedra mais difícil de subir que a Pedra da Caveira, que é pro outro lado. Só que essa pedra, é uma pedra mais longe da praia, então geralmente a gente começava a pular aquela (Duca) e depois vinha pra essa (Caveira) (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

Sobre as outras pedras presentes na praia, são mais distantes e seus nomes derivam de seus formatos, como segue a descrição:

Pedra do Bolo, muito pelo formato dela, que parece um bolo, e ela é uma pedra que pra subir tu não consegues. Tem que ter uma escadinha. Quando a gente era pequeno, a gente fazia uma escadinha de madeira e levava lá para amarrar com corda e conseguir subir. Porque sem isso não dá pra subir. Daí essa aqui, tem gente que chama de Pedra da Boca do Forno e tem gente que chama só de Forno. Eu sempre conheci como Pedra do Forno. Por causa do formato, que lembra a entrada de um forno, assim. Daí essa outra aqui, é a Pedra da Velha, porque tem gente que acha que vê uma pessoa ali, uma velha ali. Mas eu nunca enxerguei nada. Tem gente que vê de um lado, é uma cabeça, uma coisa com véu, sei lá. Tem gente que acha que aquilo ali é o rosto de uma velha com véu. Mas eu nunca enxerguei nada ali. [...] Depois, lá no final (da praia), tu vais ter essa aqui, a Pedra do Rio. Essa pedra...eu nunca fui de tomar banho muito pra lá. Eu sempre fui da parte das famílias que tomam banho no começo da praia. Por causa desse rio aqui, um rio de água potável, daí ficou Pedra do Rio. Mas essa pedra também dá pra pular (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

Figura 120 – A nomeação das pedras.



Fonte: esquema elaborado do autor (2022).

Figura 121 – Crianças saltando da Pedra da Laje.



Fonte: acervo do autor (2022).

Figura 122 – Os saltos da Pedra da Caveira.



Fonte: acervo do autor (2022).

É comum ver as crianças saltarem da “Pedra da Caveira” no verão, tornando-se uma prática particular da Praia da Tapera. Durante uma caminhada, os saltos da Pedra da Caveira chamavam a atenção de todos que estavam na praia. Mais de 10 crianças pulando e nadando em volta da pedra. A pedra da caveira se chama assim porque havia uma pichação de uma caveira nela. Moradores mais antigos a chamam de pedra do violão e já brincavam de pular em suas infâncias ali na praia. Os saltos têm acrobacias, movimentos. A criançada até posou para as fotos. Uma infância ainda marcada pelas amizades e brincadeiras na rua. A pedra fica praticamente sem espaço, os pulos são ordenados e há variações de salto e locais onde é mais alto e onde é mais baixo. Todo o uso relacionado às pedras é cartografado pelas crianças. Existe um local adequado para a subida, já mapeado por elas. Os saltos ficam melhores quando a maré está cheia, proporcionando saltos mais radicais, como o mortal e o canivete.⁴² As pedras também viram locais de permanência, namoro e fruição da paisagem. As pedras são praticadas.

Outra prática tradicional, de quem é nativo, é ir para a Ilha das laranjeiras a nado. Além de ser uma prática entre os adultos, que nadam para se exercitar, é uma brincadeira entre crianças do bairro, que crescem nas imediações da Praia da Tapera. Segundo Anderson Mendes (2022):

Na ilha, depois que a gente já tinha uns 13 ou 14 anos, porque menor que isso a gente não conseguia chegar na ilha a nado. Até quando se começa a ir pra ilha, 13 ou 12 anos, não se vai direto aqui da Praia da Tapera,

⁴² Segundo Anderson Mendes (2022), o canivete é o nome que se dá a um tipo de pulo. Semelhante ao “bico”, mas tentando encostar as mãos nos pés. “Tu fecha como se fosse um canivete e depois abre pra dar um bico” (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

entendeu? não se vai daqui da frente, porque é mais longe. Se vai daqui dessa prainha, pra onde a gente ia pras pedras de pular (da ilha) é mais perto. Quando a gente começava a ir, a gente ia direto pras pedras. A gente vinha pra cá, e descansava, às vezes ia pra lá na entrada da ilha e ficava lá dentro. Daí a gente começava a ir, a gente ia direto para as pedras. A gente vinha pra cá (pedras) descansava e depois ia para a entrada da ilha e ficava lá dentro. Depois de um tempo, já conseguia vir da praia direto, daqui da frente, com uns quatorze, quinze anos (MENDES, 2022, s/p., [sic]).

Logo ao lado, nas terças também acontecem as aulas de *Stand Up*, realizadas pelo CCFV - Tapera. A atividade tem uma boa receptividade com a comunidade, as crianças têm a oportunidade de aprender um esporte, socializar, usar a praia, no qual é bem adequada para essa atividade, por ser um mar de baía.

Figura 123 – As aulas de *Stand Up*.



Fonte: acervo do autor (2021).

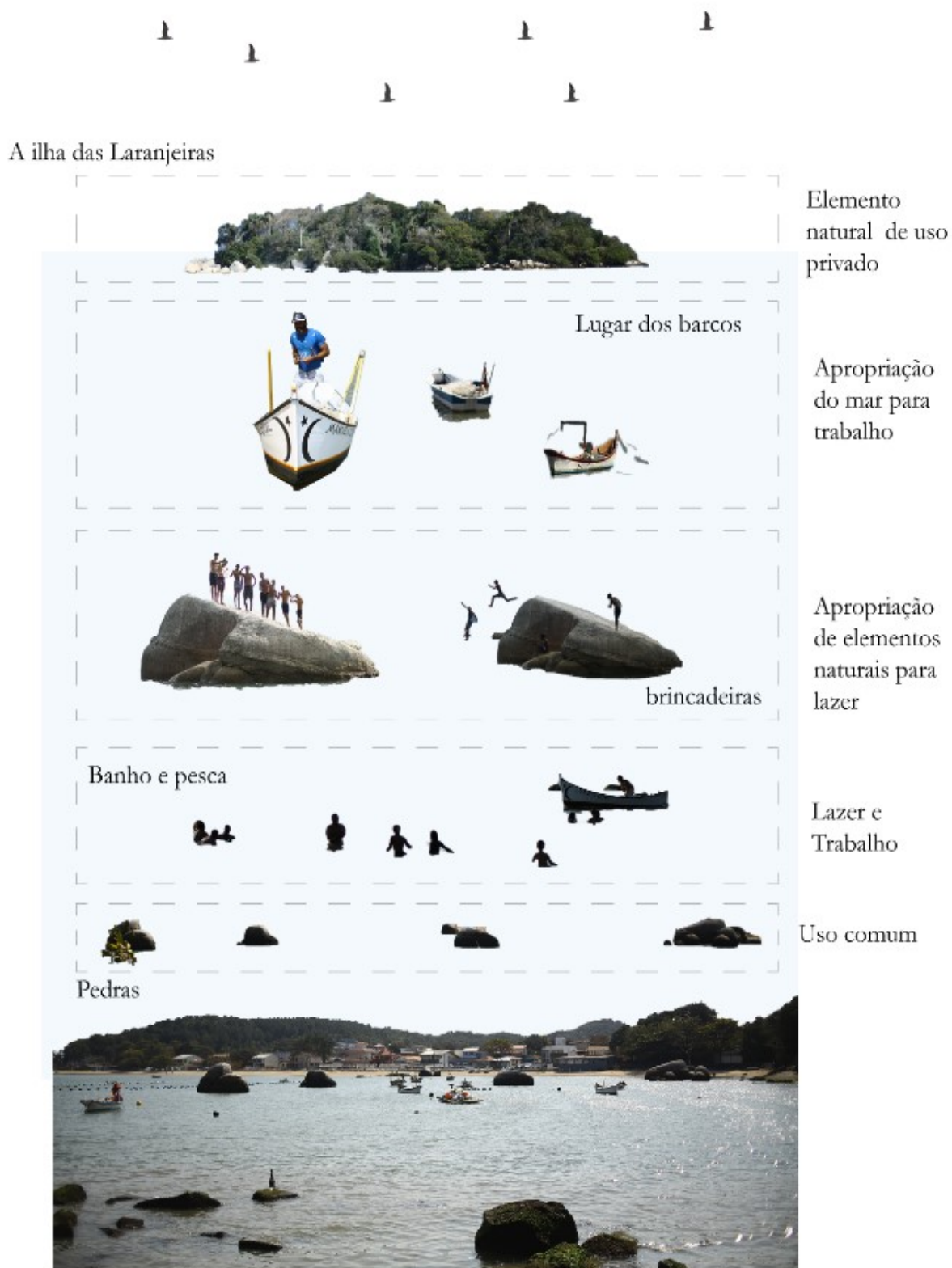
Além do lazer, o mar é também um ambiente de trabalho para os pescadores. Manter a ordem e a organização é primordial. Da mesma forma que as crianças mapeiam as pedras para pular, os pescadores também mapeiam os caminhos que evitem pedras e lajes submersas para sair com suas embarcações. Para os pescadores, ainda é preciso saber o local onde se jogam as redes. Esse conhecimento é particular do pescador da Tapera.

O uso do mar traz embates e negociações. Confeccionam-se bandeiras para sinalização das redes e embarcações. Durante uma caminhada, paro numa roda de conversa entre três pescadores. Um deles estava preparando uma bandeira, para sinalizar a localização da rede. O pescador estava recortando um guarda-sol⁴³, amarelo e vermelho. Segundo ele, as cores tornariam a bandeira mais visível em alto mar. Ele relatou um caso, onde uma embarcação da Marinha passou por cima

⁴³ Um guarda-sol das lojas *Koerich*, popular aqui em Florianópolis.

da rede e da bandeira. Para este pescador, era um absurdo a própria Marinha cometer este tipo de erro.

Figura 124 – Esquema dos usos do mar.



Fonte: esquema elaborado pelo autor (2022).

3.6 QUANDO A PRAIA VIRA QUINTAL

No Capítulo 2, sobre a categoria da Rua, abordei a categoria de quintal, como sendo espaços privados, dentro de um lote, no qual representa a externalidade. Revisando, o quintal assume conjuntos de atividades, tanto relacionadas ao trabalho como ao lazer, criando meios de comunicação visual do espaço doméstico com o espaço externo do lote, e deste espaço externo com a rua, através da visibilidade, das conversas de muro etc.

Neste sentido, as atividades e os espaços praticados, descritos no decorrer deste capítulo, denotam noções de um espaço externo, logicamente por ser uma praia, mas que nas formas de apropriação dos espaços, traduzem aspectos privativos. Ou seja, a praia pode ser entendida como um quintal, uma extensão de casa, borrando as barreiras do que é público, semipúblico e privado, passando a depender sempre do sujeito e da atividade que está sendo exercida no local.

Para o pescador, que passa tanto tempo em seu rancho, sua segunda casa, a praia realmente vira um quintal. A atividade pesqueira, através dos ranchos e do uso da faixa de areia e do mar, deixa claro a mudança de nuances entre as relações público-privado e trabalho-lazer⁴⁴. As diferentes formas de se apropriar da praia e do mar, e também da rua, deixam claro a variedade de tensões público-privado que se manifestam nas relações entre o que é trabalho ou lazer, o que é meu e o que é nosso, o que é visível ou invisível.

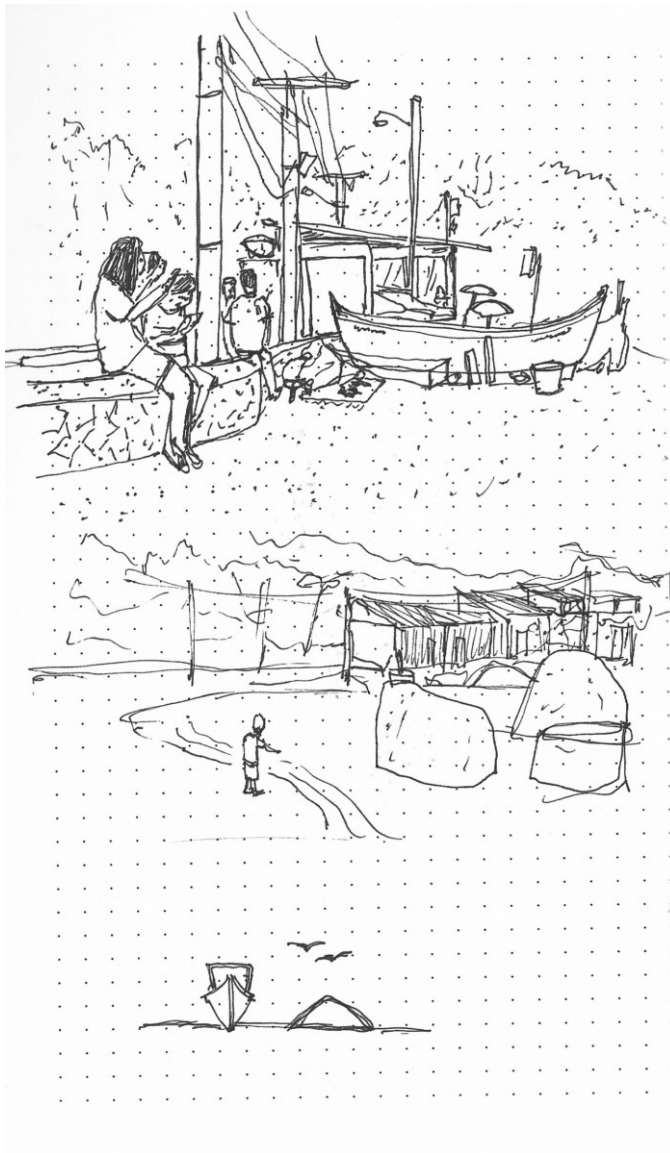
Tomando os Ranchos da Bica como exemplo da análise, são resultados de uma visão de cidade ainda tradicional nos seus costumes, onde as referências locais se traduzem nos modos de apropriação e valorização do seu espaço público. O local pode ser entendido como um espaço qualificado pelo homem comum, o homem ordinário (CERTEAU, 1994 apud CASTELLS, 2012). Onde se imprime uma concepção singular da vida destes homens do mar, da pesca, e também, dos moradores da Tapera, que encaram a praia como sendo seu quintal de casa. A praia, por ser um espaço público, manifesta todos os tipos de valores, que em conjunto, criam pertencimento ao lugar. Porém, quando os ranchos viram casas e a praia vira um quintal, ocorre uma mudança de caráter, mesmo que sutil. Essa

⁴⁴ Alicia Castells e Lino (2015) abordaram esse tensionamento público-privado nos territórios da pesca, no caso da Pesca Artesanal da Tainha com auxílio de botos, em Laguna.

alteração de categorias representa novos usos e as atribuições de valores da vida privativa do praticante do espaço, que no caso é pescador, por meio de critérios de propriedade e demarcação da vida privada no espaço público. (CASTELLS; LINO, 2015). Ocorre uma privatização pulverizada, gradual e progressiva (MAYOL, 1996), que neste caso, é bem recebida, refletindo, de fato, uma apropriação do espaço público.

4 CONCLUSÃO

Figura 125 – Alguns croquis na praia.



Fonte: acervo do autor (2021).

“Passava os dias ali, quieto, no meio das coisas miúdas. E me encantei.”

(Manoel de Barros, 1997).⁴⁵

⁴⁵ Nota: Trecho da entrevista "Manoel de Barros faz do absurdo sensatez" ao Jornal Estado de São Paulo (18/10/97).

Para responder às principais perguntas e provocações que surgiram nesta pesquisa, que foi tanto exploratória como definitiva, e deixar novas perguntas, retomo algumas considerações sobre o método de trabalho aqui utilizado.

As caminhadas fotográficas foram importantes para entender e interagir com o cotidiano do lugar. De forma frequente, pude ser percebido como alguém que estava interessado em saber mais, gerando muitas conversas e ganhando a confiança dos moradores, pescadores e frequentadores da rua e da praia, que também passaram a não estranhar a presença da câmera fotográfica.

A fotografia e o desenho foram importantes instrumentos para a leitura e a releitura dessa paisagem urbana no qual me debrucei. A fotografia merece mais destaque, porque ela funcionava como um diário de campo visual, afinando após cada caminhada o meu olhar fotográfico, podendo assim, articular o arquitetônico urbanístico com o antropológico. A partir das fotos, eu escrevia. Dessa forma, a fotografia conseguia ler essa paisagem, porque foto e paisagem funcionam como enquadramentos, escolhas e delimitações do nosso olhar, que sempre seleciona. Como menciona Simmel (2009), são unidades particulares da natureza, organizadas mediante um olhar humano, um olhar que enquadra.

Nas caminhadas, entre o andar e o parar, o pesquisador-fotógrafo apreende informações em diferentes escalas, do detalhe, das conversas até a paisagem da rua e da praia. Tudo que despertava curiosidade e me provocava, através das lentes da câmera (e as minhas lentes pessoais), viravam imagens que serviriam de apoio para a escrita. Por meio desse andar curioso, com um olhar atento fui compreendendo a construção de lugar enquanto acúmulos de tempos (SANTOS, 2012).

A pesquisa qualitativa me proporcionou reconhecer os pequenos mundos que existem na Praia da Tapera. Krenak (2020), em *Ideias para adiar o fim do mundo*, faz a gente refletir sobre o conceito de mundo, não um só mundo, mas mundos no plural. Há mundos que chegam ao seu fim. Retomando o pensamento de Milton Santos, onde “cada lugar é, à sua maneira, o mundo.” (SANTOS, 2006, p. 213). Esses lugares, como a localidade da Praia da Tapera, com tanto acúmulo histórico, são lugares de conexão com um mundo partilhado pelo bairro (KRENAK, 2020). Como preservar os elementos identitários deste pequeno mundo?

Semelhante à epígrafe colocada nesta conclusão, as coisas miúdas aparecem no pensamento de Simas (2019), que constrói uma narrativa em cima de

um velho ponto de encantaria, que diz assim “uma é maior, outra é menor, a miudinha é a que nos alumeia / pedrinha miudinha de Aruanda êh!” (SIMAS, 2019, p. 13). Falar da escala vivida do espaço urbano, das práticas ordinárias, dos lugares comuns e compartilhados, do cotidiano simples, mas que guarda complexidades, é falar de miudezas. O reconhecimento dessas pedrinhas miudinhas é o primeiro passo para o entendimento e a preservação de um lugar. Esse foi o objetivo deste trabalho.

Como vimos, a Praia da Tapera e a Rua da Praia se misturam. Durante os dois capítulos anteriores, abordei as duas categorias sobre diferentes aspectos, identificando as atividades e analisando a forma como elas qualificam o espaço, tanto da rua quanto da praia. Apesar do esforço de tentar descrever categorias de forma separadas, é perceptível como elas se entrelaçam e formam o tecido social do cotidiano da localidade da Praia da Tapera.

A pesquisa me proporcionou entender os tensionamentos entre as visões de cidade. Coexistem cidades tradicionais e contemporâneas. Mesmo assumindo valores universais e plurais, a cidade contemporânea também possui singularidades marcadas pelo lugar, tal como a cidade tradicional. A revitalização da Rua da Praia é um processo contemporâneo, porém tanto a Rua da Praia quanto a Praia da Tapera refletem e continuam refletindo uma parcela da identidade cultural do bairro. Há práticas e lugares singulares, como as conversas de muro e janela, as cadeiras de praia na calçada, os ranchos de pesca, as denominações atribuídas às pedras locais, brincadeiras do mar, como a ida à nado para a Ilha das Laranjeiras e o uso da água Bica D'Água, utilizada por muitos moradores do bairro. Todas essas práticas identificadas na leitura da apropriação socioespacial permanecem num contexto contemporâneo.

Um outro tensionamento percebido foi no campo do patrimônio cultural. Ficou claro o movimento de esquecimento, por parte da cidade e do bairro, do sítio arqueológico da Praia da Tapera. O sítio arqueológico é um bem cultural reconhecido e cadastrado, que pertence ao bairro embora não seja reconhecido por ele. Esse movimento é colocado em contraponto a um processo de ressonância cultural (GONÇALVES, 2005) da Bica, no âmbito do bairro. Meu contraponto reforça uma indiferença, por parte dos moradores, com o passado indígena que existiu em seu “quintal”, atribuindo essa história distante, não familiar, ao museu. Já a Bica, não sendo considerada patrimônio no sentido legal, e nem em vias de, faz-se presente

no cotidiano, na memória e, cujo uso incessante pelos moradores, reverbera valores de um bem comum, assegurando sua continuidade e preservação.

A forma de apropriação da Rua da Praia e da Praia da Tapera borram as fronteiras entre as esferas público e privada e estabeleciam relações estreitas entre cultura e natureza, como foi visto nos usos atrelados ao mar, nos ranchos, no uso da Bica e das pedras nomeadas. Os Ranchos da Bica traduzem referências locais em sua formação, nos modos de apropriação e na valorização do seu espaço público. As formas como os pescadores se apropriam da praia e do mar, evidenciam as tensões entre público-privado, questionando o que é trabalho e lazer, o que é meu, nosso ou de ninguém. É um espaço qualificado pelo homem comum (CASTELLS, 2012 apud CERTEAU, 1994), onde se conjuga uma concepção específica de vida, a vida dos homens do mar. Como espaço público, os Ranchos da Bica, mas incluindo também toda a orla marítima da Tapera, são locais onde se manifestam diferentes tipos de valores, por meio de diferentes atividades, que em conjunto, criam nas pessoas que se apropriam, noções de pertencimento ao lugar. Isso fica claro quando há uma mudança de caráter, ou seja, quando os ranchos viram casas e quando a praia vira um quintal. Se imprime, por meio dos usos e das atribuições de valores da vida privativa do pescador, critérios de propriedade e demarcação da vida privada (CASTELLS; LINO, 2015).

Mesmo a rua e a praia sendo um espaço público, há determinados usos que provocam tensionamentos, onde se cria uma outra dinâmica, com novas regras ou condutas no uso de determinado espaço. Estas regras devem ser lidas e respeitadas, não só por aqueles que se apropriam do espaço público, mas também por aqueles que o visitam. Esse tensionamento, entre as esferas pública e privada, é visto desde os serviços de comércio feito nas ruas, como a venda de caldo de cana, os carros nas calçadas, as formas de comunicação entre muros, janelas e até nas atividades mais corriqueiras como as vendas de peixe e a limpeza da rede na faixa de areia. Isso cria características particulares ao lugar, operando conforme a categoria de bairro (MAYOL, 1996).

O limite público/privado, que parece ser a estrutura fundadora do bairro para a prática de um usuário, não é apenas uma separação, mas constitui uma separação que une. O público e o privado não são remetidos um de costas para o outro, como dois elementos exógenos, embora coexistentes; são muito mais, são sempre interdependentes um do outro, porque, no bairro, um não tem nenhuma significação sem o outro (MAYOL, 1996, p. 43).

Por meio dessa leitura socioespacial, feita na Praia da Tapera e Rua da Praia, pude entender como operam as diversas formas de apropriação que acontecem nesses espaços públicos. Isso aguçou meu olhar para compreender outros espaços públicos da cidade, seja pelas atividades e valores atribuídos aos usos, transformações físicas e simbólicas, até entender os conflitos territoriais e estéticos, por meio dos projetos de revitalização.

A revitalização da orla marítima da Tapera traz, em seu projeto, mudanças para os Ranchos da Bica, incluindo a regularização e padronização construtiva dos ranchos⁴⁶. É um local onde ocorrem mais embates, estas características particulares são pouco compreendidas. São questionadas até pelo Ministério Público de Santa Catarina, por meio de um decreto⁴⁷ 20.180/19 (FLORIANÓPOLIS, 2019), da lei orgânica do município, que os ranchos não são mais ranchos. A integridade construtiva é tida como precária e o argumento principal se pauta no uso alternativo dos ranchos como casa. No entendimento público, os ranchos só podem ser usados como depósito para as embarcações e equipamentos de pesca. Essa compreensão sobre os ranchos ignora todas as outras sociabilidades geradas pela pesca. Há de se levar em consideração a dependência da pesca e da economia do mar, como elementos vitais do cotidiano e subsistência do pescador artesanal. Parte da vida desses pescadores se passa nesses ranchos. O pescador artesanal é um trabalhador e seu rancho reflete seu lugar de trabalho, e também de descanso, devendo haver garantias de condições dignas para exercer suas atividades.

Entre 2017 e 2018, a Comissão de Pesca da Prefeitura elaborou um levantamento dos ranchos em Florianópolis. Segundo a Prefeitura, o levantamento contou com a ajuda das Associações de Pescadores dos diferentes bairros, que participaram das decisões no que se refere a regularização e padronização dos ranchos de pesca. Pude acompanhar, em setembro de 2020, a primeira reunião entre a comissão de pesca e os pescadores da Tapera. Ficou notável a cooperação entre os pescadores frente a regularização. Para os pescadores, regularizar e

⁴⁶ Durante o período de pesquisa, a revitalização da orla marítima foi finalizada. O processo de regularização e padronização dos ranchos não foram feitas durante o período de pesquisa.

⁴⁷ Este decreto tem como objetivo a regularização dos ranchos. Os ranchos que estão localizados em terrenos de marinha, como os Ranchos da Bica, devem ser regularizados em um prazo de dois anos, sob pena de remoção, conforme o artigo 15 do decreto. Entre outros temas, o decreto defende o uso dos ranchos como um local exclusivamente para atividade da pesca tradicional e maricultura.

padronizar, significa não perder os ranchos. Essa colaboração é primordial, geralmente entre nativos cuja fonte de renda principal é a pesca.

Ao abordar os aspectos territoriais, o Plano Diretor de 2014⁴⁸, em tese, garante os valores sociais, o desenvolvimento sustentável e a proteção ao patrimônio cultural, colocado em primeiro plano para a divisão territorial. Os Ranchos da Bica, mesmo construídos em áreas de preservação permanente e em terrenos de marinha, em lei, são protegidos pelo Plano Diretor, assegurando a manifestação cultural e seus lugares de realização (FLORIANÓPOLIS, 2014). Importante destacar aqui, que terrenos de marinha também são bens públicos e devem ter uma função social.

Art. 51. São usos permitidos em APP as atividades eventuais ou de baixo impacto ambiental como a implantação de trilhas para o desenvolvimento do ecoturismo, a construção de rampa de lançamento de barcos e pequeno ancoradouro, e a implantação de parques urbanos e parques lineares, inclusive com suas instalações de apoio, bem como a construção ou reforma de rancho destinado à pesca artesanal e edificações destinadas à atividade da aquicultura (FLORIANÓPOLIS, 2014, p. 26).

Art. 120. Os terrenos de marinha são *non aedificandi*, ressalvados os usos públicos necessários e as seguintes exceções:

II – Quando o uso das edificações tais como ranchos e outras edificações sumárias para abrigo de embarcações e equipamentos de trabalho, destinar-se à prática da pesca artesanal, da aquicultura e do extrativismo marinho de conchas e moluscos respeitadas as normas de ocupação previstas nesta Lei Complementar (FLORIANÓPOLIS, 2014, p. 43).

Já em aspectos estéticos, há o risco, impulsionado com a revitalização já concluída, com possível alargamento da faixa de areia e a padronização dos ranchos, de ignorar a diversidade do lugar e especificidades locais - como os diversos usos e apropriações descritas nas categorias analisadas, principalmente a categoria praia, caindo numa homogeneização da paisagem. Toda a diversidade de usos e a relação estreita com a natureza, parece ser desconhecida pelas políticas públicas, que se pautam na criação de um lugar imaginado (CASTELLS, 2012), não como um lugar vivido. A lógica do pensamento progressista e higienizante se repete: o lugar é visto como um local “bagunçado”. No caso dos Ranchos da Bica, sua regularização é, paralelamente, reforçada junto ao processo de revitalização da orla marítima, acompanhando os novos preceitos estéticos estabelecidos. Padronizar os Ranchos da Bica, serve a quem?

⁴⁸ Ainda vigente durante a escrita desta pesquisa.

Entre as interpretações de um espaço comum, está a reformulação deste espaço para além de uma polarização entre as esferas pública e privada. (MONTANER; MUXÍ, 2021). A pesca e os ranchos, e não só eles, como também o uso da Bica D'água, a nomeação das pedras e as brincadeiras feitas naquele mar, da praia como um lugar sagrado e todas as sociabilidades descritas na categoria rua, traduzem uma série de elementos identitários desta localidade da Praia da Tapera.

A Praia da Tapera pode ser encarada aqui como um espaço não só público, mas também comum, em seu sentido comunitário, com um agenciamento coletivo. Essas formas de se apropriar da praia não são de hoje, são frutos de acúmulos do tempo, formando uma paisagem que continua compartilhando e preservando valores ao bem comum (SANTOS, 2012). E, ao longo das gerações, a atividade pesqueira exerceu a função social destes terrenos de marinha.

Retomando os argumentos de Delgado (2011), para preservar a identidade da praia e as práticas que acontecem nela, ela deve ser entendida como um espaço público que exerce uma dimensão política, como lugar da democracia e das relações em público. Saber se essas mudanças em curso, citadas anteriormente, modificariam o espaço vivido dos moradores locais: desde o destino incerto dos Ranchos da Bica, que dão sentido ao espaço público da Praia da Tapera, a outras marcas do lugar, como a Bica D'água, o sítio arqueológico, as brincadeiras no mar, a presença das crianças nas pedras nomeadas dessas águas – que um dia podem estar fora do mar por conta do alargamento da faixa de areia – e entre tantas outras práticas identificadas, que podem alterar a dinâmica da rua e da Praia da Tapera, passando de um lugar para um não-lugar (AUGÉ, 2012), perdendo assim, no lugar público da praia, a democracia que Delgado (2011) defende.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luís Guilherme Albuquerque de. **O Espaço Público da Praia**: reflexões sobre práticas cotidianas e democracia no porto da barra em Salvador. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

AQUINO, Eduardo Silvério de. **Praiapaisagem**: A Redescoberta do Espaço Público na Praia. 2014. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ARCHER, Nate. **Entrevista designboom**: Paulo Mendes da Rocha. 2007. Entrevista. Disponível em: <https://www.designboom.com/architecture/designboom-interview-paulo-mendes-da-rocha/>. Acesso em: 12 set. 2022.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9. ed. Campinas: Papirus Editora, 2012. 112 p.

AZEVEDO, Thales de. **A PRAIA**: espaço de sociabilidade. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1988. 40 p. (Centro de Estudos Baianos).

BASTOS, Murilo Quintans Ribeiro. **Dos Sambaquis do Sul do Brasil à Diáspora Africana**: Estudos de Geoquímica Isotópica de Séries Esqueléticas Humanas Escavadas de Sítios Arqueológicos Brasileiros. 2014. 169 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geologia, Instituto de Geociências, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas Vol 3**: Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. 272 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Lei nº 7.661**, de 16 de maio de 1988. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Institui O Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro e Dá Outras Providências. 1. ed. Brasília, 16 maio 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7661.htm. Acesso em: 10 set. 2022.

CASTELLS, Alicia Norma González. Reabilitações urbanas na cidade contemporânea: entre as formas de fazer a cidade e as formas de fazer na cidade. *In*: CASTELLS, Alicia Norma González *et al* (Org.). **Patrimônio Cultural e Cidade Contemporânea**. Florianópolis: Edufsc, 2012. Cap. 1, p. 19-28.

CASTELLS, Alicia Norma González. Revitalizações Urbanas na Ilha da Magia (Florianópolis/SC). *In*: CASTELLS, Alicia Norma González; SANTOS, Jeana Laura da Cunha (Org.). **Patrimônio Cultural e museologia**. Florianópolis: Edufsc, 2014. Cap. 10, p. 175-189

CASTELLS, Alicia Norma González de; LINO, Fátima Satsuki de Araujo. **Educar, Documentar e Valorizar para preservar: Pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna**. Laguna: Iphan, 2015.

CORBUSIER, Le. **A Carta de Atenas**. 4. ed. São Paulo: Usp, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CÉSINHA. **Sítio arqueológico e passado da Praia da Tapera**, rancho do Césinha, entrevista, 27 mar. 2022.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades**. São Paulo: Perspectiva, 2013. 350 p.

DAMATTA, Roberto. NA PRAIA, A REFORMA DA SOCIEDADE. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 7-7. jan. 2006. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/396433/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 set. 2022.

DELGADO, Manuel. **El espacio público como ideología**. Madrid: Cataratas, 2011.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Etnografia de rua: estudo de Antropologia Urbana. *In: Revista Iluminuras*, v. 4, n. 7, 2003, pp. 1-22.

ESPÍNDOLA, Luciana da Rosa. **Tapera da Base - Bairro?** 2006. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FLORIANÓPOLIS (Município). **Lei Ordinária nº 6919**, de 26 de dezembro de 2005. Dispõe Sobre A Criação do Bairro Tapera da Base, no Distrito do Ribeirão da Ilha. 1. ed. Florianópolis, SC, 26 dez. 2005. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2005/691/6919/lei-ordinaria-n-6919-2005-dispoe-sobre-a-criacao-do-bairro-tapera-da-base-no-distrito-do-ribeirao-da-ilha-2005-12-26>. Acesso em: 09 out. 2022.

FLORIANÓPOLIS (Município). **Lei complementar nº 482**, de 17 de janeiro de 2014. Institui o Plano Diretor de Urbanismo do Município de Florianópolis que dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano, o Plano De Uso e Ocupação, os Instrumentos Urbanísticos e o Sistema de Gestão. Gabinete do prefeito. Disponível em: <http://ipuf.pmf.sc.gov.br/plano-diretor/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

FLORIANÓPOLIS. Constituição (2019). **Decreto nº 20180**, de 15 de abril de 2019. DECRETO Nº 20.180. Regulamenta O Art. 5º, X; O Art. 51, li; O Art. 120, § 2º e O Caput do Art. 123, todos da Lei Complementar Nº 482, de 2017. Florianópolis, 15 abr. 2019. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/2019/2018/20180/decreto-n-20180-2019-regulamenta-o-art-5-x-o-art-51-ii-o-art-120-2-e-o-caput-do-art-123-todos-da-lei-complementar-n-482-de-2017>. Acesso em: 20 set. 2021.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. **A vida na cidade**: como estudar. São Paulo: Perspectiva, 2018. 184 p.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, Materialidade E Subjetividade: As Culturas Como Patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano. 23, n. 23, p.15-36, jan/jun 2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.: **Inventário Nacional de Referências Culturais**: manual de aplicação. 1 ed. Brasília: Iphan, 2000. 40 p.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. 3. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2014. 296 p.

JOLÉ, Michèle. Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano. **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 45, p. 423-429, set-dez, 2005. Semestral.

KNEIP, Andreas; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de. João Alfredo Rohr e A Pesquisa em Sítios Guarani em Santa Catarina. *In*: NIZZOLA, Liliane Janine; SOUZA, Margareth de Lourdes; MARQUES, Roberta Porto (org.). **A Trajetória Arqueológica de Pe. João Alfredo Rohr em Santa Catarina**. Florianópolis: Iphan, 2021. Cap. 8. p. 189-206.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 102 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 117 p. (Coleção Antropologia Social). 31 reimpressão.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2010. 143 p.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 17, n. 49, p.115-134, jun. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092002000200008>.

MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. **Sociedade e Cultura 1**: Cadernos do Noroeste, Minho, v. 13, n. 1, p. 201-218, jan. 2000. Série Sociologia.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social** – USP, São Paulo, p. 81-95, abr. 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e De Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MARTINS, Fabiana. **De Espaço Marginal a Trajetórias Plurais: Narrativas e Imagens na Construção do Bairro da Tapera - Florianópolis**. 2019. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996. Cap. 1. p. 37-114.

MELLO, Marco Antônio da Silva; VOGEL, Arno. **Lições da Rua (ou Quando a Rua vira Casa)**: Algumas considerações sobre *habito* e *diligo* no meio urbano. IBAM, FINEP, 1979-1980, 15 p.

MENDES, Agnaldo. **Sobre a bica, pesca e praia**. Casa do Agnaldo, entrevista, 22 mar. 2022.

MENDES, Anderson. **Sobre as pedras e brincadeiras na praia**. Casa do autor, entrevista, 24 mar 2022.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Política e Arquitetura: por um urbanismo do comum e ecofeminista**. São Paulo: Olhares, 2021. 352 p.

MUEHE. **Geomorfologia**. 2ed, cap. 6, pp. 291: 1994.

NIZZOLA, Liliane Janine. SOUZA, Margareth de Lourdes. MARQUES, Roberta P. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (org.). **A trajetória arqueológica de Pe. João Alfredo Rohr em Santa Catarina**. Florianópolis: Iphan, 2021. 224 p.

NÓR, Soraya. **Paisagem e Lugar como Referências Culturais Ribeirão da Ilha - Florianópolis**. 2010. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura: Antologia Teórica**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 443-460.

PEREIRA, Rodrigo Nelson. **Os Territórios Sagrados (In)visíveis: os terreiros de religião afro-brasileira da Tapera, espaços de resistências e proteção social**. 2022. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. Santa Catarina: entre regiões e paisagens culturais. In: BRASÍLIA. Marcelo Brito. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (org.). **Revista do Patrimônio**. 40. ed. Brasília: Iphan, 2019. p. 191-215.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche. Turismo e paisagens históricas nas vilas litorâneas catarinenses. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche; FIGUEIREDO,

Lauro César. **Lugares**: patrimônio, memória e paisagens. Florianópolis: UFSC, 2014. Cap. 8. p. 205-234.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**: crônicas. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2007. 240 p. (A obra-prima de cada autor).

RODRIGUES, Domingos. **Lembranças da Tapera**, praia da Tapera, entrevista, 7mar. 2022.

ROHR, João Alfredo. **Relatório 1**: exploração científica da jazida arqueológica da tapera. Florianópolis: Independente, 1964. Acervo do Museu do Homem do Sambaqui.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 96 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e tempo. Razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos). 2 reimpressão.

SILVEIRA, Fabiano Bernardes da. **Narrativa Urbana**: construindo uma tapera na memória de Florianópolis. 2022. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1992. 241 p.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas miudinhas**: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 144 p.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 176 p.

SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem**. Covilhã: Lusosofia Press, 2009.

VELHO, Gilberto. Antropologia e Cidade. *In*: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **CIDADE**: história e desafios. Rio de Janeiro: Fgv, 2002. Cap. 2. p. 36-41.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.237-248, abr. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-93132006000100009>.

VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antonio da Silva; MOLLICA, Orlando. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 4. ed. Rio de Janeiro: Eduff, 2017. 174 p.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa sobre **“Lugar, cotidiano e apropriação: a identificação de elementos identitários presentes na praia da Tapera - Florianópolis/SC”**.

Esta entrevista faz parte das atividades desenvolvidas na pesquisa de mestrado de Artur Hugo da Rosa, no Pós-ARQ, com orientação de Alicia Castells. Segundo o Art. 1º da Resolução CNS n. 510, de 07 de abril de 2016, *“atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização”* não será registrada nem avaliada pelo sistema CEP/CONEP.

Este *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* está sendo utilizado dentro das atividades da pesquisa, deixando claro que a sua participação é inteiramente voluntária, descrevendo os riscos e benefícios, e ajudando você a tomar uma decisão esclarecida sobre sua participação.

Por favor, leia este documento e sinta-se à vontade para realizar qualquer pergunta. Se você aceitar participar desta pesquisa, por favor, assine as duas cópias idênticas deste documento. Uma delas ficará com o pesquisador e a outra é sua.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Meu nome é Artur Hugo da Rosa e eu sou mestrando em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Meu projeto de pesquisa é **“Lugar, cotidiano e apropriação: a identificação de elementos identitários presentes na praia da Tapera - Florianópolis/SC”**.

Se você concordar em participar desta pesquisa, a sua participação será realizada por meio de uma entrevista. A sua participação é inteiramente voluntária e você pode se recusar a responder a qualquer pergunta sem alegar motivo e poderá parar a entrevista por completo a qualquer momento sem prejuízo. Caso aceite participar, a entrevista terá duração aproximada de uma hora e eu gostaria de gravar o seu áudio para futura transcrição. Você pode recusar a gravação sem qualquer consequência. Neste caso, por favor assinale a opção no final deste documento, na próxima página, e eu tomarei notas durante a entrevista.

RISCOS

A pesquisa envolve os seguintes tipos de riscos. Primeiro, esta pesquisa pode fazer perguntas que causem algum tipo de desconforto. De forma a minimizar este risco, você pode se recusar a responder a qualquer pergunta sem alegar motivo e poderá parar a entrevista por completo a qualquer momento sem prejuízo. Segundo, a pesquisa envolve o risco de exposição pública de suas opiniões acerca da importância de entidades abertas à comunidade como patrimônio cultural nas freguesias. De forma a minimizar este risco, quando os resultados desta pesquisa forem publicados e/ou discutidos em público, a sua identidade e contato poderão ser mantidos sob sigilo, inclusive como forma de lhe preservar de eventuais desconfortos decorrentes da emissão de tais opiniões. Isto é, o pesquisador responsável pela pesquisa será o único ciente desta participação. Neste caso, por favor, assinale a opção no final deste documento.

BENEFÍCIOS

A pesquisa envolve benefícios mínimos diretos aos seus participantes. Você não receberá qualquer tipo de compensação financeira ou se beneficiará materialmente pela sua participação. Ainda que inexistam tais benefícios, as informações compartilhadas contribuirão para a produção de conhecimento sobre a praia da Tapera.

CONTATOS

Se você tiver qualquer pergunta, você pode fazê-las agora. Se você vier a ter perguntas ou dúvidas em qualquer outro momento, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável Artur Hugo da Rosa, por meio do e-mail arturhugodarosa@gmail.com ou pelo telefone (48) 996228289.

CONSENTIMENTO (POR FAVOR, MARQUE AS OPÇÕES ESCOLHIDAS):

Eu fui esclarecido sobre os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa. Ao concordar em participar desta pesquisa, eu concordo em ser entrevistado. Minha participação é voluntária e eu fui informado (a) de que eu posso parar a entrevista ou recusar a responder qualquer pergunta sem qualquer tipo de prejuízo ou consequência.

Eu _____ que a entrevista tenha o seu áudio gravado.

permito

não permito

Eu _____ permanecer anônimo nos trabalhos resultantes desta entrevista.

desejo

não desejo

NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO

Nome (por extenso): _____

Assinatura: _____

Data: _____

NOME E ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome (por extenso): _____

Assinatura: _____

Data: _____